

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO MOVIMENTO HUMANO**

**Geison da Silva Garcia**

**UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DE TREINADORES DE ESPORTE DE ALTO  
RENDIMENTO DE MODALIDADES OLÍMPICAS NO RIO GRANDE DO SUL**

**Porto Alegre  
2018**

**GEISON DA SILVA GARCIA**

**UM ESTUDO SOBRE A FORMAÇÃO DE TREINADORES DE ESPORTE DE ALTO  
RENDIMENTO DE MODALIDADES OLÍMPICAS NO RIO GRANDE DO SUL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Ciências do Movimento Humano.

**Orientador: Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho**

Porto Alegre

2018

## RESUMO

Este estudo tem por objetivo estabelecer o perfil de formação dos treinadores de esportes olímpicos que atuam com atletas e equipes de alto rendimento no Rio Grande do Sul. A pesquisa é de natureza qualitativa, realizada por meio de entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistados 13 treinadores. Os resultados indicaram que os treinadores de esporte de alto rendimento do Rio Grande do Sul consideram, como principais meios para a obtenção de conhecimentos: a experiência como atleta, a graduação em educação física, a pós-graduação em educação física e esporte, os cursos de formação de treinadores e as participações em competições. Apesar da experiência como atleta ter uma importância no processo de formação do treinador, ela não parece ser fundamental. A formação do treinador deve ser continuada e é importante destacar que os treinadores ficaram divididos entre existir ou não uma aproximação do conhecimento produzido pela universidade com a prática do treinador.

**Palavras-chave:** Formação do Treinador, Políticas de Esporte, Esporte de Alto Rendimento.

## **ABSTRACT**

This study aims to establish the training profile of Olympic sports coaches who work with athletes and high-performance teams in Rio Grande do Sul. The research is of a qualitative nature, carried out through semi-structured interviews. Thirteen trainers were interviewed. The results indicated that high-performance sports coaches in Rio Grande do Sul consider as main means to obtain knowledge: athlete experience, graduation and post-graduation in physical education and sport, coaching training courses and workshops and participation in competitions. Although the experience as an athlete has an importance in the training process of the coach, it does not seem to be fundamental. The training of the coach must be continued and it is important to emphasize that the coaches were divided between whether or not there is an approximation of the knowledge produced by the university with the practice of the coach.

**Keywords:** Coach Education, Sport Policies, High Performance Sport.

## LISTA DE FIGURAS

|   |     |
|---|-----|
| Figura 1: Níveis e fatores que influenciam o sucesso esportivo internacional. ....                              | 19  |
| Figura 2: Educação inicial e continuada dos treinadores esportivos no Brasil .....                              | 45  |
| Figura 3: Idade e anos de experiência dos treinadores.....  | 59  |
| Figura 4: Perfil de formação do treinadores .....   | 60  |
| Figura 5: Categorias e subcategorias da experiência como atleta. ....   | 61  |
| Figura 6: Importância da Experiência como Atleta para a Formação.....   | 62  |
| Figura 7: Contribuição de ter sido Atleta para a Formação. ....   | 65  |
| Figura 8: Nível como Atleta. ....   | 67  |
| Figura 9: Categorias e Subcategorias da Graduação em Educação Física. ....                                      | 70  |
| Figura 10: Importância da Graduação em Educação Física. ....  | 71  |
| Figura 11: Contribuição da Graduação em Educação Física. ....   | 74  |
| Figura 12: Conteúdos relevantes para os Treinadores desenvolvidos na Graduação em Educação Física. ....         | 76  |
| Figura 13: Categorias e Subcategorias da Pós-Graduação. ....  | 79  |
| Figura 14: Importância da Pós-Graduação. ....   | 80  |
| Figura 15: Contribuição da Pós-Graduação. ....  | 81  |
| Figura 16: Conteúdos relevantes para os Treinadores desenvolvidos na Pós-Graduação.....                         | 83  |
| Figura 17: Categorias e Subcategorias dos Cursos de Formação de Treinadores..                                   | 85  |
| Figura 18: Importância dos Cursos de Formação de Treinadores. ....  | 86  |
| Figura 19: Contribuição dos Cursos de Formação de Treinadores. ....   | 89  |
| Figura 20: Conteúdos relevantes para os Treinadores desenvolvidos nos Cursos de Formação de Treinadores. ....   | 93  |
| Figura 21: Categorias e Subcategorias da Participação em Competições.....                                       | 95  |
| Figura 22: Importância da Participação em Competições. ....   | 96  |
| Figura 23: Contribuição da Participação em Competições.....   | 97  |
| Figura 24: Categorias e Subcategorias da Formação Continuada.....   | 102 |
| Figura 25: Por que a Formação deve ser Continuada?.....   | 103 |
| Figura 26: Como Realizar uma Formação Continuada? .....   | 105 |
| Figura 27: Conhecimentos necessários para um Treinador de Alto Rendimento segundo os Treinadores do Estudo..... | 108 |
| Figura 28: Métodos de Aprendizagem mais usados pelos Treinadores.....   | 111 |

|  |     |
|--|-----|
| Figura 29: Relação do Conhecimento produzido pela Universidade com o seu Aproveitamento na Prática do Treinador..... | 115 |
| Figura 30: Dificuldades na Formação do Treinador de Esporte de Alto Rendimento do Rio Grande do Sul.....             | 118 |
| Figura 31: Dedicção Exclusiva para o Alto Rendimento.....  | 121 |

## LISTA DE QUADROS

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1: Países e Programas de Formação de Treinadores.....   | 30 |
| Quadro 2: Objetivos comuns encontrados em 20 cursos de Bacharelado em Educação Física no Brasil .....  | 46 |
| Quadro 3: Competências a serem desenvolvidas em 20 cursos de Bacharelado em Educação Física no Brasil.....                                   | 47 |
| Quadro 4: Objetivos, carga horária e níveis dos programas de formação de treinadores oferecidos por confederações esportivas no Brasil ..... | 51 |
| Quadro 5: Conteúdos e avaliações nos programas de formação de treinadores oferecidos por confederações esportivas no Brasil .....            | 53 |

## LISTA DE TABELAS

|   |     |
|---|-----|
| Tabela 1: Perfil dos treinadores, por esporte, idade, anos de experiência, sexo e experiência como atleta. .... | 58  |
| Tabela 2: Conteúdos da Graduação em Educação Física separados por modalidade. ....                              | 77  |
| Tabela 3: Conteúdos da Pós-Graduação separados por Modalidade.....  | 84  |
| Tabela 4: Conteúdos trabalhados nos Cursos de Formação de Treinadores separados por Modalidades. ....           | 93  |
| Tabela 5: Meios de Aprendizagem Destacados pelos Treinadores. ....  | 111 |

## SUMÁRIO

|  |            |
|--|------------|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b> .....  | <b>10</b>  |
| 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO .....   | 10         |
| 1.2 OBJETIVOS .....  | 12         |
| <b>1.2.1 Objetivo Geral</b> .....  | <b>12</b>  |
| <b>1.2.2 Objetivos Específicos</b> .....                                     | <b>12</b>  |
| 1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO .....  | 12         |
| <b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....   | <b>14</b>  |
| 2.1 O ESPORTE DE ALTORENDIMENTO E A FORMAÇÃO DE TREINADORES ESPORTIVOS ..... | 14         |
| 2.2 FORMAÇÃO DE TREINADORES ESPORTIVOS EM DIFERENTES PAÍSES..                | 23         |
| <b>2.2.1 Programas de Formação de Treinadores</b> .....                      | <b>29</b>  |
| <b>2.2.2 Conhecimentos do Treinador</b> .....                                | <b>40</b>  |
| 2.3 FORMAÇÃO DE TREINADORES ESPORTIVOS DO BRASIL.....                        | 44         |
| <b>3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS</b> .....                                   | <b>55</b>  |
| 3.1 SUJEITOS DA PESQUISA.....  | 55         |
| 3.2 ENTREVISTA.....  | 56         |
| 3.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....   | 56         |
| <b>4 ANÁLISE E DISCUSSÃO</b> .....   | <b>58</b>  |
| 4.1 PERFIL GERAL E DE FORMAÇÃO DOS TREINADORES .....                         | 58         |
| <b>4.1.1 Perfil Geral dos Treinadores</b> .....                              | <b>58</b>  |
| <b>4.1.2 Perfil de Formação dos Treinadores</b> .....                        | <b>59</b>  |
| 4.2 ETAPAS DA FORMAÇÃO DOS TREINADORES .....                                 | 61         |
| <b>4.2.1 Experiência como Atleta</b> .....                                   | <b>61</b>  |
| <b>4.2.2 Graduação em Educação Física</b> .....                              | <b>69</b>  |
| <b>4.2.3 Pós-Graduação</b> .....   | <b>78</b>  |
| <b>4.2.4 Cursos de Formação de Treinadores</b> .....                         | <b>84</b>  |
| <b>4.2.5 Participação em Competições</b> .....                               | <b>95</b>  |
| <b>4.2.6 Formação Continuada</b> .....                                       | <b>101</b> |
| 4.3 CONHECIMENTOS NECESSÁRIOS E MÉTODOS DE APRENDIZAGEM.....                 | 108        |
| <b>4.3.1 Conhecimentos do Treinador</b> .....                                | <b>108</b> |
| <b>4.3.2 Métodos de Aprendizagem</b> .....                                   | <b>110</b> |

|   |            |
|---|------------|
| <b>4.3.3 Aproximação do Conhecimento Produzido pela Universidade com a Prática do Treinador .....</b> | <b>114</b> |
| <b>4.3.4 Dificuldades na Formação.....</b>  | <b>117</b> |
| <b>4.3.5 Dedicção Exclusiva .....</b>   | <b>121</b> |
| <b>5 CONCLUSÃO .....</b>  | <b>126</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>131</b> |
| <b>APÊNDICE - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>  | <b>137</b> |

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO

A formação de treinadores esportivos tem sido objeto recorrente de estudo na área das Ciências do Esporte. Isso se justifica pelo fato de que, embora o treinamento esportivo seja um fenômeno antigo, a profissão de treinador é uma atividade relativamente recente e que se encontra em constante evolução (ERICKSON, 2008; EGERLAND, 2013).

O processo de formação de treinadores esportivos é complexo e idiossincrático, incorporando uma gama de conhecimentos necessários e passíveis de aprimoramento. Nas décadas de 1970 e 1980, as pesquisas sobre o assunto focavam predominantemente no comportamento dos treinadores.

A partir da década de 1990 ocorreu um crescente aumento no interesse pela investigação acerca da formação de treinadores devido à profissionalização do esporte e sua maior relevância na sociedade moderna. O papel desempenhado pelo treinador acompanhou essas mudanças, com um crescente interesse em práticas que desenvolvam o potencial dos profissionais a fim de corresponderem às exigências impostas pelo esporte de alto rendimento (CÔTÉ, 1998; CASSIDY, JONES, POTRAC, 2004; GOMES et al, 2011).

Adquirindo seus conhecimentos de diversas maneiras, cada uma tendo sua importância, a atividade do treinador é diversificada, abrangendo diferentes focos de atuação, designadamente, o treino, a competição, a gestão e a educação (DUFFY, 2006). Neste sentido, a forma como os treinadores aprendem a ser treinadores e mantêm-se atualizados é uma questão importante.

Tendo em vista que o treinador tem uma responsabilidade decisiva no desenvolvimento de atletas, sua formação deve ser projetada para que ele adquira competência para ajudar os atletas a atingir seus objetivos, seguindo os estágios adequados do seu desenvolvimento e no contexto em que o treinamento acontece.

Como o conhecimento dos treinadores e suas aplicações afetam diretamente o processo de treinamento (LYLE, 2002; RESENTE et al, 2014), a profissionalização dos treinadores e a correspondente melhoria do processo de sua formação têm sido destacadas como primordiais para alcançar a excelência no esporte. Neste sentido, o papel do treinador assume destaque dentro de políticas esportivas adotadas em

diferentes países para obtenção do sucesso esportivo internacional. Tais políticas são consideradas essenciais para estimular, regular, avaliar e monitorar cursos de formação de treinadores, na tentativa de aperfeiçoar as suas intervenções.

De modo geral, em diferentes países é exigida uma qualificação ou certificação para o exercício da profissão de treinador esportivo. Pesquisas enfatizam que os treinadores aprendem a ser treinadores através da experiência (jogando e treinando), através de mentores e das clínicas de treinamento.

Com relação aos métodos de qualificação/certificação de treinadores esportivos, existe uma diferença do Brasil com relação ao contexto internacional. No Brasil, a Lei 9696/1998, que regulamentou a profissão de Educação Física, estabeleceu a necessidade de curso de formação superior em Educação Física para exercer a função de treinador, exceto os treinadores de futebol, que não exigem um título acadêmico, porque o esporte possui regulamentos específicos (GALATTI et al, 2016).

Apesar de o treinador esportivo ser reconhecido como uma profissão neste país, Milistetd (2014) destacou algumas inconsistências na sua formação: currículo muito geral, poucas oportunidades para a aprendizagem experiencial e preparação principalmente focada no contexto de participação no treinamento esportivo. Na verdade, a formação de treinadores em contextos universitários não se alinha com outros aspectos do processo de profissionalização ou com os avanços legais em torno do treinamento.

Devido ao papel fundamental dos treinadores no desenvolvimento do esporte, alguns autores destacam a necessidade de investigar como o ocorre a sua formação em diferentes contextos (GILBERT et al, 2006; RESENDE et al, 2014; LEFEBVRE et al, 2016). Desta forma, no presente estudo levantamos a seguinte questão: Como ocorre a formação dos treinadores de esportes olímpicos que atuam com atletas e equipes de alto rendimento do Rio Grande do Sul?

## 1.2 OBJETIVOS

### 1.2.1 Objetivo Geral

- Compreender o processo de formação de treinadores de esportes olímpicos que atuam com atletas e equipes de alto rendimento do Rio Grande do Sul.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

- Estabelecer o perfil de formação dos treinadores de esportes olímpicos que atuam com atletas e equipes de alto rendimento do Rio Grande do Sul;
- Estabelecer as etapas fundamentais no processo de formação de treinadores de esporte de alto rendimento do Rio Grande do Sul;
- Identificar os conhecimentos que os treinadores de esporte de alto rendimento do Rio Grande do Sul julgam essenciais para sua atuação;
- Identificar os métodos de aprendizagem mais utilizados pelos treinadores de esporte de alto rendimento do Rio Grande do Sul;
- Identificar o papel da universidade no processo de formação de treinadores de esporte de alto rendimento do Rio Grande do Sul;
- Identificar as facilidades e as dificuldades no processo de formação de treinadores de alto rendimento do Rio Grande do Sul.

## 1.3 ESTRUTURA DO TRABALHO

A dissertação está estruturada em três partes. A primeira apresenta os pressupostos teóricos da pesquisa divididos em três subcapítulos. O primeiro trata da relação entre as políticas esportivas adotadas em um país e a formação e o desenvolvimento de treinadores; o segundo traz uma revisão sobre a formação de treinadores esportivos em diferentes países; e o terceiro aborda a formação de treinadores esportivos no Brasil.

A segunda parte apresenta os aspectos metodológicos da pesquisa, descrevendo os instrumentos e as técnicas utilizados para coleta e análise das informações. Além disso, trata dos aspectos éticos da investigação.

A terceira parte, dedicada à análise e discussão dos resultados da pesquisa, está organizada em três subcapítulos. O primeiro apresenta o perfil dos treinadores de esporte olímpico de alto rendimento participantes do estudo. O segundo trata das etapas da sua formação. A seguir, são abordados os métodos de aprendizagem, os conhecimentos necessários, a relação do conhecimento produzido pela academia e sua utilização com a prática e a necessidade de uma formação continuada. A parte final focaliza assuntos emergentes relacionados à formação de treinadores no Rio Grande do Sul.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O ESPORTE DE ALTORENDIMENTO E A FORMAÇÃO DE TREINADORES ESPORTIVOS

Com o crescimento dos estudos sobre as políticas de esporte de alto rendimento adotadas em diferentes países e a relação dessas políticas com o sucesso esportivo internacional, percebemos que a formação do treinador é um fator de destaque. Para melhor compreensão é importante a definição de alguns conceitos e a exemplificação de alguns desses estudos.

O esporte de alto rendimento é aquele que exige do atleta uma dedicação intensa para a obtenção dos melhores níveis de desempenho, possibilitando alcançar os resultados esperados, ou seja, as vitórias pessoais ou coletivas (MCPHERSON, CURTIS, LOY, 1989; MEIRA, BASTOS, BÖHME, 2012). Para estar inserido no contexto da competição de alto rendimento, o atleta precisa ser um competidor efetivo e regular, destacando-se dentre aqueles que praticam uma determinada modalidade esportiva. Isto pressupõe superar os mais elevados níveis de exigências físicas, técnicas, táticas e psicológicas (DE ROSE, DESCHAMPS, KORSAKAS, 1999). Bracht (1997) propõe que no esporte de alto rendimento a meta é a maximização do rendimento, a busca constante por ultrapassar limites e a quebra de recordes.

A legislação brasileira conceitua esporte de rendimento como sendo aquele praticado segundo normas e regras nacionais e internacionais, com a finalidade de obter resultados e integrar pessoas e comunidades do país e estas com outras nações. Dentro do conceito de esporte de rendimento, a legislação fez distinção entre o organizado nos moldes profissional e não profissional. O modo profissional é caracterizado por remuneração pactuada por contrato de trabalho ou demais formas contratuais pertinentes (COSTA, 2007; MILISTETD 2014).

O profissional é considerado pela lei como aquele que se torna um empregado de uma entidade esportiva, com direitos e deveres de um empregado qualquer que se capacita para o desempenho de sua função. No Brasil, o esporte de alto rendimento é organizado por duas entidades principais: o Governo Federal e o Comitê Olímpico Brasileiro (COSTA, 2007; MILISTETD 2014).

Definido o conceito de esporte de alto rendimento, percebemos que sua gestão, por natureza, busca o sucesso internacional e o seu desenvolvimento depende de condições ambientais adequadas envolvendo aspectos relacionados com o treinamento esportivo; com o apoio dos técnicos, familiares e colegas de treino; com a situação financeira para treinar e com a estrutura organizacional do esporte na sociedade (MEIRA, BASTOS, BÖHME, 2012; DE BOSSCHER *et al*, 2015a).

A forma como os serviços são organizados e administrados afetam o desempenho desse sistema. A sistematização da estrutura organizacional de diferentes países reflete-se em bons resultados esportivos internacionais. Os países que alcançam sucesso internacional no esporte possuem planos de ações nacionais que são elaborados de maneira central e aplicados em todo o território nacional. Os planos de ações podem ser gerenciados pelo governo, por entidades esportivas, ligas nacionais ou institutos nacionais de esporte (MEIRA, BASTOS, BÖHME, 2012; DE BOSSCHER *et al*, 2008).

Apesar da importância dessa sistematização da estrutura organizacional, o Ministério do Esporte, representado pela Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento (SNEAR), não possui uma política nacional de desenvolvimento de atletas e treinadores, mas apoia cursos isolados. O Comitê Olímpico Brasileiro (COB) é composto por estados e federações esportivas nacionais. São 29 federações no total, recebendo recursos do governo federal para administrar centros esportivos, organizar competições e promover o desenvolvimento de atletas e treinadores, além do governo federal oferecer apoio financeiro a atletas inscritos em competições nacionais e internacionais (MILISTETD, 2014).

Nessas circunstâncias, os pesquisadores e gestores têm um grande interesse em analisar as políticas esportivas existentes em diferentes países, buscando explicações para o fato de alguns países alcançarem o sucesso esportivo internacional, enquanto outros não (MAZZEI, 2015). O desenvolvimento do esporte em um país pode ser considerado como um produto de gestão estratégica. A visão sistêmica das organizações esportivas é benéfica para identificar fatores críticos que podem influenciar o sucesso do desempenho esportivo internacional (GREEN, OAKLEY, 2001).

Alguns trabalhos foram realizados com o intuito de identificar, descrever e comparar políticas de esporte de diferentes países. Green e Oakley (2001)

realizaram um estudo com o objetivo de explorar as políticas esportivas dos antigos países do Bloco Oriental (República Democrática Alemã e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas) e do Bloco Ocidental (Austrália, Canadá, França, Espanha, Reino Unido, Estados Unidos da América), como uma tentativa de identificar uma tendência para a uniformidade nos sistemas esportivos de alto rendimento.

A partir de análises de documentos e entrevistas com pessoas-chave responsáveis pelos antigos países do Bloco do Oriental e países do Bloco Ocidental identificaram dez fatores que levariam ao sucesso esportivo internacional. Podemos observar algum direcionamento para a importância do treinador dentro desse sistema em quatro desses fatores: financiamento adequado para infraestrutura e pessoal; clara compreensão sobre o papel dos diferentes agentes de comunicação; interação entre atletas, treinadores, gestores e cientistas; planejamento para cada necessidade dos esportes.

Green e Houlihan (2005) realizaram outro estudo com o objetivo de descrever e comparar a política esportiva da Austrália, Canadá e Reino Unido em natação, atletismo e vela. A partir de entrevistas e análises de documentos foram identificados cinco fatores que levariam ao sucesso esportivo internacional. Nesse estudo, já podemos observar que um dos fatores aborda o assunto específico formação de treinadores juntamente com ciência do esporte e medicina do esporte.

Digel (2005) também realizou um estudo com o objetivo identificar semelhanças e diferenças nos sistemas esportivos de alto rendimento da Austrália, China, França, Alemanha, Reino Unido, Itália, Rússia e EUA. Por meio de entrevistas, análise da literatura e análise sócio-demográfica de dados e documentos, determinou que os fatores de entrada para esse sistema esportivo eram treinadores, atletas, recursos financeiros, instalações esportivas e participação no esporte. Para que esse sistema esportivo obtivesse sucesso esportivo internacional, foram determinados os seguintes fatores relevantes no processo: estrutura organizacional, treinamento, desenvolvimento de talentos, apoio a atletas e treinadores, combate ao *doping*, sistema de concorrência e prioridades em alguns esportes.

Nestes últimos três estudos, podemos destacar a relevância do treinador e sua capacitação como parte dos fatores que levam um país a obter sucesso esportivo internacional. Os estudos citados acima partiram de análises de políticas esportivas já adotadas pelos países avaliados. De Bosscher *et al* (2006)

desenvolveram um estudo com a ideia de propor um modelo conceitual das determinantes do sucesso na política esportiva de alto rendimento agrupando critérios mensuráveis em algumas áreas de políticas que podem ser comparadas numa base transnacional.

A pesquisa da De Bosscher *et al* (2006) teve início no final de 2002, quando um consórcio de grupos de pesquisa de três países (Bélgica, Holanda e Reino Unido) iniciou um estudo comparativo internacional sobre políticas de esporte de alto rendimento. Esses pesquisadores expressaram necessidades comuns, a partir de sua própria perspectiva, para preencher a lacuna na pesquisa científica sobre a relação entre as políticas de esporte de alto rendimento e o sucesso esportivo internacional, para enfim avaliar cada nação contra suas concorrentes. Este propósito comum refletiu-se na sigla *SPLISS*(*Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success*), que significa fatores da política esportiva que conduzem ao sucesso internacional do esporte. A primeira etapa de investigação estabeleceu uma comparação geral das políticas esportivas de alto rendimento em seis países: Bélgica, Canadá, Itália, Holanda, Noruega e Reino Unido.

O objetivo dos autores foi elaborar um modelo que permitisse a criação de um “Índice de Desenvolvimento Esportivo” de cada nação, com fundamento na comparação dos níveis de desenvolvimento de cada fator chave considerado importante no sucesso esportivo internacional. Portanto, o *SPLISS* é um modelo baseado em nove pilares e permite a comparação transnacional de políticas esportivas de alto rendimento de diferentes países. Cada pilar é composto por indicadores que consistem em fatores críticos de sucesso (DE BOSSCHER *et al*, 2009):

- I Suporte financeiro para o esporte e para o esporte de alto rendimento;
- II Governança, organização estrutura de políticas para o esporte: uma abordagem integrada das políticas de desenvolvimento;
- III Participação e esporte de base;
- IV Sistema de identificação e desenvolvimento de talentos;
- V Suporte para atletas e pós-carreira;
- VI Instalações esportivas;
- VII Desenvolvimento e suporte para técnicos;

- VIII Competições nacionais e internacionais;
- IX Pesquisa científica e inovação.

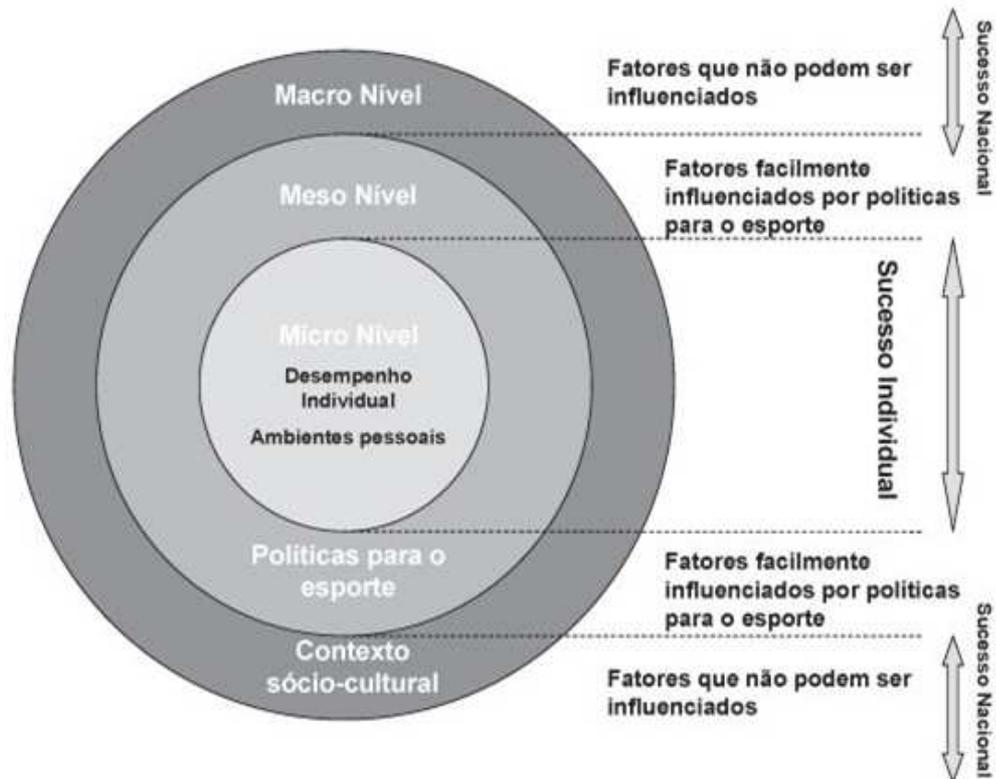
Dentro desses nove pilares, o pilar VII avalia a relevância do apoio e desenvolvimento de treinadores. O pilar investiga quatro áreas principais: o número de treinadores bem treinados e experientes; treinamento e oportunidades para desenvolver treinadores de nível internacional; as circunstâncias pessoais de treinadores e suas oportunidades de se tornarem profissionais; e seu status e reconhecimento (DE BOSSCHER *et al*, 2015a; BÖHME, BASTOS, 2016).

No Brasil, em parceria com o Centro de Estudos Olímpicos da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, a Secretaria Nacional de Esporte de Alto Rendimento desenvolve, desde o ano de 2012, o Projeto Referências, que tem como objetivo elaborar referências para subsidiar a formulação do Plano Nacional do Esporte de Alto Rendimento no Brasil. Um de seus objetivos específicos é mapear a situação/realidade das modalidades esportivas olímpicas e paralímpicas brasileiras em dez dimensões baseadas na metodologia SPLISS e adaptadas ao contexto nacional.

Uma das dimensões é chamada de Recursos Humanos onde a situação e a realidade do treinador e de outros agentes importantes no desenvolvimento do esporte de alto rendimento serão mapeadas. O treinador então é considerado uma peça importante dentro de uma engrenagem complexa que deve funcionar em harmonia para uma nação obter sucesso esportivo internacional.

Segundo De Bosscher (2008), há um conjunto de fatores políticos que determinam o sucesso no esporte de alto rendimento, classificados em três níveis, conforme figura 1:

Figura 1: Níveis e fatores que influenciam o sucesso esportivo internacional.



- O Macro Nível diz respeito ao contexto social e cultural em que as pessoas vivem. Engloba fatores como bem-estar econômico, tamanho da população, características territoriais e climáticas do país, grau de urbanização, sistema político e sistema cultural. Uma característica comum desses fatores é que eles estão em grande parte fora do controle dos formuladores de políticas públicas e dos sistemas políticos.
- O Meso Nível envolve os fatores mais influenciados pelas políticas públicas. Esses fatores são determinados total ou parcialmente pelas políticas e políticas esportivas. Atletas terão maiores chances de sucesso, dependendo da eficácia da política e do investimento feito no esporte de alto rendimento. A análise no meso nível em cada país possibilita a comparação de estruturas esportivas de diferentes países no sentido de compreender os fatores determinantes do desenvolvimento do esporte de alto rendimento. Vale ressaltar que, tendo em conta todos os vários fatores que determinam o sucesso esportivo, aqueles no nível Meso são os únicos que podem ser influenciados e mudar o sucesso.

- O Micro Nível compreende fatores que têm relação com característica individual e ambiente pessoal do atleta, envolvendo o planejamento do treinamento e o desenvolvimento de cada atleta. Alguns fatores podem ser controlados com a formulação de políticas públicas (como técnicas de treinamento ou táticas) e outros não podem ser controlados (como a genética ou a dedicação do atleta). Percebemos que uma política de qualificação na formação do treinador pode alterar o quadro desse fator de nível Micro.

Três estudos comparáveis no nível Micro (GIBBONS *et al*, 2003, DUFFY *et al*, 2001; DE KNOP, DE BOSSCHER, LEBLICQ, 2004) usaram um questionário aberto para identificar o que os próprios atletas consideravam ser os fatores determinantes do sucesso. Em todos esses estudos, as condições mais importantes e necessárias para o sucesso são a dedicação pessoal e a motivação do atleta. Outros fatores citados de forma consistente que podem ser categorizados como "ambiente pessoal de um atleta" incluem variáveis como pais, parceiros e treinadores. No nível Meso, a qualidade do treinador excedeu todos os outros fatores. A importância do apoio financeiro, suporte estrutural e oportunidades de treinamento, facilidades de treinamento e competição aparecem em todos os estudos.

Portanto, do ponto de vista da política, o suporte deve ser fornecido para maximizar a influência de fatores pessoais favoráveis. Ter o talento, o espírito e a dedicação são ainda essenciais no esporte de alto rendimento internacional, mas os fatores no nível Meso estão tendo um impacto crescente nas chances de sucesso de um atleta individual (DE BOSSCHER *et al*, 2008).

Compreendendo que os fatores que são influenciados por uma política esportiva, essencialmente em nível Meso, podem gerar alterações positivas no sucesso esportivo de uma nação, observamos que intervenções e planejamento em cursos de qualificação de treinadores podem ajudar nesse sentido. O Brasil demonstra essa importância ao analisarmos algumas políticas desenvolvidas.

O PPA (Plano Plurianual) é um instrumento previsto no art. 165 da Constituição Federal destinado a organizar e viabilizar a ação pública, com vistas a cumprir os fundamentos e os objetivos da República. Por meio dele, é declarado o conjunto das políticas públicas do governo para um período de quatro anos e os caminhos trilhados para viabilizar as metas previstas. O documento define as

políticas públicas do Governo Federal, com base nos compromissos firmados na eleição (MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, DESENVOLVIMENTO E GESTÃO, 2015).

O PPA 2004-2007 apresentava o programa Brasil no Esporte de Alto Rendimento, tendo como órgão responsável o Ministério do Esporte. O objetivo era melhorar o desempenho do atleta de rendimento brasileiro em competições nacionais e internacionais e promover a imagem do País no exterior. O PPA apresentava inúmeras ações, dentre elas estava presente a ação de captação de recursos humanos para o esporte de alto rendimento.

No PPA 2012-2015, o Plano Mais Brasil, o Esporte e Grandes Eventos Esportivos estabeleceram, como alguns de seus objetivos, as políticas de fomento ao esporte de alto rendimento para o país alcançar níveis de desenvolvimento de potência esportiva reconhecida mundialmente. Essa transformação exige um conjunto de atividades e esforços, com prioridade nas modalidades dos programas olímpicos e paralímpicos. Exige também apoio à formação, preparação e treinamento de atletas para as competições internacionais; à qualificação das equipes multidisciplinares preparadoras dos atletas; à profissionalização da administração das entidades esportivas, ao amplo desenvolvimento da base esportiva e à disponibilização de centros de treinamento que possam oferecer espaços adequados para a formação dos atletas.

Notamos mais uma vez a relevância da qualificação do treinador esportivo quando analisamos o Plano Decenal, discutido e aprovado na III Conferência Nacional do Esporte, realizada em 2010. O Plano Decenal trabalhou a partir de 10 linhas estratégicas. Na linha estratégica número 2 a proposta é exatamente a Formação e a Valorização Profissional. A linha estratégica número 6 é a linha do Esporte de Alto Rendimento, em que na sua primeira ação (promoção do Esporte de Rendimento para projetar o Brasil como potência esportiva mundial) observamos a meta 3 que estabelece qualificar os atletas, técnicos e equipes das mais variadas modalidades que tenham obtido as melhores colocações em competições internacionais na última década. Ainda na linha estratégica número 6, a ação número 10 estabelece a criação de uma estrutura política esportiva padronizada desde as escolas até os centros de excelência, ampliando o centro de pesquisa do Esporte de Alto Rendimento, bem como escolas para formação de técnicos

esportivos nas diversas modalidades, com graduação em Educação Física (III CONFERÊNCIA NACIONAL DO ESPORTE, 2010).

Analisando os Planos Plurianuais e o Plano Decenal, é possível identificar a importância dada ao treinador esportivo no Brasil. Percebemos que o treinador do presente, com horizontes no futuro, necessita de uma formação sólida, multilateral e específica que adote uma atitude perspicaz face aos atletas, quer no domínio motivacional quer no domínio emotivo e afetivo (ROSADO, 2000).

Para Marques (2003), o treinador é um dos principais alicerces do esporte. Através das suas técnicas, consegue transformar adolescentes em atletas e em pessoas de caráter. Ele é um modelo capaz de influenciar as posturas dos atletas dentro e fora do ambiente esportivo. Suas capacidades e suas qualidades como treinador provêm de dois tipos de educação: da experiência teórica e da prática. O treinador esportivo tem sido o responsável por promover experiências de aprendizagem voltadas à participação esportiva e também ao desenvolvimento de atletas que buscam rendimento em diferentes níveis. Associado às suas funções primárias, o treinador esportivo contribui para a formação pessoal e social, além de colaborar para o desenvolvimento da cidadania, educação, saúde e bem-estar de pessoas de todas as idades (ICCE, 2013).

Embora existam muitas semelhanças em toda a comunidade global de treinamento, características únicas no treinamento prevalecem em todos os esportes e países. As federações esportivas nacionais e internacionais definem e regulam os códigos mais universais de treinamento de treinadores. Cada organização esportiva e cada local estabelece e aplica diretrizes de treinamento mais personalizadas para abordar objetivos e questões específicas. O treinamento de treinadores e o esporte são mais bem contemplados quando os princípios e políticas das federações nacionais e internacionais trabalham em harmonia com as necessidades e experiências dos atletas nas comunidades locais e com as organizações que facilitam a sua participação (ICCE, 2013)

As funções do treinador são resultantes de um conjunto de competências advindas da mobilização, produção e uso de diversos saberes pertinentes (científicos, pedagógicos, organizacionais, técnico-práticos, etc.). Esse conjunto de competências deve ser organizado e integrado em função da ação a desenvolver em cada situação de sua prática profissional. A eficácia do treinador na condução e gestão da relação entre atleta e desempenho é importante para a produção de

resultados adequados, tais como o desenvolvimento físico e psicossocial, bem como os resultados da competição. Em reconhecimento à importância do seu papel na atualidade, significativos investimentos têm sido realizados em programas de formação de treinadores ao redor do mundo, na busca pela qualidade da preparação desses profissionais (ROSADO, MESQUITA, 2008; MALLETT, 2011; MADURO, 2012).

Distinguir sistematicamente os tipos de programas de desenvolvimento de treinadores pode ser essencial para entender onde intervenções recém desenvolvidas encaixam-se em um campo mais amplo. Estabelecer evidências mais precisas sobre a eficácia entre diferentes programas e estabelecer como diferentes tipos de programas podem impactar o comportamento do treinador (LEFEBVRE *et al*, 2016).

Podemos observar que o treinador assume um papel de destaque e possui várias funções: técnico esportivo, gestor, líder e educador, necessitando de conhecimentos em diferentes assuntos. Esses conhecimentos são a soma de suas vivências práticas e experiências de vida com seus estudos e desenvolvimentos acadêmicos. O treinador necessita de um diferente preparo, dependendo de qual for sua intervenção profissional. Para atuar em um âmbito de lazer e recreação, irá recorrer e necessitar de estratégias diferentes de quando for atuar em um contexto de esporte de alto rendimento. Cada esporte que o treinador for desenvolver irá necessitar de conhecimentos específicos da modalidade.

## 2.2 FORMAÇÃO DE TREINADORES ESPORTIVOS EM DIFERENTES PAÍSES

A formação do treinador deve abranger não apenas o aspecto profissional, mas também o treinador enquanto sujeito, fazendo com que entenda o conhecimento como um instrumento de trabalho, mas também como um meio de realização pessoal, incorporando a profissão como um projeto de vida, de valorização e crescimento. A formação não deve seguir apenas guias genéricos e a reprodução de práticas adotadas por outros profissionais, mas buscar um modo de pensamento crítico no qual permita aos treinadores o desenvolvimento de suas próprias ferramentas processuais (CUSHION, ARMOUR, JONES, 2003; ROSADO, MESQUITA, 2007).

Quando falamos em formação, o caráter mais tradicional é percebido numa lógica de formação prática, de saberes práticos e um ambiente de desvalorização dos aspectos teóricos e dos espaços de reflexão. Em contrapartida, a formação teórica envolve saberes abstratos onde não é possível a experimentação, diminuindo o potencial de desenvolvimento dos saberes profissionais dos treinadores esportivos (CUSHION, ARMOUR, JONES, 2003; ROSADO, MESQUITA, 2007).

É importante destacar que o treinador pode ser considerado como inexperiente ou experiente. Um treinador inexperiente tende a ser aquele que possui menos de três anos no exercício da função (SCHEMPP, MCCULLICK, SANNEN MASON, 2006). Já um treinador, para ser considerado experiente, necessita, em média, de 10 anos de atividade na função (CÔTÉ *et al*, 1995; MADURO, 2011). O treinador experiente tende a apresentar uma fundamentação e racionalização das decisões tomadas, um melhor relacionamento interpessoal com os atletas e uma promoção de ambientes de prática com impacto na qualidade das experiências dos atletas (JONES, WALLACE, 2006; SCHEMPP, MCCULLICK, SANNEN MASON, 2006).

Programas de desenvolvimento de treinadores esportivos emergem como um processo fundamental para as organizações esportivas. Estudos empíricos recentes e revisões sistemáticas fornecem evidências crescentes de que o desenvolvimento do treinador e os resultados dos atletas podem ser melhorados através de treinamentos realizados por organizações esportivas e pesquisadores (GILBERT *et al*, 2006; LEFEBVRE *et al*, 2016).

O treinador desenvolve seu trabalho em diferentes estágios de crescimento do seu atleta e também com diferentes objetivos de resultados. O Quadro Europeu de Competência e Qualificações de Treinadores (*The European Framework for Coaching Competence and Qualifications - EFRCCQ*) estabeleceu a classificação de dois tipos de treinadores: o treinador de participação e o de desempenho, duas ocupações padrão na área profissional, onde também foram estabelecidos seis domínios.

No caso dos treinadores de participação seus domínios são o treinamento de crianças, adolescentes e adultos. Já no caso dos treinadores de desempenho, seus domínios são o treinamento de atletas emergentes, de atletas e de atletas de alto rendimento. Os domínios, dentro das duas ocupações padrão, são usados para

identificar grupos específicos de atletas que podem buscar diferentes treinamentos em esportes, países e contextos sociais. O número e a composição dos domínios podem variar entre as nações e esportes, mas aqueles identificados pelo EFRCCQ oferecem um ponto de partida útil. É importante reconhecer que os treinadores podem trabalhar simultaneamente entre as duas principais ocupações e dentro de domínios diferentes, dependendo da natureza do seu papel (ISCF, 2012).

A descrição de duas ocupações marca uma mudança da visão tradicional dos papéis do treinador. Embora mantendo um foco no treinador de alto rendimento, o modelo sugere que os treinadores de participação desempenhem um papel distinto. Trabalhando em um ou mais domínios, os treinadores assumem papéis que exigem diferentes níveis de experiência e capacidade. Neste modelo, é reconhecida a necessidade de adaptar a educação e as qualificações dos treinadores à participação e ao treinamento de desempenho. Também é reconhecido que os treinadores necessitarão de conhecimentos específicos para apoiar o alcance dos atletas com relação às suas metas e objetivos (ISCF, 2012).

Visto que o treinador cada vez mais necessita de uma formação estruturada e qualificada, Abrahan, Collins e Martindale (2006) e Côté *et al.* (1995) destacam duas metodologias diferentes de formulação de propostas para intervenções na formação profissional dos treinadores. Ambos os estudos baseiam-se na utilização de pressupostos ligados às ideias de “modelo mental” e “mapa conceitual” que correspondem a dois importantes constructos, advindos dos estudos da psicologia cognitiva (BRASIL, RAMOS, DO NASCIMENTO, 2015).

- **Modelos Mentais:** podem ser considerados como estruturas cognitivas idiossincráticas, determinadas e concretas, que acontecem na memória do sujeito para compreender, explicar ou prever uma situação. São representações internas que podem ser estruturas estáveis, localizadas na memória de longo prazo, ou estruturas dinâmicas instáveis, geradas frente a uma situação concreta. Os modelos mentais são mecanismos de tradução e interpretação de situações reais, como se os treinadores possuíssem uma estrutura de intervenção em sua mente que serviria de base para ativar conhecimentos que julgassem importantes, estruturas dinâmicas que permitiriam avaliar, rapidamente, situações que não se enquadram em seu modelo mental, indicando a necessidade de ajustamentos (BRASIL,

RAMOS, DO NASCIMENTO, 2015). Côté *et al* (1995) basearam-se na abordagem dos modelos mentais para elaborar uma proposta chamada *Coaching Model*. O propósito do estudo situou-se em identificar os conhecimentos mobilizados pelos treinadores e usados para situações particulares do processo de treino esportivo.

- **Mapas Conceituais:** são representações visuais do conhecimento por meio de diagramas que indicam relações entre os conceitos, podendo seguir uma disposição hierárquica. A proposta dos mapas conceituais auxilia nas investigações sobre a aquisição e estruturação do conhecimento na mente das pessoas, possibilitando uma descrição sistematizada e concisa das áreas de conhecimentos úteis para desempenhar o papel de treinador, dos conceitos teóricos implicados e dos contextos de atuação dos treinadores (BRASIL; RAMOS; DO NASCIMENTO, 2015). Abraham, Collins e Martindale (2006) elaboraram uma proposta de modelo conceitual que serviria de base para a intervenção do treinador esportivo, o *Coaching Schematic*, que buscou a validação de um esquema detalhado e conciso dos conhecimentos, composto por conceitos gerais e específicos, requeridos ao treinador referente ao seu papel e contexto de atuação.

A fundamentação da prática do treinador pode ser definida através da sistematização de uma base conceitual onde estará localizada a definição dos princípios e conceitos necessários para a sua atuação profissional, representando uma estrutura formal ao treinador para que ele possa refletir sobre sua própria prática neste processo.

O objetivo é propiciar ao treinador, a partir de uma experiência prática, maior qualidade na intervenção, e um desenvolvimento mais consistente, a partir de um modelo de estrutura conceitual formal. Um repositório de arquivos que permitam a sua reflexão e a sua tomada de decisão. As investigações devem estar fundamentadas na prática dos treinadores para melhor favorecer o seu desenvolvimento conceitual e a sua compreensão detalhada, sejam quais forem os procedimentos metodológicos adotados. A preocupação é com uma apresentação acessível aos treinadores para que eles identifiquem onde e como determinada informação pode ser ajustada dentro do que eles realizam (CUSHION, ARMOUR, JONES, 2006; CÔTÉ, GILBERT, 2009; LYLE, 2010).

A atividade profissional do treinador esportivo, sendo uma ação multifacetada, estabeleceu a necessidade de compreender de que forma os treinadores aprendem a serem treinadores. Nelson *et al* (2006) utilizaram três tipologias para clarificarem as principais vias do desenvolvimento de treinadores esportivos: Aprendizagem Formal (Instituições de ensino e de certificação), Aprendizagem Não formal (atividades organizadas como clínicas, workshops, internet, etc.) e Aprendizagem Informal (experiências diárias, interação com outros treinadores, observação, etc.). Essa definição estimulou a produção de variadas investigações que demonstraram que as oportunidades de aprendizagem informal, como experiência acumulada como atleta e treinador, interação com os colegas, observação, eram vistas pelos próprios treinadores como as principais fontes de seu conhecimento (MILISTETD, 2015).

- **Aprendizagem Formal:** Definida como algo que ocorre em um sistema educacional institucionalizado, cronologicamente graduado e hierarquicamente estruturado. Os programas de aprendizagem formal exigem como característica que os candidatos, ao iniciar o programa, demonstrem os pré-requisitos descritos nas diretrizes de admissão. O programa deve apresentar currículos padronizados proporcionando que o aluno chegue ao final propício a obter sua certificação. As atividades de aprendizado formal incluem programas de certificação de treinadores em larga escala desenvolvidos pelos órgãos governamentais nacionais de esporte e programas terciários relacionados à ciência de formação de treinadores esportivos. Embora os treinadores constantemente se envolvam em atividades formais de aprendizagem, é notado que esses esforços apresentam um impacto relativamente baixo quando comparados a atividades de aprendizagem informal. O conteúdo curricular de tais programas tende a negligenciar as ciências sociais. Argumenta-se que os treinadores muitas vezes desenvolvem uma compreensão das ciências do esporte (fisiologia, psicologia, biomecânica), além de uma consciência tática e técnica de seu esporte de forma acentuada. No entanto, os aspectos pedagógicos e socioculturais relacionados ao papel do treinador no processo de sua formação são abordados de maneira minimalista (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

- **Aprendizagem Não Formal:** é definida como qualquer atividade organizada, sistemática e educacional realizada fora do quadro do sistema formal para fornecer tipos seletos de aprendizagem a grupos particulares na população. Aprendizagem não formal inclui conferências de treinamento, seminários, oficinas e clínicas. Embora a aprendizagem formal e não formal compartilhem muitas características semelhantes, a aprendizagem não formal diferencia-se, visto que apresenta um grupo particular a ser atingido pela sua metodologia (por exemplo, treinadores de alto desempenho, programas curtos que fornecem uma área específica de interesse), apresentando fontes alternativas às da via de aprendizagem estruturada formalizada (NELSON, CUSHION, POTRAC, 2006).
- **Aprendizagem Informal:** Definida como o processo ao longo da vida pelo qual cada pessoa adquire e acumula conhecimentos, habilidades, atitudes e percepções das experiências diárias e exposição ao meio ambiente. A pesquisa sobre formação de treinadores indica que os profissionais aprendem através de várias vias, incluindo experiência prévia como atleta, aconselhamento informal, experiência prática como treinador, busca de conteúdo na internet, manuais de treinamento, livros e artigos acadêmicos, além de interação com treinadores e atletas. Essas vias permitem ao treinador envolver-se em busca de conselhos, construção conjunta e transformações reflexivas com seus colegas para criar estratégias para superar seus dilemas de aplicação na prática de trabalho, tornando a contribuição da aprendizagem informal uma via que não deve ser subestimada (NELSON, CUSHION, POTRAC, 2006).

Nelson *et al* (2006) e Werthner e Trudel (2006) seguem essa linha de pensamento trazendo uma visão sobre situações de aprendizado de treinadores. A estrutura cognitiva de um treinador mudará sob a influência de três tipos de situações complementares: mediada, não mediada e interna. Em situações de aprendizagem mediadas, o aluno é direcionado para informações importantes por outro mais experiente (por exemplo, mentor). Situações não mediadas envolvem o aluno a decidir o que é importante ou útil e escolher o que aprender sob sua própria iniciativa (por exemplo, observando outros treinadores). Finalmente, as situações

internas de aprendizagem não envolvem apresentação de novas informações, mas uma "reconsideração de ideias existentes", como na reflexão.

O termo "Programas de Desenvolvimento de Treinadores" descreve atividades de aprendizagem formal ou não formal, como destacado anteriormente, aplicadas sistematicamente por meio da educação, interação social e reflexão pessoal com o objetivo de mudar o comportamento dos treinadores. Os programas podem integrar uma série de palestras, *workshops*, módulos de treinamento e grupos de discussão que são entregues por profissionais, pesquisadores ou colegas, tendo como objetivo geral promover mudanças de comportamento e desenvolver habilidades adicionais para os treinadores. Também pode incluir processos para educar amplamente ou reforçar o comportamento existente (EVANS *et al*, 2015).

Usada por Evans *et al* (2015), a terminologia "Programa de Desenvolvimento de Treinadores" (CDPs - *Coach Development Programmes*) faz referência a atividades com o objetivo de atingir um domínio específico. Um exemplo é a *Mastery Approach to Coaching*, desenvolvido por professores da Universidade de Washington, o único seminário de treinamento e educação validado cientificamente que demonstrou ter efeitos desejáveis no desenvolvimento pessoal, social e atlético dos jovens. Além de programas focalizados no aperfeiçoamento de habilidades específicas, existem sistemas completos de educação e capacitação de treinadores em que um conjunto de disciplinas é trabalhado concomitantemente (gestão esportiva, pedagogia, psicologia do esporte, táticas, ciência biofísica do esporte). Os programas de formação de treinadores podem desenvolver um sistema integrado com uma formação em diversas áreas como também podem focar em temas específicos. Um exemplo de sistema integrado é o Programa Nacional de Certificação de Treinadores do Canadá (*National Coaching Certification Program*) (CALLARY *et al*, 2014; NCCP; YE Sports).

### **2.2.1 Programas de Formação de Treinadores**

Explorar a estrutura e as pedagogias de programas de formação de treinadores de alto rendimento de diferentes países é indicado para entender como maximizar as abordagens individuais para ajudar os treinadores a aprender enquanto ainda se engajam em uma abordagem sistemática para o seu desenvolvimento. Os treinadores de alto rendimento desenvolvem seu ofício de

maneira própria e particular. Nessa abordagem, o principal meio de desenvolvimento do conhecimento é, muitas vezes, o acaso, tornando inconsistente essa via. Visto que o grau de profissionalização da formação do treinador está cada vez mais evidente, uma abordagem sistemática e baseada em evidências seria mais apropriada (WERTHNER, TRUDEL, 2009; CALLARY *et al*, 2014).

Callary *et al* (2014) investigaram sete programas nacionais de formação de treinadores. Seis são programas com conteúdo curricular estruturado e obtenção de diploma ao término e o sétimo. O *New Zealand's Coach Accelerator Program* é um programa de aprendizagem individualizado sem um currículo definido e os treinadores não se formam com a obtenção de um diploma. No entanto, existem objetivos no programa com parâmetros definidos por um grupo organizado (*High Performance Sport New Zealand*), tornando o *New Zealand's Coach Accelerator Program* digno de consideração. Podemos observar os países, os nomes dos programas e as instituições a qual pertencem no quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Países e Programas de Formação de Treinadores.

| País          | Programa   | Instituição   |
|---------------|--|---|
| Canadá        | National Coaching Institute (NCI)<br>Advanced Coaching Diploma | Coaching Association of Canada  |
| França        | Diplome d'Etat Superieur                                       | Institut national du sport, de l'expertise et de la performance (INSEP) |
| Alemanha      | Diplom-Trainer-Studium   | Trainer akademie Köln des DOSB  |
| Holanda       | Top Coach 5  | Hoge school van Amsterdam & Hanzehoge school Groningen                  |
| Noruega       | Elite Coach Certification Program                              | Olympiat oppen in cooperation with Telemark University College          |
| Suíça         | Diploma-Coach Education  | Coach Training Switzerland  |
| Nova Zelândia | Coach Accelerator Program                                      | High Performance Sport New Zealand                                      |

**Canadá:** As metas e os objetivos principais do programa de formação de treinadores do Canadá são desenvolver treinadores competentes capazes de preparar os atletas para o sucesso do pódio em competições de nível provincial, nacional e internacional.

O programa teve início em 1986 e é realizado em sete cidades. Até 2012, 600 treinadores foram graduados no programa (27% dos participantes eram mulheres e 75% possuíam diploma de graduação em universidades). O custo total do programa é de 13 mil dólares; porém, os treinadores podem receber uma cobertura total do custo, dependendo do seu status dentro da sua federação esportiva e da

disponibilidade de bolsas. A conclusão do programa de formação fornece reconhecimento ao treinador no seu ambiente profissional. O diploma, contudo, não é necessário para treinar atletas de alto rendimento, embora qualifique o treinador para receber financiamento do governo federal. No decorrer do programa, os treinadores trabalham individualmente com um mentor que observa e fornece *feedback* e orientação sobre sua prática de treinamento.

Para ingresso no programa, há recomendação de possuir diploma de graduação, necessidade de experiência previa como treinador de atletas no caminho para o alto rendimento, aprovação da federação esportiva e certificado de *Competition – Development Trained Status*. No *Coaching Association of Canada* (*Associação de Treinadores do Canadá*) existem três níveis de *workshops* para treinadores de competição que refletem os estágios do desenvolvimento do atleta: introdução, desenvolvimento e alto rendimento. O *Competition Development* é o estágio em que o contexto é projetado para treinadores de atletas que vão da etapa "treinar para treinar" para a etapa "treinar para competir" do desenvolvimento de atletas de longo prazo.

Referente à sua estrutura curricular, os conteúdos são abordados em forma de temas gerais e na estrutura de seminários. O cronograma do programa é dividido em quatro temas, cada um com 18-24 unidades, para um total de 88 unidades em 24 meses. A possibilidade de educação a distância é oferecida em todo o país e a carga horária das atividades práticas não é especificada. Outro método de aprendizagem abordada pelo programa é a criação de portfólios.

Os conteúdos abordados e carga horária são os seguintes:

- Ciências do esporte biofísico – 81h
- Ciências do esporte psicossocial – 40.5h
- Pedagogia – 54h
- Gestão do esporte – 54h
- Componente técnico e tático do esporte – 40.5h

Totalizando 270 horas de abordagens em diferentes áreas de conhecimento, também são contadas as horas de *homework* (lição de casa), que somam 500 horas, chegando num total de 770 horas.

Referente aos métodos de avaliação, os treinadores montam e apresentam portfólios de atribuições do programa.

**França:** O objetivo do programa é fornecer aos treinadores de alto rendimento com habilidades adicionais conhecimentos enriquecedores e um aumento do nível de sua formação. Atuar no esporte com comentários e ideias de diferentes disciplinas, fazendo com que os treinadores trabalhem um com o outro no ambiente da sala de aula. Os treinadores desenvolvem uma maior compreensão, abrindo os olhos para ideias e conceitos de outras pessoas no mundo do esporte. Ao serem questionados, os gestores que participaram do estudo não mencionaram o desempenho do atleta, mas destacaram que o programa concentra-se na aprendizagem, no desenvolvimento e na experiência do treinador.

O Programa teve início em 2010 e é realizado em Paris. Até a realização deste estudo, 44 treinadores obtiveram graduação no programa, 20% dos treinadores graduados eram mulheres. O programa tem a duração total de 10 meses, com um custo de 7.360 euros. Alguns treinadores ganham apoio das federações esportivas. Os treinadores têm um mentor de sua federação esportiva, bem como um mentor dentro do programa que fornece suporte adicional na informação curricular. Os graduados do programa podem entrar diretamente no 3º ano de sua licença de treinamento em *STAPS - Sciences et Techniques des Activités Physiques et Sportives* (Ciência e Tecnologia de Atividades Físicas e Esporte).

Para ingresso no programa de formação, não há exigência de educação formal; porém, as federações esportivas decidem se os treinadores da equipe nacional necessitam do diploma para treinar atletas de alto rendimento. Também é necessária a experiência de 3 ou 4 anos de atuação no campo de treinamento e uma aprovação da federação, dependendo do esporte.

Referente à sua estrutura curricular, os treinadores participam do programa uma semana por mês, durante 10 meses (de segunda a quinta-feira). Durante esse período, o treinador terá uma carga horária total de estágio de 500 horas. Os treinadores são encorajados a trabalhar uns com os outros de forma não competitiva e a sua participação nos programas e a ênfase nos diferentes tópicos abordados somam um total de 320 horas.

Os conteúdos abordados e as cargas horárias são as seguintes:

- Ciências do esporte biofísico – 120h
- Ciências do esporte psicossocial – 35h
- Pedagogia – 09h
- Gestão do esporte – 14h
- Componente técnico e tático do esporte – 14h

Ainda com relação aos conteúdos abordados, o programa destina 128 horas ao chamado desenvolvimento, comunicação e estrutura de treinamento.

Referente aos métodos de avaliação, não existe aplicação de exames; porém, é realizada uma apresentação final antes da formatura. Nas segundas-feiras, é destinada 1 hora à discussão, questionamento e realização de quatro portfólios (desenvolvimento estratégico, gerenciamento de recursos humanos, liderança de um sistema de treinamento, avaliação de risco).

**Alemanha:** o objetivo geral do programa é desenvolver um "praticante reflexivo": um treinador capaz de desenvolver atletas e equipes para o alto desempenho individual no sistema de esporte de alto rendimento.

O programa é realizado desde 1974, tendo atualmente Colônia como a cidade sede. O programa já graduou 1200 treinadores até o período de realização deste estudo, sendo 15% mulheres. Os graduados no programa podem candidatar-se a programas de mestrado e receber reconhecimento por seus estudos (o número de créditos para um mestrado está atualmente em discussão). No entanto, até o momento, não ocorre o reconhecimento oficial do seu diploma nas universidades. O custo total é de 9.000 euros. Os treinadores podem receber uma cobertura total do custo, dependendo do seu status de treinador dentro da sua federação esportiva e da disponibilidade de bolsas.

Para entrada no programa de formação, os treinadores devem ter a comprovação do certificado geral equivalente à Educação Secundária e aprovação da federação esportiva.

Referente à sua estrutura curricular, os treinadores participam do programa no período de uma semana por mês durante 36 meses (segunda a sexta-feira). Realizam estágio em um esporte diferente por um período de duas semanas, mais 100 horas de atividades esportivas específicas. No total, os treinadores têm 1200 horas de atividades. O programa não oferece educação a distância.

Os conteúdos abordados e as cargas horárias são as seguintes:

- Ciências do esporte biofísico – 140h
- Ciências do esporte psicossocial – 100h
- Pedagogia – 40h
- Gestão do esporte – 75h
- Componente técnico e tático do esporte – 240h

O programa ainda oferece 25 horas destinadas a conteúdos complementares, 100 horas de ciência geral e 480 horas em módulos orientados para resolução de problemas.

Referentes aos métodos de avaliação, os treinadores são avaliados sobre a sua capacidade de integrar teoria e prática. Os avaliadores observam os treinadores em seu ambiente de treinamento duas vezes ao longo do programa. Deveres de casa são realizados para todas as sessões, incluindo exames. É realizado também um projeto autônomo de 25 páginas que atenda ao esporte de alto rendimento, formatado de acordo com as diretrizes científicas. Um exame final é realizado em três partes: exame teórico escrito, exame oral e prática (sessão de treino e exame).

**Holanda:** tem como objetivo desenvolver: as competências necessárias para trabalhar em tarefas dentro da sua prática esportiva; as habilidades de raciocínio através de trabalho auto dirigido; a consciência dos efeitos de sua intervenção pessoal e trabalho para melhorá-la; a compreensão das exigências dos esportes internacionais e uma visão clara para o desenvolvimento do esporte; as competências (conhecimento, habilidades, atitudes e características pessoais) para levar os atletas de alto rendimento ao topo e explicar as consequências em termos de treinamento e programas de competição, orientação, organização e finanças para gestores e patrocinadores e uma consciência da necessidade de aprendizagem contínua.

O programa ocorre desde 2007 nas cidades de Amsterdam e Groningen. Até o momento da realização deste estudo 8 treinadores obtiveram graduação, sendo 14% mulheres. O custo do programa é de 9.000 euros. Os treinadores podem receber uma cobertura total do custo, dependendo do seu status de treinador dentro da sua federação esportiva e da disponibilidade de bolsas. Quando contatados, os

gestores enfatizaram o sucesso do pódio, os atletas campeões e as demandas internacionais dos atletas como capacidades relacionadas aos resultados que os treinadores devem ser capazes de realizar após completarem o programa. As federações decidem se os treinadores da equipe nacional devem ser portadores do diploma para treinar atletas de alto rendimento.

Referente aos pré-requisitos para entrada no programa de formação ocorre um procedimento de admissão focado na motivação e situação pessoal. É também exigida experiência em esportes (prática como atleta ou treinador) e, dependendo do esporte, aprovação da federação esportiva. Quanto à estrutura curricular, são apresentados aos treinadores temas gerais em formato de seminários. O cronograma é formatado em 6 temas em um período de 16 meses. Não é oferecido nenhum tipo de educação a distância. O programa, através de seus educadores, fornece *feedback* não apenas em matéria de treinamento, mas também de competição, dando aos treinadores a oportunidade de refletir sobre o seu papel na competição. Os treinadores realizam também de 10 a 20 horas semanais de estágio e 800 horas de tarefas de casa, totalizando 1055 horas.

Os conteúdos abordados e as cargas horárias são as seguintes:

- Ciências do esporte biofísico – 18h
- Ciências do esporte psicossocial – 40h
- Pedagogia – 12h
- Gestão do esporte – 24h
- Componente técnico e tático do esporte – 64h

O programa ainda oferece 97 horas destinadas a conteúdos complementares, 9 horas de nutrição, 9 horas de trabalho com base em evidências, 25 horas de revisão por pares e 54 horas de desenvolvimento pessoal.

Referente aos métodos de avaliação, os treinadores são submetidos a testes individualizados para cada um dos seis temas. Na prática de avaliação de treinamento, as atribuições do programa são executadas durante o estágio e avaliadas através de testes.

**Noruega:** Para fortalecer a competência e a reflexão dos participantes em temas importantes de treinamento de alto rendimento, com foco no desenvolvimento

e prática do treinador, é utilizada uma abordagem holística, onde a formação do treinador é vista como um esforço pedagógico com foco no relacionamento treinador/atleta. Especificamente, o programa visa: desenvolver a excelência do treinador (na prática); desenvolver habilidades de liderança (foco em qualidades humanas, como comunicação e reflexão); educar profissionais notáveis de reflexão, capazes de desenvolver uma compreensão reflexiva e crítica da prática de treinamento; e ainda, desenvolver a percepção e a compreensão de como o poder funciona na prática de treinamento.

O programa é realizado na cidade de Oslo. É o programa mais recente. Ocorre desde 2011 e até o momento da realização do estudo foram graduados 13 treinadores, 25% dos graduados são mulheres e o custo exato do programa é desconhecido. O *Olympi at oppen*, em colaboração com o *Telemark University College*, subsidia o programa e os treinadores pagam uma taxa mínima. Os mentores do programa trabalham para o *Olympi at oppen* (uma organização que faz parte do Comitê Olímpico e Paralímpico norueguês e da Confederação dos Esportes com a responsabilidade de treinar o esporte de rendimento) em três áreas: esporte de resistência, técnico ou de equipe. Esses mentores trabalham com treinadores que se enquadram em sua área de especialização. Único programa que fornece créditos para um diploma universitário de bacharel.

Quanto aos pré-requisitos para entrada no programa de formação, os treinadores são selecionados com base no desempenho no mais alto nível e avaliados pela equipe em *Olympi at oppen* para fazer parte do programa, conseqüentemente não precisam de aprovação de suas federações esportivas.

No que se refere à sua estrutura curricular, assim como no Canadá e Holanda, são apresentados temas gerais em formato de seminários aos treinadores. São 3 temas espalhados por 12 seminários de 2 dias. Não é oferecida educação a distância e são realizadas 200 horas de estágio. Os conteúdos do programa concentram-se exclusivamente em três temas: as ciências do esporte psicossocial, a pedagogia e a gestão do esporte.

Cada conteúdo abordado é dividido em horas:

- Ciências do esporte biofísico – 00h
- Ciências do esporte psicossocial – 30h
- Pedagogia – 60h

- Gestão do esporte – 30h
- Componente técnico e tático do esporte – 00h

Não há outro tipo de conteúdo abordado pelo programa.

Referente aos métodos de avaliação, no programa da Noruega para maximizar a aprendizagem, os treinadores devem escrever reflexões sobre sua prática em um diário de bordo e seu mentor ou o gestor do programa fornecem *feedbacks* sobre essas reflexões. Há uma ênfase nos seminários sobre os conhecimentos baseados em experiência de cada treinador e eles são encorajados a compartilhar e aprender uns com os outros através de discussões em grupo. Os treinadores recebem exames escritos e orais nos três temas.

**Suíça:** Para aperfeiçoar as habilidades esportivas teóricas, práticas e em esportes de alto rendimento; trocar ideias e experiências entre os participantes e aumentar a competência para as atividades dos treinadores; aumentar a competência em todos os campos relevantes do treinador e treinar treinadores em esportes de alto rendimento com foco em habilidades sociais e de autoconfiança. Especificamente, os objetivos do programa são construir habilidades para o treinador em: conhecimento específico do esporte; métodos de treinamento; autocompetência (tendo a capacidade de avaliar metas pessoais, pontos fortes e fracos através de reflexão e transferência crítica); competência social (tendo a capacidade de realizar um desenvolvimento positivo da cooperação) e, ainda, competência de liderança.

O programa ocorre na cidade de Magglingen. É o programa mais antigo, tendo início em 1970, graduando até o momento da realização do estudo 880 treinadores, sendo 18% mulheres. O custo total do programa é de 28.000,00 Francos. Assim como no Canadá, na França, na Alemanha e na Holanda, os treinadores podem receber uma cobertura total do custo, dependendo do seu status de treinador dentro da sua federação esportiva e da disponibilidade de bolsas. A princípio cada treinador acaba pagando 3.500,00 Francos. O diploma do programa de formação é reconhecido pelo governo suíço como a mais alta qualificação profissional.

Quanto aos pré-requisitos para entrada no programa de formação, assim como na Alemanha, os treinadores que almejam participar do programa devem comprovar conclusão do ensino secundário, ter realizado o nível 4 (*level 4 coach*) no

Treinamento Suíço em Esportes Competitivos (*Switzerl and Coaching in Competitive Sports*), comprovar histórico de 800 horas em treinamento com atletas, além da aprovação da federação esportiva.

Referente à sua estrutura curricular, são 12 módulos de 3 a 4 dias, somando um total de 42 dias divididos ao longo de 36 meses. Existe uma plataforma de aprendizagem (*on line*) para preparar os treinadores antes da realização dos módulos e também como suporte após cada módulo. O componente prático é exigido ao longo do programa com uma carga horária de 400 horas destinadas à prática de treinamento.

Os treinadores são encorajados a trabalhar uns com os outros de forma não competitiva. Cada treinador é parceiro de outro treinador de um esporte diferente, fornecendo orientação e suporte na abordagem de questões do treinamento. São destinadas 70 horas de estágio, 320 horas de tarefas de casa e 360 horas de projeto para obtenção do diploma.

Dos conteúdos abordados, cada conteúdo abordado é dividido em horas:

- Ciências do esporte biofísico – 120h
- Ciências do esporte psicossocial – 60h
- Pedagogia – 40h
- Gestão do esporte – 40h
- Componente técnico e tático do esporte – 60h

Não há outro tipo de conteúdo abordado pelo programa.

Já nos métodos de avaliação, na Suíça, ocorrem a elaboração do projeto de diploma: 6-12 meses para produzir tese escrita, levando a uma apresentação e discussão com duração de 1 hora. Também são destinadas quatro horas e meia de exames escritos (durante 4 módulos) e duas horas e meia de exames orais (2 módulos), além da realização de um relatório de 10 páginas referente ao estágio de 70 horas, avaliado por um educador do programa.

**Nova Zelândia:** Em síntese, o programa almeja desenvolver treinadores para tornarem-se capazes de produzir campeões mundiais, olímpicos e/ou paraolímpicos. Os objetivos do programa são: desenvolver treinadores, líderes influentes, pensadores estratégicos e altamente respeitados a nível nacional e

internacional; aprendizes implacáveis que colaboram para obter ganhos máximos de desempenho; empregados em posições de liderança significativas no esporte e solicitados por organizações esportivas nacionais e internacionais.

O programa ocorre desde 2009 na cidade de Wellington. Até o momento da realização do estudo o programa graduou 12 treinadores, sendo 17% mulheres. O *Coach Accelerator Program* é realizado pela *High Performance Sport New Zealand*<sup>1</sup>. O programa oferece, além de um mentor da federação esportiva, um consultor de alto desempenho da *High Performance Sport New Zealand* que trabalha com cada treinador com o objetivo de fornecer suporte de uma perspectiva gerencial.

A natureza do programa é diferente dos demais. É um programa direcionado para treinadores de alto rendimento que recebem um subsídio de treinamento e salário. Suas federações esportivas recebem cerca de 50.000,00 dólares por ano para que os treinadores envolvidos no programa tenham o custo de seus salários e do seu treinamento cobertos. Além disso, os treinadores têm um fundo de desenvolvimento profissional 8.000,00 dólares por ano.

Com relação à obtenção do diploma, o programa também se diferencia com relação aos outros programas anteriormente abordados. Na Nova Zelândia, não há diploma e os treinadores não precisam completar o programa. No entanto, muitas federações esportivas exigem a realização do programa de formação para que o treinador receba algum financiamento ou admissão no contexto de alto rendimento.

Referente aos pré-requisitos para entrada no programa de formação, não é exigido nenhum requisito em termos de educação formal ou programas de educação de treinadores, mas uma experiência em âmbito regional de treinamento em categorias sub-21 (abaixo de 21 anos de idade) e atuar como treinador ou ser um treinador com alto potencial para treinar atletas de alto rendimento.

Estrutura curricular: são realizados 10 campos de 4 dias ao longo de 3 anos. Não é oferecido programa de educação à distância. Também são realizadas discussões sobre estudos de casos reais, assim como simulações e espaços para reflexão. Os treinadores têm um contato total de 320 horas com o programa.

Referente aos conteúdos abordados, cada conteúdo abordado é dividido em horas:

---

<sup>1</sup>Coach Accelerator Program é realizado pela High Performance Sport New Zealand (instituição responsável pela realização do programa que trabalha em parceria com organizações nacionais de esporte, aloca recursos para organizações esportivas e atletas, e oferece suporte de liderança mundial para impactar o desempenho)

- Ciências do esporte biofísico – 00h
- Ciências do esporte psicossocial – 107h
- Pedagogia – 107h
- Gestão do esporte – 107h
- Componente técnico e tático do esporte – 00h

Devido à natureza não formalizada do programa, o gerente facilita uma discussão de questões de treinamento com cada grupo de treinadores nos campos. Desta forma, os treinadores compartilham seus conhecimentos e aprendem um do outro ao invés de terem um especialista externo. Os treinadores são encorajados a trazer exemplos de estudos de caso reais e se envolver em uma encenação para ajudar a resolver os problemas. Os treinadores ficam em acomodações de estilo dormitório durante seus campos de quatro dias com o tempo fornecido para discutir informalmente questões e refletir individualmente sobre as discussões. Os treinadores também comem refeições juntos, proporcionando outra oportunidade para discussões informais presenciais.

Quanto aos métodos de avaliação, o programa da Nova Zelândia é uma exceção: os treinadores não são avaliados.

Identificadas maneiras pelas quais os treinadores, de modo geral, adquirem seus conhecimentos, é de relevância destacar a importância de saber quais ocupações o treinador irá atuar em sua carreira, sendo um treinador de participação e/ou um treinador de desempenho com competências distintas a serem executadas em cada domínio de sua atuação. As competências essenciais são apresentadas em diferentes propostas de formação de treinadores em diferentes países. Visto um panorama geral de como é a formação de treinadores em diferentes países, necessita-se identificar como é a formação de treinadores no Brasil.

### **2.2.2 Conhecimentos do Treinador**

Visto alguns exemplos de programas de formação, em nível nacional, espalhados pelo mundo, é possível identificar a tendência que cada país desenvolve com relação à formação do seu treinador esportivo de alto rendimento e encontrar pontos em comum. Além dos conteúdos abordados pelos diferentes programas,

podemos destacar a importância dada à estimulação da prática e à interação entre treinadores, até mesmo treinadores de diferentes esportes. Entretanto, é importante analisar o que a literatura destaca como saberes e processos de formação referentes ao treinador esportivo.

Competência pode ser definida num sentido amplo como a capacidade que um indivíduo possui para resolver um determinado assunto, onde a competência será o conjunto estruturado de conhecimentos, aptidões e atitudes necessárias para a sua resolução. A competência depende do contexto. A definição de competência deve atender a dois atributos: conhecimento e habilidade. A habilidade para aceder ao conhecimento de uma forma eficiente é um atributo de um indivíduo competente. O conhecimento é referenciado a um campo mais teórico, na gama de informações sobre determinado assunto. O conhecimento situacional é a capacidade de desfragmentar o conhecimento bruto para utilizar em determinada situação. A competência é definida como a capacidade de aceder ao conhecimento de maneira eficaz (ROSADO, 2000; SARMENTO et al., 2000; BATISTA et al., 2008. MADURO. 2011).

Programas de formação de treinadores ao redor do mundo também buscam definir o que seria pertinente para o domínio de um treinador esportivo. O Projeto *AEHESIS (Aligning a European Higher Education Structure In Sport Science)* na área do treino esportivo também identifica uma série de conhecimentos que são indispensáveis para a aquisição de competências relacionadas com a atividade do treinador:

- **Conhecimento do esporte:** Regras, regulamentos, instalações, equipamento, características específicas de diferentes modalidades.
- **Conhecimento das pessoas no esporte:** Atletas e seus estágios de desenvolvimento; treinadores próprios e seus estágios de desenvolvimento; outros colegas treinadores; pais e comitiva; oficiais, árbitros e agentes; escolas, clubes e federações; meios de comunicação.
- **Conhecimento de ciências do esporte:** Técnica, tática, físico, aspectos mentais do esporte; medicina, nutrição, primeiros socorros, prevenção de lesões; metodologia e pedagogia (didática); psicologia e sociologia; biomecânica; periodização e planejamento; teoria do treinamento; estilo de vida; esporte modelo específico do desenvolvimento do atleta.

Na proposta de Abraham, Collins e Martindale (2006), que retrata um modelo conceitual que sirva de base para a intervenção do treinador esportivo em geral, os autores, por meio de entrevista com treinadores especialistas e determinadas modalidades, buscaram a validação de uma base de conteúdos requeridos, compostos de bases gerais e bases específicas que foi denominado de “*Coaching Schematic*” (*Esquema do Treinador*). Os conteúdos considerados pertinentes para o domínio do treinador são os seguintes:

- **Conhecimentos necessários:** conhecimentos requeridos aos treinadores para tomarem suas decisões. Ciências do esporte (Psicologia do Esporte, Psicologia Geral, Sociologia, Biomecânica, Nutrição, Fisiologia do Exercício e Controle Motor); conhecimento específico do esporte (técnico e tático); conhecimento de Pedagogia (comportamentos do treinador, aprendizagem cognitiva e motora, pensamento crítico).
- **Concepções, conceitos e procedimentos do treinador:** significados do “fazer” do treinador. Propósitos fundamentais da atividade do treinador (desenvolver habilidades mentais, incentivar a prática de exercício físico e um estilo de vida ativo, habilidades gerais para a vida). Concepções do treinador a respeito da modalidade que ensina (aspectos técnico-táticos e de planejamento destes conteúdos). Conhecimento sobre sequência e profundidade dos conteúdos e sua comunicação com os alunos/atletas.
- **Ambientes de desempenho:** ambientes de desempenho dos treinadores, bem como seus comportamentos nestes contextos.
- **Metas:** de acordo com o contexto de atuação (rendimento esportivo, saúde, recreação, participação, desenvolvimento pessoal).

Bento *et al* (1999) relatam que o treinador exerce influência muito pronunciada sobre as atitudes e comportamentos, sobre valores, orientação e sentidos de vida dos atletas. Portanto, é importante relevar os princípios éticos que um treinador deve possuir: qualidades como integridade, responsabilidade, dignidade, respeito pelos outros, competência, treinamento responsável e preocupação pelo bem-estar dos outros. Ainda destacam as dificuldades de afirmação das vantagens da qualificação pedagógica e científica dos treinadores. Os autores reconhecem que a investigação em ensino e formação de professores tem

muita dificuldade em lidar com o conhecimento prático e considera-o secundário quando comparado com o conhecimento acadêmico. Em compensação, muitos treinadores atribuem pouco valor ao conhecimento derivado do meio acadêmico.

Gilbert *et al* (2006) destacam a importância do domínio de conhecimentos oriundos da ciência do esporte devido à evolução no nível do treinamento. Treinadores mais qualificados proporcionam experiências mais apropriadas no processo de formação esportiva de seus atletas. Domínios sociais e pessoais são trabalhados em concomitância com o esportivo. Saíz *et al* (2005) ressaltaram alguns fatores que se encontram associados ao sucesso na atividade do treinador: o conhecimento específico do seu campo de atuação, ao nível técnico, teórico, prático e comunicativo, a determinação, o compromisso esportivo, a gestão e a liderança nas relações sociais estabelecidas com todos os membros da equipe esportiva.

O treinador carece de um conhecimento multidimensional de seu ambiente esportivo e o nível de seu conhecimento e sua aplicação tem um efeito direto no processo de treinamento. O conhecimento nos campos técnico, tático, físico e psicológico dentro de uma modalidade esportiva devem ser características de um treinador, destacando sempre a importância de uma orientação ética no trabalho com seus atletas. Espera-se que um treinador tenha competência para transmitir esses conhecimentos de diferentes áreas para seus atletas (LYLE, 2002).

Gould *et. al* (2002) também apresentaram uma relação de conhecimentos necessários para o treinador que incluía habilidades esportivas específicas, conhecimento nas áreas da preparação tática, da psicologia, da fisiologia do exercício, da medicina, da biomecânica e da legislação esportiva. Quarenta e seis treinadores que participaram em 1996 dos Jogos Olímpicos de Atlanta e dezenove treinadores que participaram em 1998 dos Jogos Olímpicos de Inverno de Nagano fizeram parte do estudo. A relação de competências foi avaliada pelos treinadores entrevistados e apresentou como a mais importante *a habilidade em seu esporte*, e a menos importante *o conhecimento da legislação esportiva*.

Côté e Gilbert (2009) definiram um treinador eficaz dentro de três domínios do conhecimento: o conhecimento do domínio profissional e também dos domínios interpessoais e intrapessoais:

- **O conhecimento profissional:** Capacidade de um treinador para ensinar habilidades e táticas específicas do esporte. O domínio de conhecimentos gerais sobre o esporte; dos processos fisiológicos do corpo humano; dos princípios biomecânicos do movimento humano; dos aspectos psicológicos que influenciam a prática; do modo como os atletas aprendem e suas capacidades; e os princípios pedagógicos necessários para atingir seus propósitos como treinador (comportamentos e procedimentos que viabilizam sua prática).
- **O aspecto interpessoal:** Refere-se à capacidade de um treinador de desenvolver e manter relações com e entre os atletas.
- **O aspecto intrapessoal:** Refere-se à capacidade de um treinador de refletir e aprender com a própria prática.

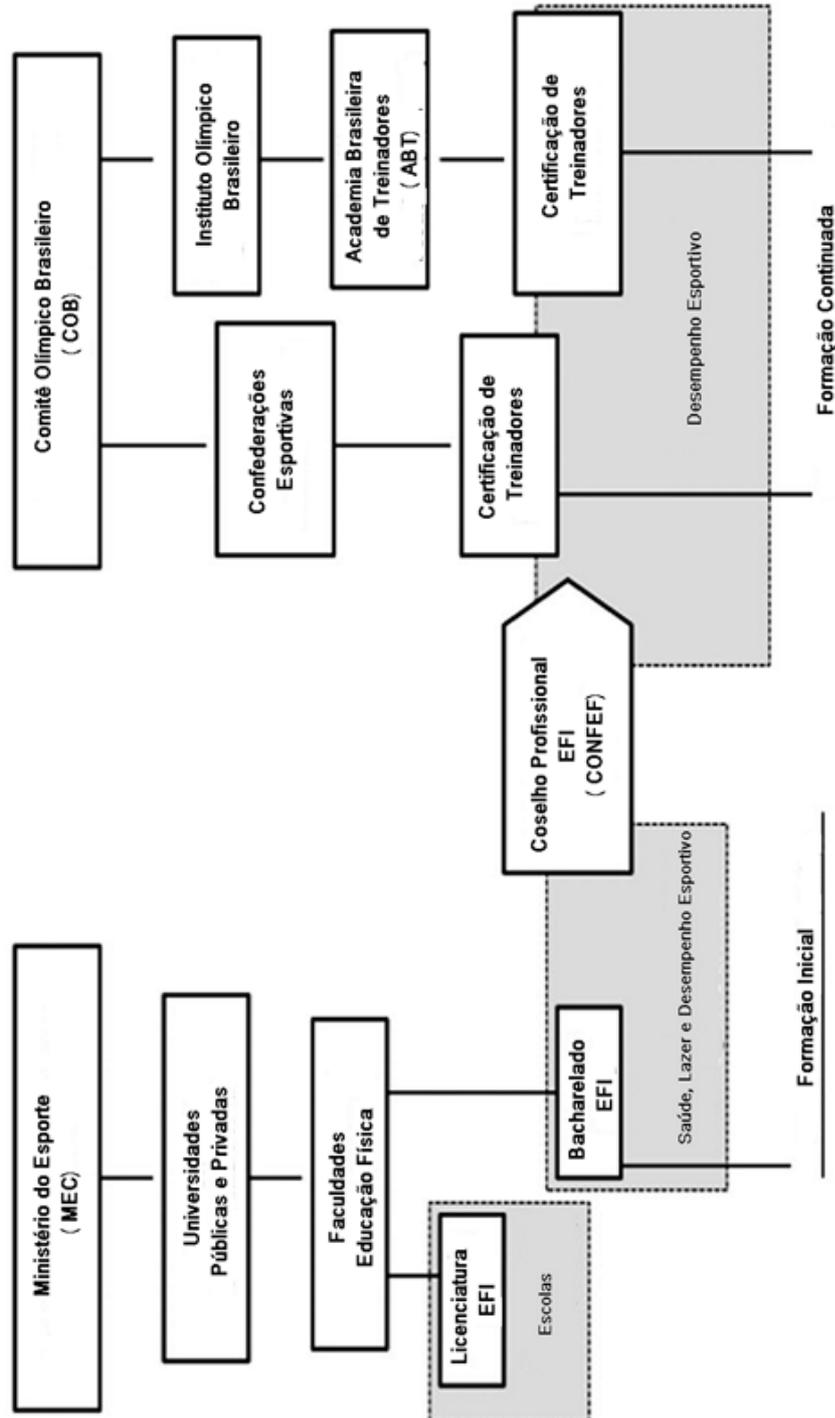
Evidências apontam que os atletas que experimentam um bom treino têm maior probabilidade de continuar a praticar o esporte ao longo da sua vida, desenvolvendo competências psicossociais e específicas do esporte de maneira mais eficiente. Entretanto, ao serem treinados por indivíduos que são indiferentes, injustos e que transmitem inadequadamente habilidades e táticas, os atletas relatam resultados negativos, como estar distraídos e não estarem entusiasmados com o esporte (LEFEBVRE et al, 2016).

### 2.3 FORMAÇÃO DE TREINADORES ESPORTIVOS DO BRASIL

No Brasil, o treinamento esportivo é reconhecido como uma atividade profissional. Assim, sob ponto de vista legal, o curso universitário é uma das principais vias da formação de treinadores. As Diretrizes Curriculares Nacionais estabelecem que os cursos de bacharelado em Educação Física devem oferecer formação ampla com bases humanas, biológicas e sociais, além de desenvolver uma formação específica relacionada aos conhecimentos identificadores da área, que se ligam às diferentes formas de atividade física e esporte. Para tanto, os cursos devem utilizar variadas formas de ensino, como aulas teóricas e práticas, práticas pedagógicas curriculares, estágios curriculares, entre outras experiências de aprendizagem para o desenvolvimento de conhecimentos e competências dos futuros profissionais (MILISTETD et al, 2014; MILISTETD et al, 2016).

Embora, a agenda investigativa ofereça informações relevantes sobre como treinadores esportivos aprendem, as evidências sobre o seu desenvolvimento profissional no ambiente universitário ainda são pouco conhecidas, principalmente no que se refere à formação inicial (MILISTETD ET al, 2014; MILISTETD et al, 2016). A figura 2 traz a estrutura da formação do treinador na realidade brasileira.

Figura 2: Educação inicial e continuada dos treinadores esportivos no Brasil



Fonte: (adaptado de Milistetd et al, 2016)

Para exemplificar o perfil da formação universitária no Brasil, Milistetd et al (2014) realizaram um estudo em que mostraram a visão geral do Bacharel em Educação Física. Foram analisados 20 cursos de universidades federais. Os autores do estudo concentraram-se em analisar três sessões das Diretrizes Nacionais para Cursos de Graduação em Educação Física, de cada curso:

- Objetivos do Bacharel em Educação Física;
- Competências a desenvolver;
- Organização do currículo - composta de três elementos: conhecimento fundamental, conhecimento específico, atividades culturais científico acadêmicas.

Os objetivos em comum encontrados nos 20 cursos estudados parecem estar de acordo com as diretrizes nacionais que reiteram que os futuros educadores físicos necessitam ter uma base de conhecimento que não se limite à prática do esporte, mas que os proporcione intervirem em diferentes contextos de movimento humano. Podemos observar essa lista de objetivos em comum no quadro 2.

Quadro 2: Objetivos comuns encontrados em 20 cursos de Bacharelado em Educação Física no Brasil

| Objetivos Comuns  | Número de Cursos | Percentual (%) |
|---|------------------|----------------|
| Preparar profissionais para poderem orientar <i>diferentes tipos</i> de intervenções em <i>atividades físicas</i> (com <i>base acadêmica e profissional</i> ).                                | 19               | 95             |
| Desenvolver uma educação geral, humanística e crítica qualificando a <i>intervenção</i> profissional baseada no rigor <i>científico, reflexão filosófica e conduta ética</i> .                | 10               | 50             |
| Preparar profissionais para contribuir na <i>socialização do conhecimento</i> .   | 8                | 40             |
| Desenvolver profissionais para atuar em <i>equipes multidisciplinares</i> , planejamento, coordenação, supervisão, implementação, orientação e avaliação em educação, <i>esporte</i> e saúde. | 8                | 40             |
| Formar profissionais para utilizar recursos tecnológicos para expandir e diversificar sua intervenção profissional.   | 8                | 40             |
| Promover a <i>articulação</i> entre <i>conhecimentos fundamentais e específicos</i> .   | 7                | 35             |
| Incentivar a atividade criativa.  | 4                | 20             |
| Incentivar a educação continuada.   | 4                | 20             |
| Promover a pesquisa como princípio formativo.   | 4                | 20             |

Fonte: adaptado de Milistetd et al (2014).

O estudo de Milistetd et al (2014) ainda faz uma comparação entre as competências de um treinador. O quadro 3 apresenta as competências de um treinador encontradas em comum nos 20 cursos brasileiros de Bacharel. As competências são amplamente definidas para serem utilizadas em qualquer uma das três áreas (saúde, lazer e desempenho esportivo).

Quadro 3: Competências a serem desenvolvidas em 20 cursos de Bacharelado em Educação Física no Brasil.

| Competências a serem desenvolvidas   | Número de Cursos | Percentual (%) |
|--|------------------|----------------|
| Intervir <i>profissionalmente e eticamente</i> em contextos particulares.                        | 20               | 100            |
| <i>Planejar, atuar e avaliar</i> programas em atividades de <i>desempenho</i> , lazer e saúde    | 20               | 100            |
| Uso adequado de conhecimentos e habilidades.   | 20               | 100            |
| Analisar as implicações socioculturais, políticas, econômicas e ambientais de suas intervenções. | 14               | 70             |
| Desenvolver autonomia para auto aprendizagem.  | 12               | 60             |
| <i>Coordenar e gerir</i> equipes profissionais   | 12               | 60             |
| Desenvolver <i>liderança e comunicação</i>   | 10               | 50             |
| Contribuir para o desenvolvimento de valores políticos, <i>éticos</i> e morais.                  | 07               | 35             |
| Contribuir para a construção de novos conhecimentos.   | 05               | 25             |

Fonte: adaptado de Milistetd et al (2014)

Algumas palavras foram destacadas em itálico nos objetivos e nas competências a serem desenvolvidas com a intenção de salientar algumas semelhanças entre o que a literatura aborda em termos de saberes necessários de um treinador e os objetivos de cursos de formação de diferentes países analisados anteriormente no trabalho.

Cada universidade tem alguma flexibilidade em termos de formulação dos cursos oferecidos aos seus alunos. Alisando apenas o conteúdo específico da área de desempenho esportivo, a análise indica que os alunos recebem, em média, cerca de 1000 horas de "conhecimentos fundamentais". Cursos típicos com as seguintes áreas abordadas: anatomia, fisiologia, biomecânica, desenvolvimento motor, sociologia, história, filosofia da educação física, metodologia de pesquisa e estatística.

Em contrapartida, referentes aos "conhecimentos específicos" para a formação de treinadores, os alunos têm uma abordagem dividida em duas áreas: cursos teórico-práticos e estágios. A primeira área são os cursos teórico-práticos que reúnem os cursos de metodologia de formação (presentes em 80% dos cursos),

gestão esportiva (presentes em 55% dos cursos), psicologia do esporte (presentes em 50% dos cursos), pedagogia do esporte (presente em 35% dos cursos) e teoria e prática esportiva (presente em 15% dos cursos). Outra abordagem são as práticas pedagógicas curriculares, onde os alunos podem ser introduzidos em uma série de cursos específicos de cada esporte, tendo a oportunidade de desempenhar o papel de educador físico. A segunda área são os estágios que ocorrem nos últimos anos dos cursos e podem ser realizados em duas ou três áreas profissionais (saúde, lazer e desempenho esportivo). Em 15 dos 20 cursos estudados, os estágios devem incluir oportunidades para que os alunos observem um contexto específico, para ajudar um profissional e para se encarregar de um grupo (MILISTETD *et al*, 2014).

O estudo de Milistetd *et al* (2014) chegou à conclusão de que, em média, as universidades estavam estreitamente alinhadas com as diretrizes nacionais; porém, o número de horas nas áreas de currículo variou amplamente, não sendo possível assumir que todos os graduados dos cursos têm os mesmos perfis e são competentes para trabalhar em todos os contextos de atuação do treinador. Os autores ainda destacam que, a princípio, a formação tende a tornar os alunos mais generalistas do que especialistas, o que significa ser versátil nas áreas de saúde, lazer e desempenho esportivo. Grande parte dos alunos tem limitada experiência como atleta e/ou experiência como treinador e seus cursos formais contêm poucos conteúdos de treinamento em profundidade.

Além dos cursos de graduação, o Bacharelado em Educação Física, as confederações esportivas e o Comitê Olímpico Brasileiro, através do Instituto Olímpico Brasileiro, oferecem uma formação continuada para o treinador. As 29 federações esportivas nacionais recebem recursos do governo federal para administrar centros esportivos, organizar competições e promover o desenvolvimento de atletas e treinadores. Entretanto, a forma de distribuição destes recursos entre as federações está criando disparidade nesse desenvolvimento. Apenas a metade das federações nacionais tem uma estrutura para desenvolver atletas e equipes a nível internacional (MEIRA, BASTOS, BÖHME, 2012; MAZZEI *et al*, 2012).

O Comitê Olímpico Brasileiro e as federações esportivas foram estabelecidas como as organizações responsáveis pela educação continuada dos treinadores. As Confederações Esportivas Brasileiras são instituições não governamentais nacionais, constituídas por federações estaduais responsáveis pelo desenvolvimento

dos esportes representando cada região do Brasil. A falta de uma política esportiva nacional permite que cada Confederação estabeleça suas próprias regras em relação ao desenvolvimento do esporte, sem considerar as diretrizes comuns ou iniciativas similares adotadas em outras partes do país (MEIRA, BASTOS, BÖHME, 2012).

Além dos programas oferecidos pelas federações esportivas, o COB criou a Academia Brasileira de Treinadores (ABT) em 2013. O objetivo da ABT é educar profissionais interessados em treinar esportes de alto rendimento através de atividades educacionais de qualidade, contribuindo para o sucesso olímpico. Nos primeiros dois anos, a ABT educou mais de 200 treinadores em esportes como ginástica, natação, atletismo, ciclismo, remo, canoagem e artes marciais. A ABT também se comprometeu a estender esta provisão em 17 esportes diferentes até 2019 (MILISTETD et al, 2016).

O programa oferecido pela ABT está organizado em duas áreas principais: Desenvolvimento Esportivo e Melhoria Esportiva (atletas jovens). Os treinadores participantes são selecionados por meio de seus conhecimentos específicos e por critérios que levam em consideração seus resultados. Depois de entrar na academia, os treinadores são ensinados através de teoria / prática e formatos on-line, além de participar de estágios com treinadores internacionais. O tempo total do programa abrange 840 horas, ao longo de dois anos (MILISTETD, 2016).

O conteúdo é organizado de acordo com conhecimentos gerais: treinamento esportivo, pedagogia e psicologia esportiva e desenvolvimento motor. Os treinadores também realizam tarefas relacionadas a áreas como matemática e estatística. São introduzidos à pesquisa científica e metodologia de pesquisa, pois são considerados aspectos avaliativos do programa. A ABT também é diferente das federações esportivas em relação ao requisito ou disposição para realizar estágios internacionais. Por um período de cinco dias, três vezes ao longo dos dois anos de duração do programa, treinadores internacionais de renome são convidados a discutir métodos de treinamento com os treinadores participantes em seus respectivos esportes (MILISTETD, 2016).

Milistetd *et al* (2016) realizaram um estudo com o objetivo de analisar a estrutura organizacional dos programas oferecidos pelas federações esportivas e a ABT. Através de análise de documentos disponíveis e contato via e-mail e telefone com os representantes das instituições, os autores estabeleceram que dez

federações não forneceram informações sobre programas de formação; portanto, foram classificadas como instituições que não oferecem essas iniciativas. Outras oito federações não realizaram programas regulares de formação de treinadores devido a inúmeros motivos: pouca demanda, reestruturação tanto da federação quanto do próprio programa de formação, etc. No final, doze federações participaram do estudo, além da Academia Brasileira de Treinadores (ABT).

No quadro 4, podemos observar as Confederações responsáveis pelo programa de formação, a estruturação através de níveis, a carga horário total e os objetivos. Na coluna dos objetivos somente as federações que possuem programas com o mínimo de três níveis foram incluídas. Os autores não incluíram a CBT na análise dos objetivos do programa devido ao motivo de sua certificação ser baseada no cumprimento de módulos específicos de acordo com o conteúdo, o que é inconsistente com o formato adotado pelas outras federações neste estudo.

Quadro 4: Objetivos, carga horária e níveis dos programas de formação de treinadores oferecidos por confederações esportivas no Brasil

| Confederação                             | Níveis/ Carga Horária Média por Nível | Carga Horária | Objetivos em cada Nível   |
|--|---------------------------------------|---------------|---|
| CBT (Tênis)                              | 12 / 25h                              | 300h          |   |
| CBAt (Atletismo)                         | 5 / 40h                               | 300h          | Nível 1 - Treinamento de crianças: Fomentar a prática de pista e campo.<br>Nível 2 - Assistentes de Treinador: Introduzir treinamento em pista e campo.<br>Nível 3 - Treinador: Introduzir treinamento de desempenho.<br>Nível 4 - Treinador Sênior: Desenvolver treinamento de desempenho.<br>Nível 5 - Treinador da Academia: treinamento de alto rendimento e gestão do esporte.   |
| CBBd (Badminton)                         | 4 / 50h                               | 200h          | Professor de Badminton: planeja e gerencia atividades de treinamento estruturadas e seguras.<br>Nível 1- Treinador de Badminton: Desenvolver competências básicas e efetivas para planejar, gerenciar, revisar e avaliar sessões de treinamento.<br>Nível 2 - Treinador de Badminton: Periodizar ciclos anuais de treinamento. Gerenciar equipes com diferentes níveis de treinamento.<br>Nível 3 - Treinador de Badminton: Periodizar ciclos olímpicos, adicionando aspectos multidisciplinares.   |
| CBF (Futebol)                            | 4 / 212h                              | 850h          | Licença C - Desenvolvimento do futebol: trabalhando com crianças e esportes juvenis.<br>Licença B - Educação de atletas: trabalhando no contexto do desenvolvimento esportivo.<br>Licença A - Futebol profissional: trabalhando no contexto do esporte de alto rendimento e futebol profissional.<br>Licença Pro - Excelência em futebol: não especificado.   |
| CBV (Voleibol e Vôlei de Praia)          | 4 / 80h                               | 320h          | Voleibol:<br>Nível 1- Básico: trabalhar no processo de iniciação ao vôlei.<br>Nível 2 - Intermediário: administrar equipes de até de 20 anos (masculinas) e até 19 anos (femininas).<br>Nível 3 - Avançado: Gerenciar todas as categorias a nível nacional.<br>Nível 4 - Alto Rendimento: administrar equipes a nível internacional e organizar programas de voleibol.<br>Vôlei de Praia:<br>Nível 1 - Iniciante: gerenciar equipes até 19 anos de idade.<br>Nível 2 - Básico: administrar equipes até a categoria abaixo de 21 anos de idade.<br>Nível 3 - Avançado: administrar todas as categorias de vôlei de praia.<br>Nível 4 - Alto Rendimento: administrar equipes em todas as categorias e organizar programas de voleibol de praia. |
| CBRu (Rúgbi)                             | 3 / 16h                               | 48h           | Rúgbi infantil: Ensinar para crianças e iniciantes.<br>Nível 1: Desenvolver competências básicas e efetivas no planejamento, ensino, revisão e avaliação de sessões de treinamento.<br>Nível 2: Desenvolver competências globais e específicas dos treinadores relacionadas ao planejamento, preparação de competição, filosofia, reflexão, gerenciamento e comunicação.  |
| CBTri (Triatlo)                          | 3 / 140h                              | 420h          | Nível 1: Qualificar treinadores em triatlo.<br>Nível 2: Desenvolvimento profissional e promoção de treinamento relacionado ao alto rendimento.<br>Nível 3: especialização profissional para treinar categorias gerais e específicas de triatlo.   |
| CBCa (Canoagem)                          | 3 / 190                               | 570h          | Nível 1 - Assistente técnico: Desenvolver conhecimentos e habilidades básicas para apoiar treinadores com graus mais elevados.<br>Nível 2 - Educação de treinadores: conhecimentos e habilidades para desenvolver equipes.<br>Nível 3 – Treinador Referência: conhecimentos e habilidades para treinar atletas e equipes a nível internacional.   |
| CBDA (Esportes Aquáticos)                | 2 / 40h                               | 80h           |   |
| CBTM (Tênis de Mesa)                     | 2 / 24h                               | 48h           |   |
| CBW (Luta Olímpica)                      | 1 / 560h                              | 560h          |   |
| CBHb (Handebol)                          | 1 / 40h                               | 40h           |   |
| ABT (Academia Brasileira de Treinadores) | 2 / 420h                              | 840h          | Desenvolvimento de treinadores nacionais: Desenvolver conhecimentos sobre princípios da prática esportiva de crianças e jovens, meios e métodos de treinamento e educação esportiva de longo prazo.<br>Melhoria dos treinadores nacionais: Desenvolver procedimentos de planejamento, intervenção e treinamento, identificação de talentos esportivos e orientação de atletas para processos educacionais de longo prazo.   |

Fonte: Adaptado do estudo de Milistedt et al (2016).

Já o quadro 5 traz informações sobre os conteúdos e os métodos de avaliação utilizados em cada programa, com o objetivo de comparar os conteúdos abordados em programas de formação internacionais (CALLARY *et al*, 2014) e os cursos de Bacharelado em Educação Física no Brasil (MILISTETD *et al*, 2014; MILISTETD, 2016).

- Legenda para os conteúdos:
- BIO = Aspectos da Biomecânica
- TAL = Descoberta, Seleção e Promoção de Talentos
- REG = Regras e Informações em cada tipo de Esportes;
- PRO = Comportamento Profissional do Treinador;
- MOT = Aprendizagem e Desenvolvimento Motor;
- EME = Emergências no Esporte;
- FIS = Preparação Física;
- MKT = Marketing e Gestão Esportiva;
- NUT = Nutrição Esportiva;
- PLA = Planejamento de Treinamento Esportivo;
- TRE = Meios e Métodos de Treinamento;
- ANA = Análise de Desempenho;
- PSI = Aspectos Psicológicos;
- TEC = Aspectos Técnico-Tático.

Quadro 5: Conteúdos e avaliações nos programas de formação de treinadores oferecidos por confederações esportivas no Brasil

| Confederação                             | Conteúdos  | Avaliação   |
|--|--|---|
| CBAt (Atletismo)                         | Níveis 1 e 2 - REG; MOT; EME; FIS; PLA; TRE; PSI.<br>Níveis 3 e 4 - TAL; FIS; PLA; ANA; PSI; TEC.<br>Nível 5 - BIO; EME; FIS; MKT; NUT; PLA; ANA; PSI; TEC.                              | Teoria: um teste de conhecimento relacionado ao conteúdo de cada nível.<br>Prática: Exibindo a competência exigida em cada nível.   |
| CBBd (Badminton)                         | Professor - REG; FIS; TRE; TEC.<br>Nível 1 - FIS; PLA; TRE; TEC.<br>Nível 2 - FIS; PLA; TRE; TEC.<br>Nível 3 - FIS; PLA; TRE; TEC.   | Teoria: um teste de conhecimento relacionado ao conteúdo de cada nível.<br>Prática: Exibindo a competência exigida em cada nível.   |
| CBF (Futebol)                            | Licença C - REG; EME; MKT; PLA; TRE; ANA.<br>Licença B - TAL; REG; PRO; EME; FIS; MKT; ANA; PSI; TEC.<br>Licença A - REG; EME; FIS; MKT; PLA; ANA.<br>Licença Pro: Não especificado.     | Teoria: um teste de conhecimento relacionado ao conteúdo de cada nível.<br>Prática: Exibindo a competência para organizar e orientar as sessões de treinamento.<br>Seminários: apresentação oral de temas relacionados a formação de treinadores.<br>Portfólio: Compilação de atividades (teórico e prático) desenvolvidas durante o programa.  |
| CBV (Volêi e Vôlei de Praia)             | Nível 1 - REG; MOT; FIS; TRE; TEC.<br>Nível 2 - REG; MOT; EME; FIS; MKT; NUT; PLA; PSI; TEC.<br>Nível 3 - REG; FIS; MKT; ANA; TEC.<br>Nível 4 - Não especificado.                        | Nível 1, 2, 3 -<br>Teoria: um teste de conhecimento relacionado ao conteúdo de cada nível.<br>Prática: Exibindo as competências para organizar e orientar as sessões de treinamento.<br>Nível 4 -<br>Seminários: apresentação oral de temas relacionados a formação de treinador.<br>Clínica: apresentação prática de temas relacionados ao programa de formação.                             |
| CBRu (Rúgbi)                             | Infantil - TAL; REG; MKT; TRE.<br>Nível 1 - TAL; REG; EME; PLA; TEC.<br>Nível 2 - TAL; REG; PRO; EME; PLA; TRE; ANA; TEC.  | Teoria: Plano de treinamento (micro e mesociclo).<br>Prática: Exibindo as competências para organizar e orientar as sessões de treinamento.<br>Avaliação no contexto: Exibição das competências em ambientes de trabalho contextuais.   |
| CBTri (Triatlo)                          | Todos os níveis - REG; EME; FIS; NUT; PSI.   | Teoria: um teste de conhecimento relacionado ao conteúdo de cada nível.<br>Prática: Exibindo a competência profissional exigida em cada nível.<br>Relatório de conclusão do programa: redação de um artigo científico (nível 3).  |
| CBCa (Canoagem)                          | Nível 1 - BIO; TAL; REG; EME; FIS; PLA; TRE; ANA; NUT; TEC.<br>Nível 2 - BIO; MOT; EME; FIS; NUT; PLA; TRE; ANA; TEC.<br>Nível 3 - BIO; TAL; PRO EME; FIS; MKT; NUT; PLA; TRE; ANA; TEC. | Teoria: um teste de conhecimento relacionado ao conteúdo de cada nível.<br>Suporte on-line: 6 meses com um tutor (incluindo um teste teórico mensal de conhecimento relacionado ao conteúdo de cada nível, cumprindo o portfólio relacionado à organização e planejamento de treinamento).<br>Relatório final do programa: um relatório descritivo sobre um tema estudado durante o programa. |
| ABT (Academia Brasileira de Treinadores) | Desenvolvimento / Melhoria – TRE; PSI; FIS; MOT; BIO; TAL; PRO; ANA; Matemática; Estatística; Metodologia de Pesquisa.   | Teoria: um teste de conhecimento relacionado ao conteúdo de cada nível.<br>Um relatório descritivo é o estágio.<br>Relatório de conclusão do programa: redação de um artigo científico.   |

Fonte: adaptado de Milistetd et al (2014) e Milistetd (2016).

Os autores destacam que o currículo dos programas oferecidos no Brasil foi centrado no conhecimento profissional desenvolvido predominantemente através de estratégias de aprendizagem mediadas. Os programas oferecem o desenvolvimento do conhecimento esportivo específico e dos assuntos relacionados ao treinamento de atletas (preparação física, técnica, tática e psicológica), mas também todos desenvolvem conhecimentos gerais de temas como fisiologia, biomecânica,

desenvolvimento motor, gerenciamento e marketing, desconsiderando que muitos treinadores já haviam estudado esse conteúdo durante os estudos universitários (MILISTETD et al, 2014; WERTHNER, TRUDEL, 2006).

Algumas Confederações estudadas, CBBd, CBCa, CBRu, CBTri, organizam seu programa de formação em níveis progressivos de conhecimento, considerando a experiência dos treinadores como parte de sua educação, corroborando a proposta de entidades internacionais (ECC, 2007; ICCE, 2013). Entretanto, foi identificada uma falta de harmonia e consistência dentro dos programas, indicando falta de orientação às federações esportivas no processo do programas. Os programas de formação devem usar estratégias baseadas em uma maior interação entre treinadores e situações de reais de atuação.

O Brasil tem uma estrutura ideal para alguns esportes olímpicos, pois os treinadores têm acesso a estruturas preparatórias e de desenvolvimento relevantes. Em contrapartida, não é possível afirmar que esta perspectiva, em longo prazo, prepare treinadores competentes para treinar em diferentes níveis do alto rendimento em todos os esportes. Uma proposta a ser levada em consideração é a parceria entre Universidades e Confederações. As universidades brasileiras oferecem um diploma que se concentra no movimento humano, que fornece um conhecimento forte para aqueles que querem especializar-se no campo de treinamento. Entretanto, a literatura sugere que um contexto de aprendizagem onde os treinadores são capazes de discutir, criticar e avaliar a sua prática seria o mais ideal, situações pouco desenvolvidas pelas universidades (ISCF, 2012; MILISTETD et al, 2014).

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O estudo é de natureza qualitativa e foi realizado através de entrevistas semiestruturadas.

#### 3.1 SUJEITOS DA PESQUISA

Conforme a base de dados do Comitê Olímpico Internacional, o programa olímpico conta na atualidade com 42 esportes: Atletismo, Badminton, Basquete, Boxe, Canoagem Slalom, Canoagem Velocidade, Ciclismo BMX, Ciclismo Estrada, Ciclismo MTB, Ciclismo Pista, Esgrima, Futebol, Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Ginástica de Trampolim, Golfe, Handebol, Hipismo Adestramento, Hipismo CCE, Hipismo Saltos, Hóquei sobre a Grama, Judô, Luta Estilo Livre, Luta Greco-Romana, Levantamento de Peso, Maratona Aquática, Nado Sincronizado, Natação, Pentatlo Moderno, Polo Aquático, Remo, Rúgbi, Saltos Ornamentais, Taekwondo, Tênis de Campo, Tênis de Mesa, Tiro com Arco, Tiro Esportivo, Triatlo, Vela, Vôlei e Vôlei de Praia.

Para a identificação dos treinadores de esportes olímpicos que atuam com atletas e equipes de alto rendimento do Rio Grande do Sul, foi feita uma consulta na base de dados do Projeto Referências do Ministério do Esporte, produzida pelo Centro de Estudos Olímpicos e Paralímpicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. A base contém informações sobre as modalidades olímpicas praticadas no Brasil, dentre elas sobre treinadores de alto rendimento.

Para participar do estudo, os treinadores deveriam atender aos seguintes critérios:

- Ter no mínimo 5 anos de experiência como treinador.
- Ter atuado como treinador de no mínimo um atleta ou uma equipe em competições de nível internacional (Jogos Panamericanos, Jogos Olímpicos, campeonatos continentais ou mundiais), no período de 2008 a 2016.

Assim dos 42 esportes olímpicos acima listadas, foram identificadas 17 modalidades praticadas no Rio Grande do Sul, cujos treinadores eram potenciais

sujeitos do estudo: Atletismo, Badminton, Canoagem, Esgrima, Futebol, Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Hipismo, Judô, Natação, Remo, Rúgbi, Taekwondo, Tênis de Mesa, Triatlo, Vela, Voleibol.

Após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, os clubes formadores e os treinadores de esporte olímpicos foram contatados para solicitar participação na pesquisa. Em sequência, foi realizada uma apresentação presencial do estudo (objetivos, procedimentos, benefícios esperados, riscos e desconfortos, etc.). Dos 17 treinadores convidados (um para cada esporte olímpico, cujo perfil atendia aos critérios acima referidos), 13 aceitaram participar do estudo.

A participação dos treinadores foi de livre escolha, podendo desistir da pesquisa a qualquer momento, inclusive requerendo que seus dados fossem retirados das análises finais, se assim desejassem. Além disso, foi assegurada a confidencialidade de suas identidades. Para a realização da pesquisa, foi necessária a concordância por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, do Termo de Concordância da Instituição e do Termo de Responsabilidade dos Dados.

### 3.2 ENTREVISTA

As entrevistas semiestruturadas (ver roteiro no Apêndice A) foram realizadas presencialmente com os treinadores que residem na região metropolitana de Porto Alegre. Para os demais, utilizou-se o aplicativo Skype, que permite contato por vídeo e áudio. A entrevista teve o áudio gravado, foi transcrita e encaminhada para revisão dos entrevistados. Após devolução das entrevistas pelos entrevistados, procedeu-se a análise das informações por meio de análise de conteúdo.

### 3.3 ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo foi realizada através da seleção dos arquivos gerados pela realização das entrevistas. Esses arquivos foram submetidos à etapa de recorte, na qual os dados são decompostos para em seguida serem recompostos para melhor expressar sua significação (LAVILLE; DIONNE, 1999). Dessa maneira, foi criado o *corpus* do trabalho que, segundo Bardin (2011), é o “conjunto de

documentos tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos”. Nessa perspectiva, Laville e Dionne (1999) entendem que os dados na forma bruta precisam ser preparados para se tornar utilizáveis na construção dos saberes. Uma vez finalizada essa etapa de análise inicial, foi feita uma análise mais aprofundada dos dados agrupados.

Na fase de exploração do material selecionado, novas categorias emergiram, sendo agregadas às demais que já haviam sido estabelecidas a partir da revisão da literatura (TRIVINOS, 2008). Esse procedimento é proposto por Laville e Dionne (1999), onde as categorias são selecionadas no início; porém, o pesquisador permite-se modificá-las em função do que a análise apontar.

Por fim, foi realizada a análise propriamente dita, estabelecendo ligações dentro das categorias e relações entre elas, a fim de alcançar os objetivos propostos. Seguindo essa lógica, Bardin (2011) acredita que, nesse instante, o investigador poderá propor inferências e interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas. Segundo Trivinos (2008), nesse momento o pesquisador não deve restringir sua análise apenas ao conteúdo manifesto dos documentos, mas utilizar a reflexão e a intuição, com embasamento nos materiais empíricos, para criar relações com a realidade, aprofundando as conexões de ideias.

Nessa perspectiva, Strauss e Corbin (2008), chamada de Teoria Sensitiva, referem-se aos atributos do pesquisador de possuir introspecção, habilidade para dar significado aos dados, para compreendê-los, e também à capacidade para separar os que são pertinentes à pesquisa e os que não são.

## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO

### 4.1 PERFIL GERAL E DE FORMAÇÃO DOS TREINADORES

#### 4.1.1 Perfil Geral dos Treinadores

Tabela 1: Perfil dos treinadores, por esporte, idade, anos de experiência, sexo e experiência como atleta.

| Treinadores | Esporte             | Idade | Anos de Experiência | Sexo | Experiência como Atleta |
|-------------|---------------------|-------|---------------------|------|-------------------------|
| 1           | Ginástica Rítmica   | 46    | 28                  | F    | Sim                     |
| 2           | Esgrima             | 48    | 26                  | M    | Sim                     |
| 3           | Tênis de Mesa       | 31    | 14                  | M    | Sim                     |
| 4           | Taekwondo           | 36    | 11                  | M    | Sim                     |
| 5           | Natação             | 41    | 10                  | M    | Sim                     |
| 7           | Rúgbi               | 31    | 10                  | M    | Sim                     |
| 8           | Triatlo             | 35    | 15                  | M    | Sim                     |
| 9           | Badminton           | 34    | 10                  | M    | Sim                     |
| 10          | Atletismo           | 51    | 30                  | M    | Sim                     |
| 12          | Voleibol            | 46    | 27                  | M    | Sim                     |
| 13          | Ginástica Artística | 49    | 26                  | M    | Sim                     |
| 14          | Futebol             | 39    | 16                  | M    | Sim                     |
| 15          | Judô                | 40    | 10                  | M    | Sim                     |

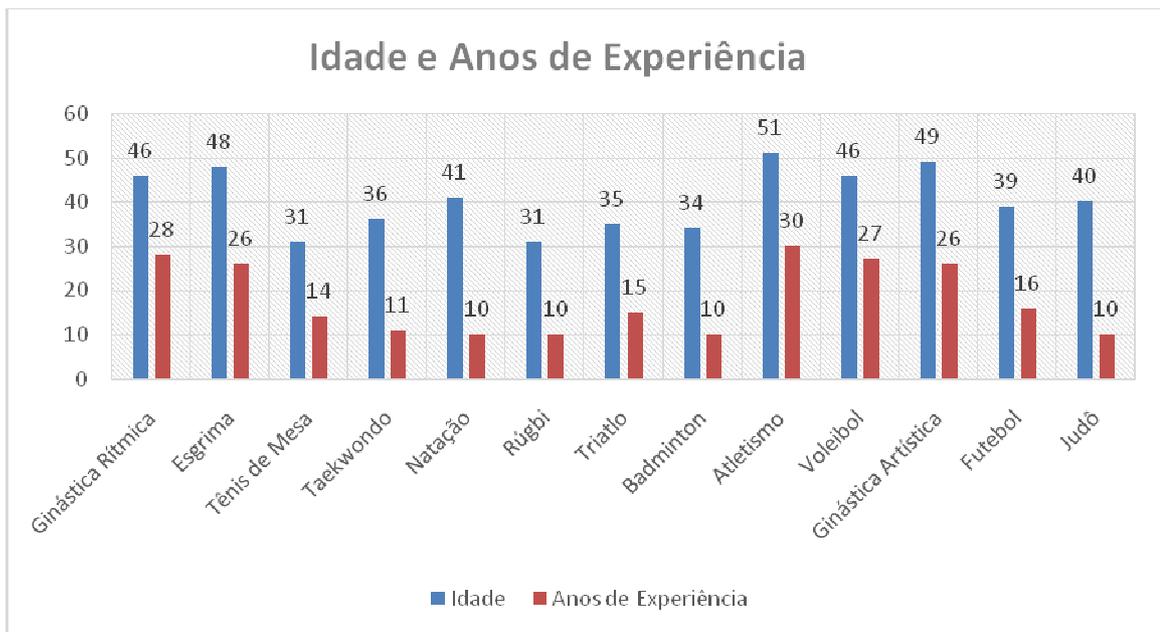
A idade dos treinadores variou de 31 a 51 anos. A média foi de 40,53 anos. Sete dos treinadores estão na faixa etária de 30-39 anos, seis na faixa etária de 40-49 anos e um treinador tem mais de 50 anos. Os anos de experiência dos treinadores são em alguns casos quase metade de suas idades (Ver figura 3). Estes participantes da pesquisa dedicaram mais da metade de suas vidas à carreira de treinadores.

Em termos de anos de experiência como treinadores, a média foi de 17,92 anos, com no mínimo 10 e o máximo 30 anos de experiências. São oito treinadores entre 10-19 anos, quatro entre 20-29 anos e um com 30 anos de experiência. A literatura coloca que, para um treinador ser considerado experiente, ele deve ter em média 10 anos exercendo a função (CÔTÉ *et al*, 1995; SCHEMPP, MCCULLICK, SANNEN MASON, 2006; MADURO, 2011). Portanto, a média de anos de

experiência dos treinadores participantes do estudo coloca-os na posição de treinadores experientes.

Quanto ao sexo, 12 (92%) dos treinadores são homens, apenas uma treinadora. Dos treinadores pesquisados, 92% são ex-atletas. Um treinador também é atleta.

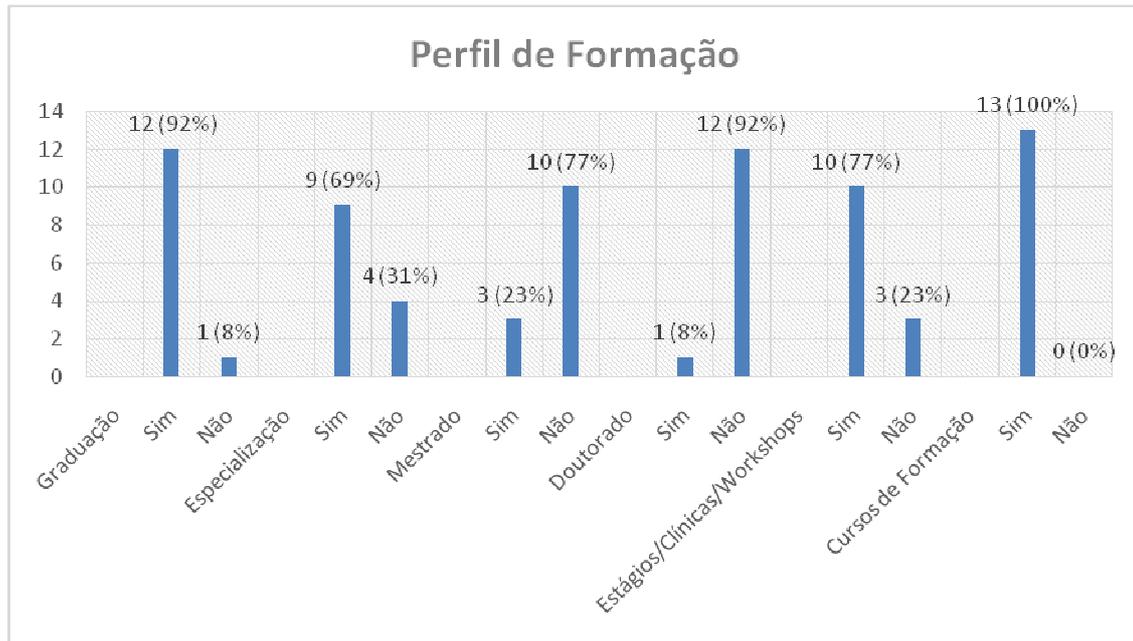
Figura 3: Idade e anos de experiência dos treinadores



#### 4.1.2 Perfil de Formação dos Treinadores

Dos treinadores que participaram do estudo, 12 (92%) possuem graduação em Educação Física e nove possuem especialização (pós-graduação *stricto sensu*), representando 69%. Com relação ao mestrado e doutorado, 3 (23%) treinadores possuem o título de Mestre e um possui o título de Doutor, todos na área da Educação Física. Dentre os cursos de pós-graduação, a especialização destaca-se com relação ao mestrado e ao doutorado.

Figura 4: Perfil de formação do treinadores



Dez treinadores já realizaram estágios, clínicas e *workshops* em nível nacional e/ou internacional, representando 77%. Essas vias de aprendizagem encaixam-se nos métodos de aprendizagem informal e não formal. O método de aprendizagem informal apresenta a característica, entre outras, de o treinador buscar os conhecimentos através de experiência prévia como atleta, aconselhamento informal, experiência prática como treinador e interação com outros treinadores e atletas, características presentes em um estágio. Já o método de aprendizagem não formal apresenta características, como clínicas, *workshops*, cursos curtos apresentando fontes alternativas às da via de aprendizagem estruturada formalizada (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

Os 13 treinadores (100%) já realizaram algum curso de formação específico de sua modalidade oferecido pelas suas federações ou confederações e/ou por outras entidades. Esse método de aprendizagem é o mais utilizado pelos treinadores. O método encaixa-se na via de aprendizagem formal. As atividades de aprendizado formal incluem cursos de certificação de treinadores em larga escala desenvolvidos pelos órgãos governamentais nacionais de esporte e cursos terciários relacionados à ciência de formação de treinadores esportivos. O método de aprendizagem não formal possui semelhanças com o método formal; porém, diferencia-se em algumas características. A aprendizagem não formal inclui conferências de treinamento, seminários e oficinas. Apresenta um grupo particular a

ser atingido pela sua metodologia, apresenta cursos menos extensos e áreas específicas de interesse (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

A Graduação em Educação Física tende a ser uma via aprendizagem muito usada pelos treinadores: 12 treinadores (92%) possuem a graduação. Pode ser explicado devido à exigência estabelecida na Lei nº 9.696/98, sobre a regulamentação da profissão do profissional de Educação Física. As Pós-Graduações (Especialização, Mestrado e Doutorado) tendem a ter uma representatividade menor na formação do treinador de esporte olímpico de alto rendimento do Rio Grande do Sul, destaque para a especialização, 9 treinadores possuem (69%).

Os estágios, as clínicas e os *workshops* apresentam uma boa representatividade na formação dos treinadores participantes do estudo: 10 treinadores (77%) usaram essa forma de aprendizagem. Os cursos de formação específicos de cada modalidade são a forma de obter conhecimento mais usada pelos treinadores: 100% dos treinadores realizaram.

## 4.2 ETAPAS DA FORMAÇÃO DOS TREINADORES

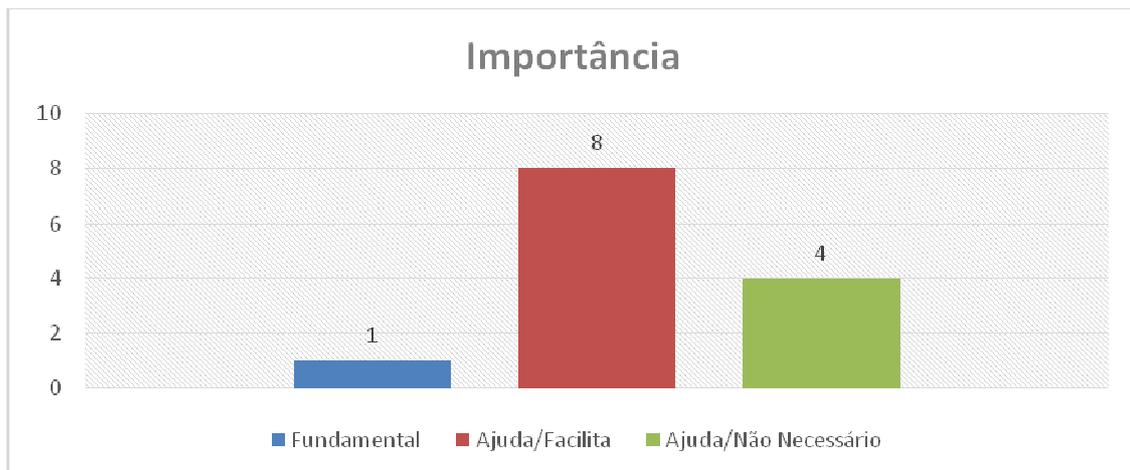
### 4.2.1 Experiência como Atleta

Figura 5: Categorias e subcategorias da experiência como atleta.



Todas as categorias e subcategorias foram formadas a partir da análise das entrevistas. Com as respostas de cada treinador referentes à importância e contribuição de sua experiência como atleta para a sua formação como treinador de esporte de alto rendimento, surgiram as categorias e suas respectivas subcategorias. Na categoria da importância formaram-se três subcategorias: fundamental para a formação, ajuda/facilita na formação e ajuda; porém, não é necessário. Surgiram, assim como para a categoria importância, outras três subcategorias para a categoria contribuição: entrada no mercado de trabalho, parte técnica da modalidade e perceber as sensações do atleta, tanto nos treinos quanto nas competições. Na última categoria, nível como atleta, também se formaram três subcategorias: atleta sem expressão, atleta nível nacional e atleta nível internacional.

Figura 6: Importância da Experiência como Atleta para a Formação.



Apenas um treinador considerou a importância como atleta fundamental para sua formação. O treinador 8, da modalidade triatlo, acredita ser indispensável para o triatlo a vivência no esporte:

Não dá para achar que não é necessário, bem pelo contrário, é muito necessário, fundamental. Em algum momento tem que ter um pouco da prática. Não precisa ter sido um atleta profissional ou amador bem sucedido, não é isso, mas ele precisa ter a prática para também transferir e reproduzir isso para os atletas.

8 treinadores enquadraram-se na subcategoria ajuda/facilita. São eles: treinador 1 (Ginástica Rítmica), 3 (Tênis de Mesa), 7 (Rúgbi), 9 (Badminton), 10

(Atletismo), 12 (Voleibol), 14 (Futebol) e 15 (Judô). Alguns relatos que podem mostrar essa importância na formação, ajudando na relação com o atleta, agregando experiência; porém, não se mostrando como um fator determinante.

#### Treinador Ginástica Rítmica:

Enquanto atleta, tu sentes o movimento, sabes como ele acontece. Aí, claro, isso facilita muito para trabalhar com os seus atletas. Mas não se tem ainda a consciência da questão pedagógica e da divisão dos ciclos de treinamento, como é que se prepara, o método de ensinar. Então isso fui buscar em uma formação superior.

#### Treinador Tênis de Mesa:

Vejo como uma experiência positiva, facilita o trabalho com o atleta.

#### Treinador Rúgbi:

Eu acho que é bom ter uma experiência como ex-jogador do esporte, mas não é determinante. Eu conheço várias pessoas que foram excelentes atletas, capitães, participaram de olimpíadas, recordistas e que não conseguem passar um treino. Assim como conheço vários treinadores que nunca chegaram a praticar um dia do esporte que eles ensinam e são excelentes treinadores.

#### Treinador 12 (Voleibol):

Não vai determinar se tu serás um grande treinador ou não, embora te traga alguns subsídios que podem ser importantes.

#### Treinador Futebol:

Na minha visão, se o treinador profissional tiver uma experiência de 60-65% como atleta e 40-35% acadêmica, ele vai ter muito sucesso. É maior a chance dele do que do cara que tenha a parte acadêmica de 70% e de ex-atleta de 30%, onde eu me incluo. Não quer dizer que eu não vou ter sucesso, mas eu acho que a chance daquele que tem 60% como ex-atleta ter sucesso é maior, porque ele já tem a essência do esporte nele, na ênfase dele, com aquilo que ele agrega da parte acadêmica.

Na subcategoria ajuda, mas não é necessária. Quatro treinadores foram incluídos: treinador Esgrima, Taekwondo, Natação e Ginástica Artística. Podemos identificar nas suas falas informações que tendem a afirmar que ser um ex-atleta também tem sua importância; porém, não se faz necessário.

### Treinador Esgrima:

Me ajudou na medida em que me apaixonei pela esgrima, mas não acho que tenha sido determinante na minha formação.

### Treinador Taekwondo:

Ajuda mas não é necessário ter sido um atleta, sem a formação acadêmica o professor de Taekwondo não vai saber fazer uma periodização, isso vai gerar lesão, vai gerar desgaste, o atleta vai estar preparado no momento errado para determinado objetivo. Então tem uma importância para a contribuição técnica e para a parte motivacional, que mesmo assim pode ser trabalhada de maneira errada, porque cada atleta é diferente.

### Treinador Natação:

Não vejo como necessário, mas adianta em algumas reflexões.

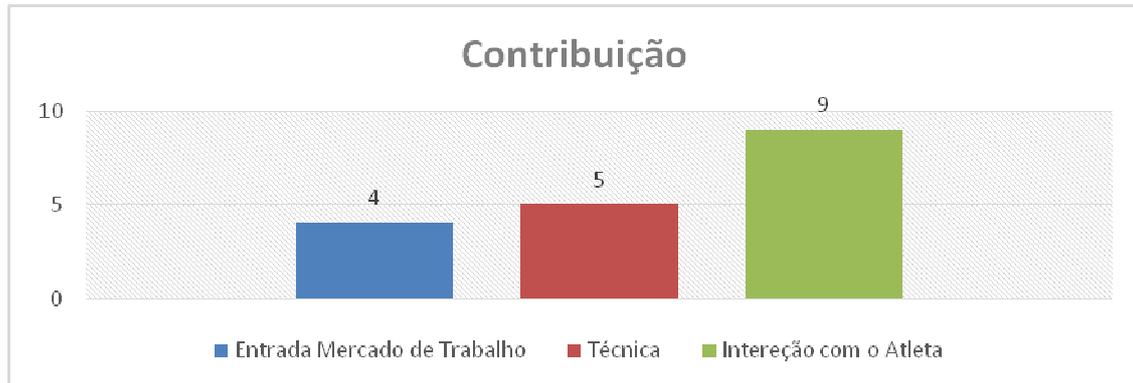
### Treinador Ginástica Artística:

É possível ser um treinador de alto rendimento sendo apenas atleta? Não, tem que passar por mais um processo, não é suficiente, o ponto determinante não é ter sido um atleta.

A importância da Experiência como Atleta, para os treinadores de esporte de alto rendimento do Rio Grande do Sul, pode ser dividida em três aspectos: fundamental para a formação; ajuda e facilita a formação; e ajuda, porém, não é necessário.

Portanto, fica demonstrado que é importante ter uma Experiência como Atleta. Para alguns esportes pode ser de vital importância; para outros não. Para os treinadores do estudo, chegar ao nível de um treinador de alto rendimento, de maneira geral, parece não depender diretamente de uma Experiência como Atleta. Com certeza facilita e ajuda o processo de formação; porém, tende mais a ser uma ferramenta do que uma exigência.

Figura 7: Contribuição de ter sido Atleta para a Formação.



A contribuição da Experiência como Atleta também foi dividida em três subcategorias. A primeira subcategoria, contribuição para a entrada no mercado de trabalho, foi determinada pelo destaque dado por quatro treinadores:

#### Treinador de Ginástica Rítmica:

Fui privilegiada. Eu era da equipe principal do clube, quando saí para fazer a faculdade. Eu não tinha mais tempo para treinar e a coordenadora me convidou para trabalhar nas escolinhas do clube. Eu era atleta de ponta, já tinha muito conhecimento da parte técnica e, na época, não havia ainda a exigência do registro no CREF.

#### Treinador de Futebol:

Para chegares ao alto rendimento, tens que ter passado por uma categoria de base ou ter jogado e algo assim. Então, joguei no Grêmio até 1996, mais ou menos. Foi a experiência que precisava ter junto a uma área de alto rendimento. Aí comecei a trabalhar no Grêmio, formando a categoria 1993 das seleções, já entrando no alto rendimento, já era competição. Então, ali comecei e fui indo, e ao mesmo tempo fazendo a faculdade.

A segunda subcategoria é a contribuição na parte técnica. Cinco treinadores relataram a contribuição na parte técnica devida sua vivência como atleta.

#### Treinador de Taekwondo:

O ex-atleta tem muito a contribuir na questão técnica e... somente isso. Talvez na parte motivacional, e teria que ver muito bem isso porque muitas vezes a gente não é motivado da forma correta. Em termos técnicos teria muito a contribuir.

### Treinador 8 (Triatlo):

São três modalidades com técnicas diferentes, é importante saber diferenciar o componente técnico de cada uma, senão ele vai precisar estar sempre com uma bengala, um auxiliar.

### Treinador 13 (Ginástica Artística):

Conhecimento dentro do ginásio, porque ginástica artística é muito técnico.

A terceira subcategoria foi a mais destacada pelos treinadores participantes do estudo. A subcategoria destaca a contribuição na percepção do treinador com relação aos sentimentos do atleta, tanto nos treinos quanto nas competições. Nove treinadores salientaram essa contribuição: Treinadores 3 (Tênis de Mesa), 5 (Natação), 7 (Rúgbi), 8 (Triatlo), 9 (Badminton), 10 (Atletismo), 12 (Voleibol), 14 (Futebol) e 15 (Judô).

### Treinador 3 (Tênis de Mesa):

Eu consigo entender as frustrações, o medo, na hora da decisão o que fazer, o que não fazer, a gente consegue se colocar no lugar do atleta e entender, trabalhar melhor as decisões com cada perfil de atleta.

### Treinador 5 (Natação):

É importante a vivência, nós conseguimos fazer uma leitura dos sentimentos do nadador nas provas e nos treinos. Me adiantou uma maturidade como técnico.

### Treinador 7 (Rúgbi):

Eu acredito que ter essa experiência irá facilitar e encurtar o teu caminho e ajuda no desenvolvimento como treinador, porque ele vai te ilustrar algumas situações de treinamento, porém, como eu disse antes, não é determinante, pois para ser um bom treinador tu precisa ter um leque de habilidades que não é o mesmo leque de um jogador.

### Treinador 9 (Badminton):

Eu acho que fica mais fácil para o treinador ex-atleta passar a vivência de quadra, da realidade do que se passa dentro da quadra, coisa de quem não passou por isso e não irá saber lidar com frustrações, aquilo que tu passou tu irá saber passar essa experiência pro atleta, podem aprender com tuas

experiências. Aquilo que tu já errou, por exemplo, como atleta na quadra, tu vai passar essa informação para o teu atleta e ele não irá errar.

#### Treinador 10 (Atletismo):

Entender melhor a relação treinador / atleta; entender o que acontece na hora do treino; entender de que forma o esporte age na vida de um atleta.

#### Treinador 12 (Voleibol):

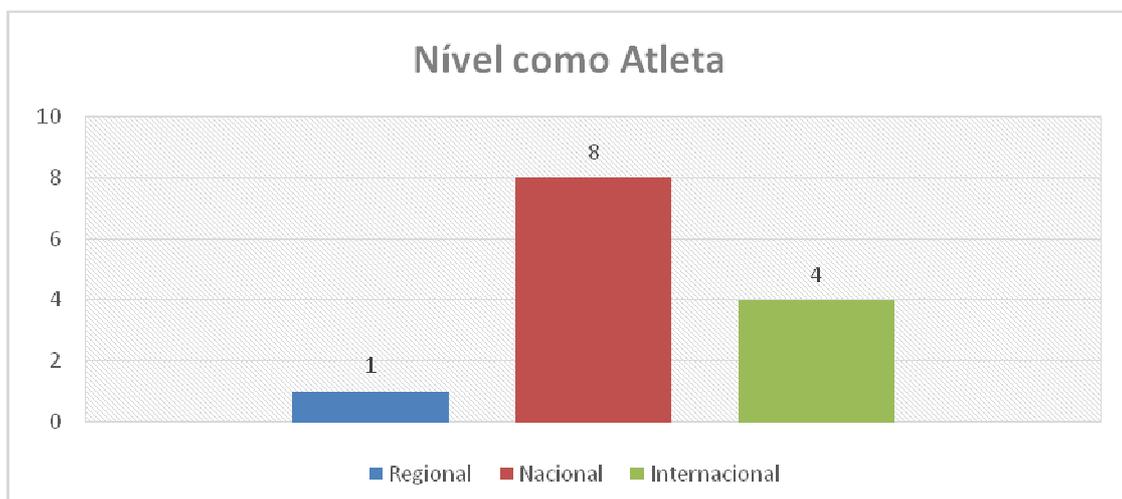
...mas isso te dá algumas situações importantes do dia-a-dia da vivência de um atleta e quem não foi atleta não passou pelas mesmas experiências. Da rotina e das dificuldades do treinamento, das dificuldades de vir para o treinamento quando tu não está motivado ou está com alguma lesão. Então, isso te traz algumas experiências...

#### Treinador 15 (Judô):

Acredito que o fato de eu ter sido atleta contribuiu para que tivesse um olhar diferenciado, entender algumas questões que os atletas passam e poder trocar informações com eles de uma maneira mais aberta. Poder passar a experiência que tive, com anseios e expectativas, facilita um pouco a troca com o atleta.

Como uma ferramenta no processo de formação, assim sendo a Experiência como Atleta, para os treinadores participantes do estudo, contribuiu especialmente no aspecto da facilitação da entrada no mercado de trabalho, na parte técnica de cada modalidade e na interação do treinador com o atleta, facilitando a percepção do treinador nas diferentes reações do atleta, tanto em treino quanto em competições.

Figura 8: Nível como Atleta.



A última categoria da Experiência como Atleta é o Nível como Atleta. Apenas o Treinador 4 (Taekwondo) foi um atleta de nível regional. Oito treinadores foram atletas de nível nacional: os Treinadores 2 (Esgrima), 3 (Tênis de Mesa), 5 (Natação), 7 (Rúgbi), 9 (Badminton), 12 (Voleibol), 13 (Ginástica Artística) e (Futebol). Para completar, quatro treinadores foram atletas de nível internacional: os Treinadores 1 (Ginástica Rítmica), 8 (Triatlo), 10 (Atletismo) e 15 (Judô).

Nelson *et al* (2006) definiram atividade profissional do treinador como uma ação multifacetada e estabeleceram a necessidade de compreender de que forma os treinadores aprendem a serem treinadores, classificando as principais vias do desenvolvimento de treinadores em três tipos, assim como já visto anteriormente no estudo: Aprendizagem Formal, Aprendizagem Não formal e Aprendizagem Informal. Essa definição estimulou a produção de variadas investigações que demonstraram que as oportunidades de aprendizagem informal, entre essas oportunidades, a experiência acumulada como atleta, eram vistas pelos próprios treinadores como uma das principais fontes de seu conhecimento (MILISTETD, 2015).

O processo de tornar-se treinador está ligado à sua trajetória de vida. A reflexão deste percurso tende a revelar episódios, decisões e opções circunstanciais, com informações úteis para se estabelecer direcionamentos e ações para o desenvolvimento profissional de futuros treinadores. Embora os resultados dos estudos forneçam informações a respeito de realidades particulares, percebe-se que a construção do conhecimento do treinador é previamente definida por um contexto sócio-cultural de prática esportiva, onde a interação com os demais membros desse grupo social é fundamental. Além disso, o engajamento espontâneo dos treinadores para a aprendizagem de um domínio específico de conhecimento está vinculado ao compartilhamento de interesses comuns nessas interações (JONES, ARMOUR, POTRAC, 2004; NELSON, CUSHION, POTRAC, 2006).

A percepção do futuro treinador ou o aprendiz de treinador sobre o que ele desfruta dentro desses ambientes é o que tem sido denominado de situações de aprendizagem. A interação com outras pessoas, as experiências de prática, a reflexão, a leitura, a observação, são alguns exemplos dessas situações. Werthner e Trudel (2006) sugerem três situações gerais de aprendizagem: Mediada, Não Mediada e Interna, as quais não se referem a diferentes formas de aprendizado, mas sim a situações distintas de aprendizagem, a partir da perspectiva do próprio treinador.

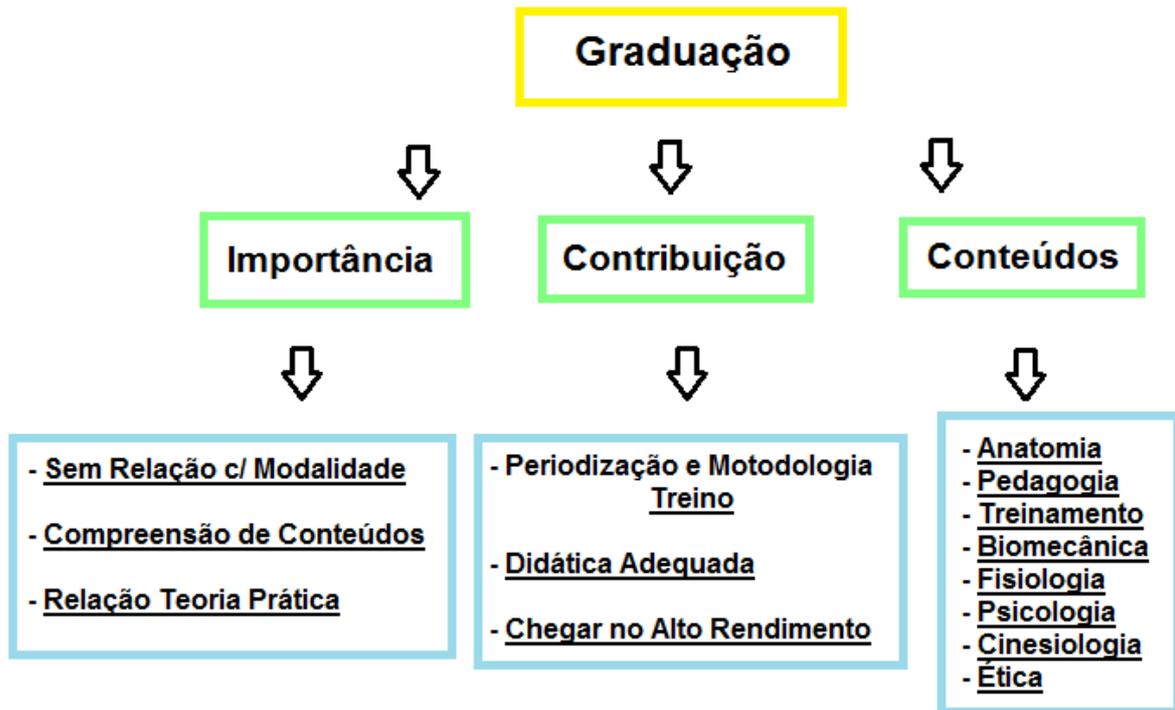
Essas experiências correspondem a um momento de reflexão do atleta, talvez futuro treinador, referente à escolha de sua profissão. Enquanto atleta, ele vive situações e experiências que servem como aprendizagem que agregam a sua bagagem de conhecimentos. Após encerrar a sua carreira como atleta é período favorável à escolha e ao ingresso em um contexto mais formal (cursos de ensino superior ou de formação de treinadores) de qualificação para atender as necessidades formativas e normativas exigidas ao exercício legal da profissão de treinador esportivo (TALAMONI, OLIVEIRA e HUNGER, 2013; BRASIL ET AL, 2015b).

Portanto, apesar da Experiência como Atleta ter uma importância no processo de formação do treinador, demonstrada tanto pela literatura quanto pelos treinadores participantes do estudo, ela não parece ser fundamental.

#### **4.2.2 Graduação em Educação Física**

A Graduação em Educação Física foi um dos pontos abordado na entrevista. A assunto foi dividido em três categorias: Importância na formação, contribuição na formação e conteúdos trabalhados que os treinadores acreditaram que foram importante na sua formação. As categorias e as subcategorias foram ilustradas na ilustração 13.

Figura 9: Categorias e Subcategorias da Graduação em Educação Física.

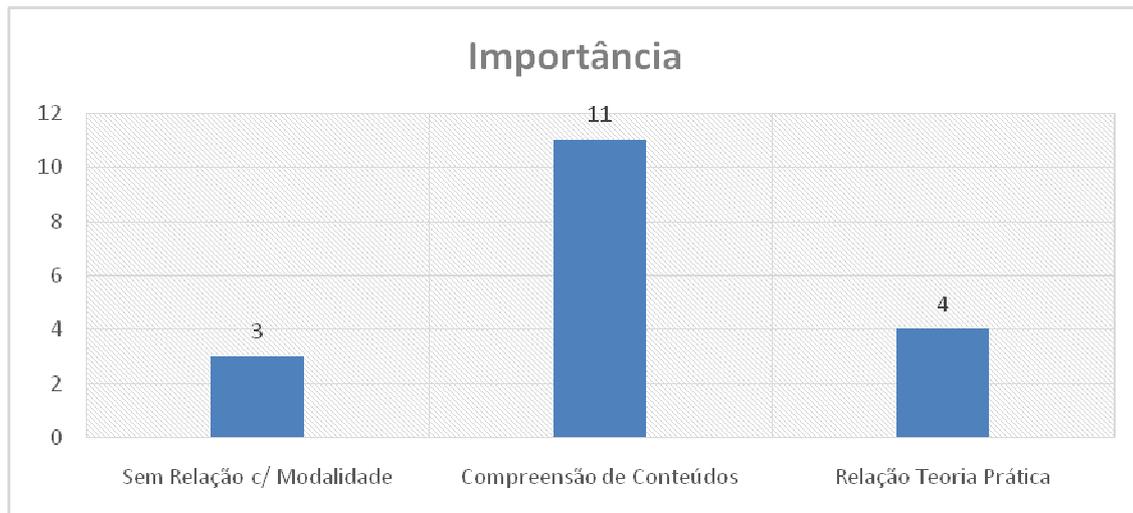


A categoria importância, quando perguntada a para os treinadores, estabeleceu três subcategorias: a graduação não teve relação com a modalidade do treinador, a graduação foi importante para a compreensão de conteúdos e importante para melhorar a relação teoria e prática.

A categoria contribuição trouxe outras três subcategorias: a graduação contribuiu para a periodização e metodologia de treino, para a aplicação da didática adequada para seus atletas e para a chegada no nível do alto rendimento.

A categoria conteúdos foi formada a partir dos conteúdos, trabalhados dentro da Graduação em Educação Física, que os treinadores acreditaram terem sido importantes para a sua formação. Os conteúdos mais destacados foram: Anatomia, Pedagogia do Esporte, Biomecânica, Fisiologia do Exercício, Teoria do Treinamento, Psicologia do Esporte, Cinesiologia e Ética no Esporte.

Figura 10: Importância da Graduação em Educação Física.



A importância do curso de graduação em Educação Física, para três treinadores, foi destacada como não tendo nenhuma relação com sua modalidade.

Treinador de Tênis de Mesa:

Em relação à faculdade e alto rendimento, em tênis de mesa não se aprende absolutamente nada.

Treinador de Rugby:

Como antes de ingressar no curso de educação física realizei vários cursos de especialização pelo mundo, o curso de educação física me ensinou os mesmos mecanismos e ferramentas que já tinha aprendido, porém tive que adaptar os conhecimentos porque não tinham relação específica com o rúgbi, então pra mim não foi nenhuma novidade.

A segunda subcategoria da importância da Graduação foi formada através das respostas que ressaltavam a compreensão de diferentes conteúdos que são relevantes para a formação do treinador de esporte de alto rendimento do Rio Grande do Sul. Onze treinadores destacaram a importância dessa segunda subcategoria: Treinador 1 (Ginástica Rítmica), 3 (Tênis de Mesa), 4 (Taekwondo), 5 (Natação), 8 (Triatlo), 9 (Badminton), 10 (Atletismo), 12 (Voleibol), 13 (Ginástica Artística), 14 (Futebol) e 15 (Judô). Mesmo a Graduação em Educação Física não tendo uma relação com sua modalidade, os Treinador 3 e 8 também destacaram a importância da compreensão de determinados conteúdos para as suas atividades.

### Treinador de Tênis de Mesa:

A faculdade me deu a questão de pedagogia, como trabalhar, ferramentas de trabalho, como lidar com a parte psicológica etc. Em questões técnicas e táticas não me contribuiu em nada, não vi nada, mas na questão pedagógica vejo que agrega bastante sim. Como não há tênis de mesa na faculdade, muitos técnicos só foram atletas e então acabam travando em questões pedagógicas.

### Treinador de Taekwondo:

Nós não temos cursos no Brasil que formem treinadores, você sai da universidade com formação em bacharelado ou licenciatura e então parte em busca da sua formação como treinador. O professor com uma qualificação boa vai fazer um trabalho bom com seus alunos independente das idades deles, ele vai saber o que trabalhar, como e quando, todos os aspectos. É uma base necessária até mesmo para se desenvolverem coisas maiores.

### Treinador de Natação:

Pra mim foi muito importante, construiu uma base que, como atleta, não é fornecida. Facilita no trato diário com todo o tipo de nadador, da base ao alto rendimento.

### Treinador de Triatlo:

... principalmente na área da fisiologia, do treinamento de endurance, do treinamento de força. Também tem que estar muito atualizado no treinamento esportivo, que é a fisiologia da natação.

### Treinador de Atletismo:

Em especial, a questão da ética é valorizada. Quem não passa por uma universidade, terá muita dificuldade em entender esta questão ética do e no esporte.

### Treinador de Ginástica Artística:

Um exercício se pode ensinar de várias formas, mas o conhecimento de biologia, de anatomia, de fisiologia, de biomecânica é fundamental na formação do treinador, para qualquer nível.

#### Treinador de Judô:

Muitos conteúdos me auxiliaram, fisiologia do exercício, treinamento físico, psicologia do esporte, nutrição esportiva...

A terceira subcategoria é a relação teoria e prática, que pode ser melhorada com a realização do curso de Graduação em Educação Física, segundo os treinadores. Quatro treinadores abordaram essa relação como importante: o Treinador 2 (Esgrima), 10 (Atletismo), 14 (Futebol) e 15 (Judô). O treinador 10 não possui a Graduação em Educação Física, mas um curso de treinamento de atletismo de um ano e meio realizado na Alemanha, na Universidade de Mainz.

#### Treinador 2 (Esgrima):

O alto rendimento se define com toda tua base teórica e prática adquirida na formação, na universidade juntamente com os atletas que tu vai pegar e trabalhar, tendo que se dedicar pra evoluir juntamente com a evolução do atleta.

#### Treinador 10 (Atletismo):

Um curso com todos professores da Universidade de Mainz. Ali tive mais um embasamento teórico e prático do treinamento em geral.

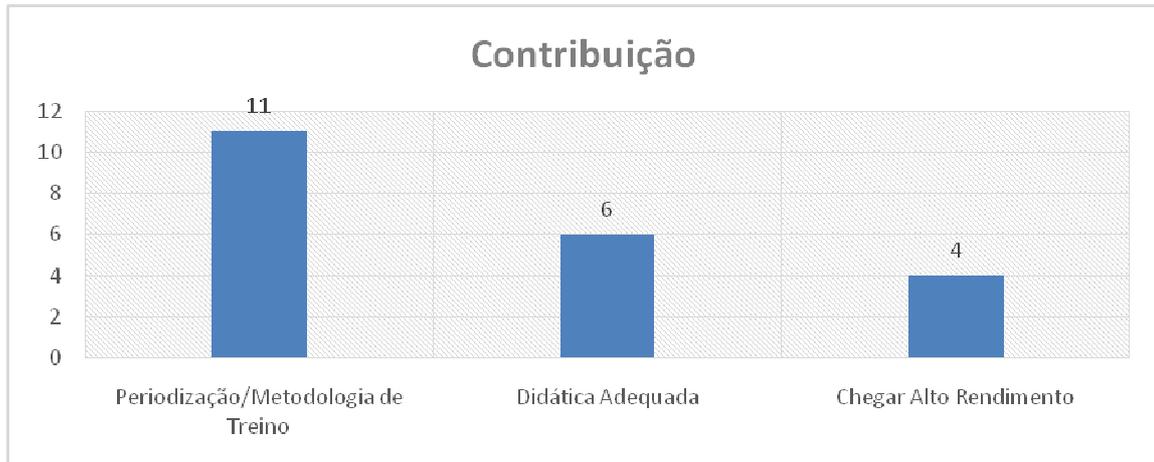
#### Treinador 14:

...ter a união da parte acadêmica, porque ali te dá a didática, a maneira como tu vais montar o teu treino, a organização periódica de como tu crias um treinamento, de como tu faz uma parte de prevenção de lesão, uma parte de iniciação ao sistema tático. Isso não é a experiência de jogador que vai te dar, isso é a universidade, é a escola. Como a gente fez na faculdade, plano de aula, essas coisas todas que o ex-atleta não possui, isso traz uma união da parte prática com esses conteúdos trabalhados na graduação.

Apesar de alguns treinadores participantes do estudo não demonstrarem uma importância da Graduação em Educação Física, de modo geral ela é considerada importante. Traz, aos treinadores, a consciência da importância de determinados conteúdos e melhora a relação teoria e prática.

A segunda categoria é a contribuição da Graduação na formação dos treinadores.

Figura 11: Contribuição da Graduação em Educação Física.



A primeira e a segunda subcategorias caminham juntas: a contribuição na periodização e metodologia de treino e didática para trabalhar com diferentes atletas, nas suas diferentes modalidades. Dez treinadores ressaltaram a contribuição na primeira subcategoria: Treinador 1 (Ginástica Rítmica), 2 (Esgrima), 4 (Tekwondo), 5 (Natação), 8 (Triatlo), 9 (Badminton), 10 (Atletismo), 12 (Voleibol), 13 (Ginástica Artística), 14 (Futebol) e 15 (Judô).

Outros seis treinadores destacaram a contribuição da pedagogia e psicologia do esporte, acrescentando uma melhora na abordagem didática. Formando a segunda subcategoria estão os treinadores 1 (Ginástica Rítmica), 3 (Tênis de Mesa), 4 (Taekwondo), 9 (Badminton), 12 (Voleibol) e 15 (Judô).

Treinador 1 (Ginástica Rítmica):

Eu tinha muito conhecimento da formação técnica, de saber como ela funciona, mas não tinha conhecimento ainda da parte pedagógica, da didática, da metodologia de treino.

Treinador 3 (Tênis de Mesa):

A faculdade me deu a questão de pedagogia, como trabalhar, ferramentas de trabalho, como lidar com a parte psicológica etc. Em questões técnicas e táticas não me contribuiu em nada, não vi nada, mas na questão pedagógica vejo que agrega bastante sim. Como o tênis de mesa não há na faculdade, muitos técnicos só foram atletas e então acabam travando em questões pedagógicas.

#### Treinador 4 (Tekwondo):

O treinador com uma qualificação boa vai fazer um trabalho bom com seus atletas independentemente das idades deles, dos níveis deles, ele vai saber o que trabalhar, como e quando, todos os aspectos. É uma base necessária até mesmo para se desenvolverem coisas maiores.

#### Treinador 8 (Triatlo):

...principalmente na área da fisiologia, do treinamento de endurance, do treinamento de força.

#### Treinador 13 (Ginástica Artística):

Um exercício se pode ensinar de várias formas, mas o conhecimento de biologia, de anatomia, de fisiologia, de biomecânica é fundamental na formação do treinador, para qualquer nível.

#### Treinador 14 (Futebol):

ali (Graduação) te dá a didática, a maneira como tu vais montar o teu treino, a organização periódica de como tu crias um treinamento, de como tu faz uma parte de prevenção de lesão, uma parte de iniciação ao sistema tático.

#### Treinador 15 (Judô):

Muitos conteúdos dos me auxiliaram, fisiologia do exercício, treinamento físico, psicologia do esporte, nutrição esportiva...

A terceira subcategoria da contribuição foi formada pelo destaque com relação à contribuição da Graduação em Educação Física para a sua chegada no nível de um treinador de esporte de alto rendimento. Quatro treinadores ressaltaram essa contribuição: Treinadores 2 (Esgrima), 5 (Natação), 7 (Rúgbi), 13 (Ginástica Artística).

#### Treinador 5 (Natação):

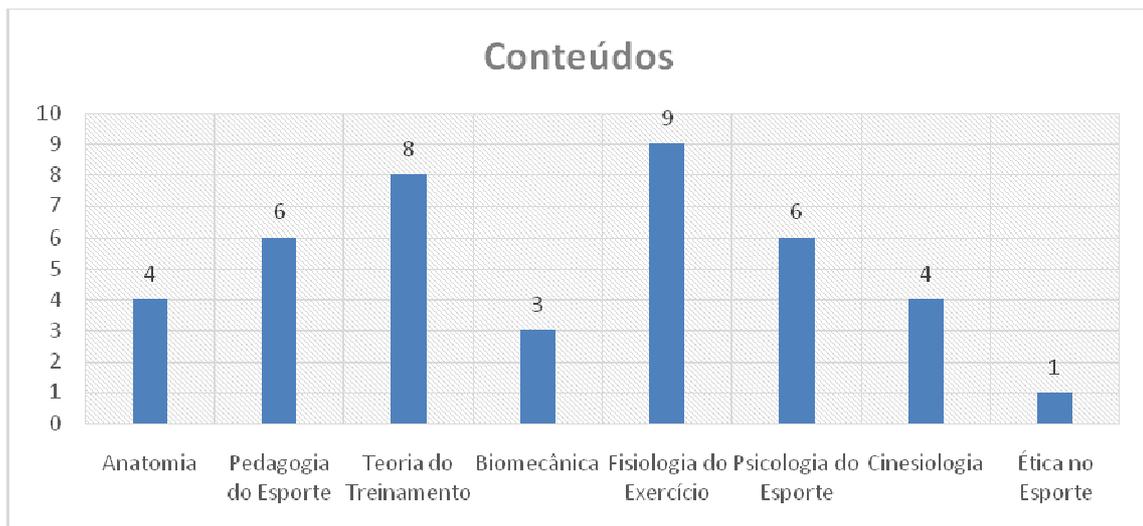
Pra mim foi muito importante, construiu uma base que, como atleta, não é fornecida. Facilita no trato diário com todo o tipo de nadador, da base ao alto rendimento, para o treinador que quer chegar no alto rendimento, é um fator de diferenciação.

### Treinador 7 (Rúgbi):

Eu acredito que para aqueles que não tiveram a oportunidade que eu tive de viajar pelo mundo e fazer os cursos que eu fiz, com gente muito boa e gente de alto rendimento, eu acho que é um caminho muito válido, porque pela experiência que tive aqui pelo Brasil eu não vi pessoas que não tenham educação física e que fossem qualificadas da maneira certa para atingir esse nível de alto rendimento.

A terceira categoria foi formada através do depoimento dos treinadores com relação aos conteúdos desenvolvidos na Graduação em Educação Física, que contribuíram para a sua formação.

Figura 12: Conteúdos relevantes para os Treinadores desenvolvidos na Graduação em Educação Física.



São oito os conteúdos que trouxeram contribuições para a sua formação.

Tabela 2: Conteúdos da Graduação em Educação Física separados por modalidade.

|                     | Anatomia | Pedagogia | Teoria do Treinamento | Biomecânica | Fisiologia | Psicologia | Cinesilogia | Ética |
|---------------------|----------|-----------|-----------------------|-------------|------------|------------|-------------|-------|
| Ginástica Rítmica   |          | X         | X                     |             |            | X          |             |       |
| Esgrima             | X        |           | X                     |             | X          |            |             |       |
| Tênis de Mesa       |          | X         | X                     |             | X          | X          | X           |       |
| Jaekwondo           |          | X         | X                     |             | X          | X          |             |       |
| Natação             |          |           |                       |             | X          | X          |             |       |
| Rúgbi               |          |           |                       | X           |            |            | X           |       |
| Triatlo             |          |           |                       |             |            |            |             |       |
| Badminton           | X        | X         | X                     |             | X          |            | X           |       |
| Atletismo           | X        |           |                       |             | X          |            | X           | X     |
| Voleibol            |          | X         | X                     | X           |            |            |             |       |
| Ginástica Artística | X        |           |                       | X           | X          |            |             |       |
| Futebol             |          | X         | X                     |             | X          | X          |             |       |
| Judô                |          |           | X                     |             | X          | X          |             |       |

A formação do treinador deve ser projetada para que o treinador adquira competência para ajudar os atletas a atingir seus objetivos, seguindo os estágios adequados do seu desenvolvimento, e no contexto em que o treinamento acontece. Dessa maneira, são classificados dois tipos de treinadores: Treinadores de participação e os de desempenho. Nos treinadores de desempenho, os seus domínios de atuação são o treinamento de atletas emergentes, de atletas em nível médio e de alto rendimento (GILBERT et al, 2006; RESENDE et al, 2014; LEFEBVRE et al, 2016).

Os domínios dentro das duas ocupações padrões são usados para identificar grupos específicos de atletas que podem buscar diferentes treinamentos em esportes, países e contextos sociais. É importante reconhecer que os treinadores podem trabalhar simultaneamente entre as duas principais ocupações e dentro de domínios diferentes, dependendo da natureza do seu papel (ISCF, 2012). Portanto, a atuação do treinador de alto rendimento possui atuação e conhecimentos específicos.

Apesar de o treinador esportivo ser reconhecido como uma profissão neste país, Milistetd (2014) demonstrou algumas inconsistências sobre o sistema de sua formação: currículo muito geral; poucas oportunidades para a aprendizagem experiencial e preparação, principalmente, focada no contexto de participação no treinamento esportivo, diferentemente da classificação na qual os treinadores do estudo enquadram-se: treinadores de desempenho.

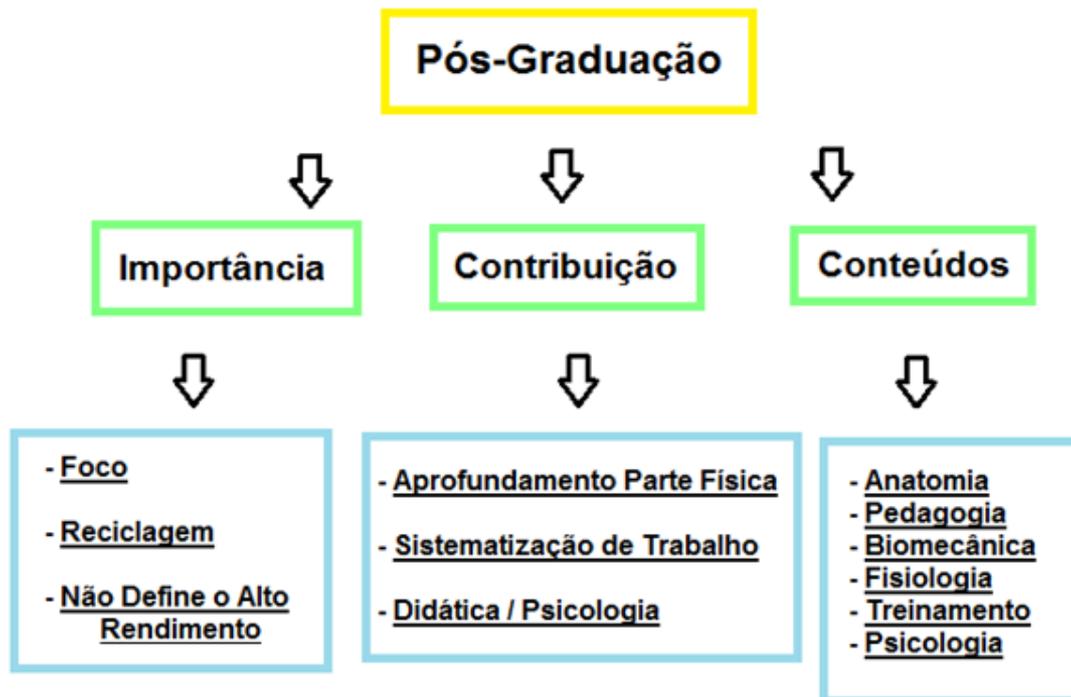
Os cursos de bacharelado em Educação Física devem oferecer formação ampla com bases humanas, biológicas e sociais, além de desenvolver uma formação específica relacionada aos conhecimentos identificadores da área, que se relacionam às diferentes formas de atividade física e esporte. Para tanto, os cursos devem utilizar variadas formas de ensino, como aulas teóricas e práticas, práticas pedagógicas curriculares, estágios curriculares, entre outras experiências de aprendizagem para o desenvolvimento de conhecimentos e competências dos futuros profissionais (MILISTETD et al, 2014; MILISTETD et al, 2016). Os cursos de Educação Física tendem a cumprir com as suas obrigações de formação; porém, não contemplam a formação necessária para um treinador de alto rendimento.

Sobre a importância da Graduação em Educação Física, embora alguns treinadores deixem bem claro que não houve relação alguma com sua modalidade esportiva, parece que a compreensão da importância de conteúdos abordados na graduação é relevante. Os exemplos dessa importância podem ser esclarecidos nas contribuições e nos conteúdos desenvolvidos no curso de graduação: a pedagogia esportiva, usada para estabelecer a didática correta com cada atleta; a fisiologia do exercício e a teoria do treinamento, para uma formulação correta e individualizada de treino; a psicologia esportiva, para uma melhor relação treinador e atleta; e a ética esportiva, abordada como sendo a universidade um lugar específico de compreensão dessa área.

#### **4.2.3 Pós-Graduação**

A Pós-Graduação foi outro assunto abordado na entrevista. Nem todos os treinadores participantes do estudo possuem a Pós-Graduação. Para esta análise, os treinadores 3 (Tênis de Mesa), 5 (Natação), 7 (Rúgbi) e 8 (Triatlo) ficaram de fora. Três categorias surgiram através da análise desse assunto: importância na formação, contribuição na formação e conteúdos trabalhados que os treinadores acreditaram que foram importantes na sua formação. As categorias e as subcategorias foram ilustradas na figura 13.

Figura 13: Categorias e Subcategorias da Pós-Graduação.

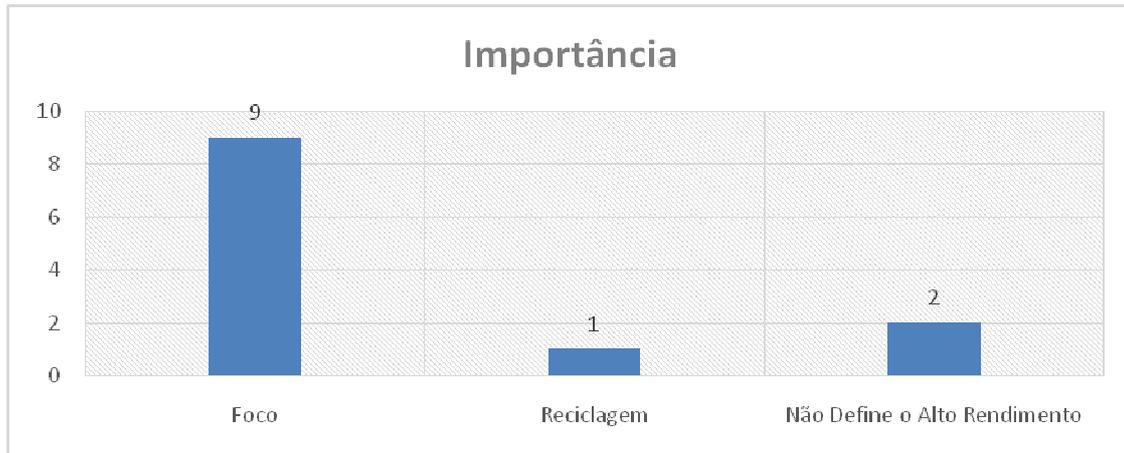


A categoria importância, quando perguntada para os treinadores, estabeleceu três subcategorias: o foco no determinado assunto proposto pelo programa de pós, reciclagem de conhecimentos previamente estabelecidos e a questão de que, apesar de apresentar esses dois pontos positivos, a pós leva a uma definição do preparo do treinador para a chegada no nível do alto rendimento.

A categoria contribuição estabeleceu três subcategorias: aprofundamento das questões do treinamento físico dos atletas, a sistematização do trabalho e a questão da didática adequada e a psicologia do esporte.

A categoria conteúdos foi formada a partir dos conteúdos trabalhados dentro da Pós-Graduação, que os treinadores acreditaram terem sido importantes para a sua formação. Os conteúdos mais destacados foram: Anatomia, Pedagogia do Esporte, Biomecânica, Fisiologia do Exercício, Teoria do Treinamento e Psicologia do Esporte.

Figura 14: Importância da Pós-Graduação.



Duas subcategorias foram formadas devido ao destaque de apenas três treinadores. Subcategoria reciclagem: Treinador 1 (Ginástica Rítmica); Subcategoria relacionada à Pós-Graduação não definir o alto rendimento: Treinador 2 (Esgrima) e Treinador 10 (Atletismo).

Treinador de Ginástica Rítmica:

Foi muito bom, porque deu uma reciclada. Principalmente na questão da preparação física e alguma parte de biomecânica, uma parte bem interessante. A questão psicológica também me ajudou bastante e posteriormente foi o que me levou a fazer um trabalho de mestrado na área da motivação.

A especialização foi muito legal, porque os professores pegaram todo o conhecimento de suas áreas e transferiram para a ginástica.

Treinador 2 (Esgrima):

Na especialização, o treinamento esportivo foi bem melhor trabalhado do que na graduação, devido à tradição na área que a escola do exército possui, porém não foi o que definiu a questão do alto rendimento. Havia disciplinas de educação física também, como fisiologia, anatomia, bioquímica, biomecânica, treinamento esportivo (diversos níveis).

A subcategoria foco foi a mais comentada pelos treinadores. A categoria Pós-Graduação apresenta a característica do foco em sua abordagem, diferentemente das Graduação. Os treinadores que destacaram essa importância foram: 1 (Ginástica Rítmica), 2 (Esgrima), 4 (Taekwondo), 9 (Badminton), 10 (Atletismo), 12 (Voleibol), 13 (Ginástica Artística), 14 (Futebol) e 15 (Judô).

#### Treinador 4 (Teakwondo):

Sou especialista em ensino de treinamento de lutas, pela SOGIPA e especialista da área de formação de atletas de Taekwondo pelo COB. Na Sogipa, a especialização era em ensino e treinamento de lutas, creio que foi a única especialização do tipo no Rio Grande do Sul, muito importante pelo tema específico nas lutas.

#### Treinador de Badminton:

Na minha especialização foi onde mais entendi sobre as experiências do corpo com o exercício, porque era focado.

#### Treinador de Atletismo:

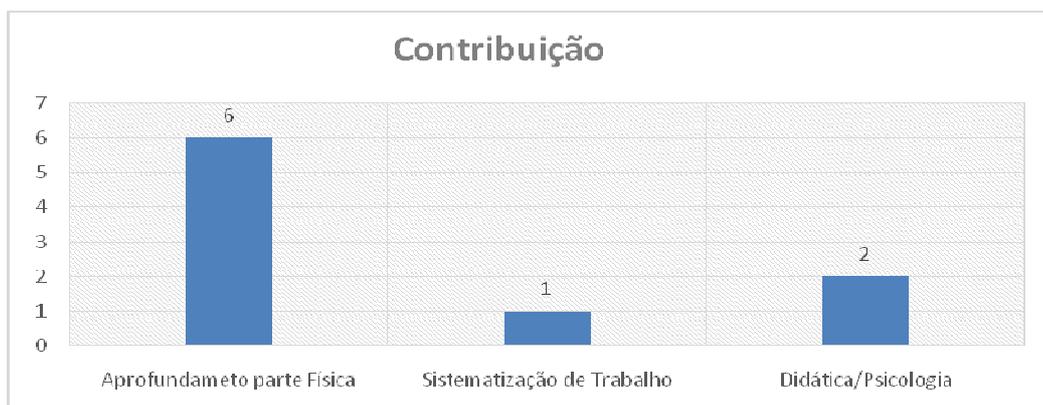
Quanto aos cursos, a questão específica do treinamento ajuda muito, do direcionamento específico, mas não creio que seja suficiente para que um indivíduo se torne treinador de alto rendimento.

#### Treinador de Futebol

Quando fazes uma especialização, já fazes direcionado para a área em que estás atuando, buscando aprofundar os assuntos. Mas a graduação, vou ser sincero e puxar bem para o meu lado do futebol, tem muitas cadeiras que nunca vais utilizar no futebol.

A Pós-Graduação parece ter uma importância na formação dos treinadores, principalmente porque começa a aparecer o foco nas suas áreas de interesse. A segunda categoria formada é a contribuição da Pós-Graduação na formação dos treinadores.

Figura 15: Contribuição da Pós-Graduação.



Assim como na categoria importância, a categoria contribuição formou duas subcategorias devido ao destaque de apenas três treinadores com relação à contribuição na sistematização do trabalho: Treinador 12 (Voleibol), e a contribuição na parte da psicologia do esporte e didática, Treinadores 1 (Ginástica Rítmica) e 4 (Taekwondo).

Treinador 1 (Ginástica Rítmica):

...terminei a especialização, entrei como Professora Substituta. Entrei num grupo de pesquisa de pedagogia e psicologia do esporte, acabei fazendo a seleção para mestrado e fiz ele. Foi na área de pedagogia do Esporte e de psicologia do esporte. Terminando o mestrado, passei na seleção de doutorado, dando continuidade no meu mestrado eu trabalhei só com a parte das atletas, na parte de motivação, o quanto elas eram motivadas intrínseca ou extrinsecamente e o que levava à prática regular da ginástica. No doutorado me dediquei a questão do ambiente de treino e na questão da abordagem do treinador: como ele trabalhava à questão da teoria que eu estudo, relacionada no ambiente de treino.

Treinador 12 (Voleibol):

O mestrado para mim foi fundamental, pois me ensinou muito sobre metodologia. Nós temos que ter um planejamento para a nossa modalidade. Normalmente são ciclos de 4 anos que a gente trabalha, mas, quando eu entrei no mestrado, mesmo não sendo uma coisa ligada diretamente ao meu trabalho, ele me ensinou a sistematizar o trabalho e isso para mim foi fundamental. Eu sinto que o meu desenvolvimento como profissional foi muito grande por ele me ensinar a sistematizar o trabalho.

A subcategoria do aprofundamento da parte física apresenta maior prevalência na contribuição para os treinadores. Seis treinadores destacaram esse quesito: Treinadores 2 (Esgrima), 9 (Badminton), 10 (Atletismo), 13 (Ginástica Artística), 14 (Futebol) e 15 (Judô).

Treinador 10 (Atletismo):

Fiz uma pós em fisiologia do exercício, que tem tudo a ver com a questão das demandas energéticas nas provas de corrida, em especial, que são a minha praia. Também me ajuda muito a criar os treinos de acordo com os sistemas que eu quero trabalhar na sessão de treinamento.

Treinador 9 (Badminton):

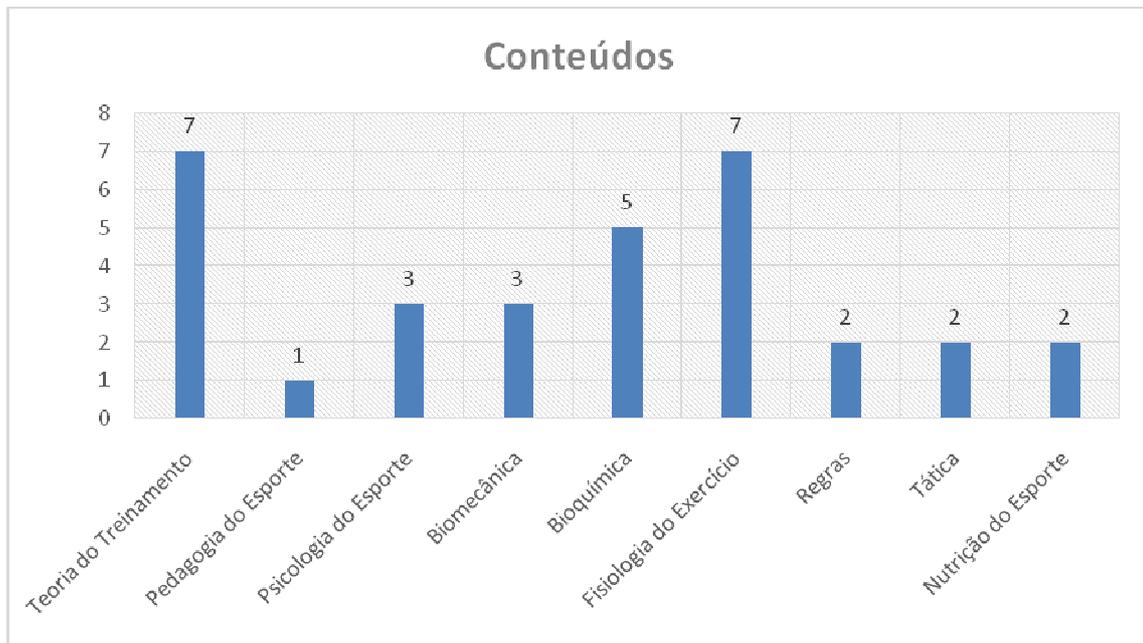
Na minha especialização foi onde mais entendi sobre as experiências do corpo com o exercício, porque era focado. Eu acho que o curso de Educação Física não tem um foco.

### Treinador 14 (Futebol):

É que eu sou um cara muito “cri-cri”, muito chato em tudo que eu faço. Por que eu fiz teoria do Treinamento? Por que eu fiz Fisiologia? Porque eu quero saber o que está acontecendo com meu atleta. Teoricamente um treinador não precisa disso. Então, quando eu fiz essas cadeiras, para mim foi muito importante.

A terceira categoria foi formada através do depoimento dos treinadores com relação aos conteúdos, desenvolvidos na Pós-Graduação, que contribuíram para a sua formação.

Figura 16: Conteúdos relevantes para os Treinadores desenvolvidos na Pós-Graduação.



São nove os conteúdos destacados pelos treinadores que trouxeram alguma contribuição para a sua formação.

Tabela 3: Conteúdos da Pós-Graduação separados por Modalidade.

|                     | Teoria do Treinamento | Pedagogia | Psicologia | Biomecânica | Bioquímica | Fisiologia do Exercício | Regras | Tática | Nutrição |
|---------------------|-----------------------|-----------|------------|-------------|------------|-------------------------|--------|--------|----------|
| Ginástica Rítmica   | X                     | X         | X          | X           |            | X                       |        |        |          |
| Esgrima             | X                     |           |            | X           | X          | X                       |        |        |          |
| Taekwondo           | X                     |           | X          |             |            |                         | X      | X      |          |
| Badminton           | X                     |           |            |             | X          | X                       |        |        |          |
| Atletismo           |                       |           |            |             | X          | X                       |        |        |          |
| Voleibol            |                       |           |            |             |            |                         |        |        |          |
| Ginástica Artística | X                     |           |            | X           | X          | X                       |        |        |          |
| Futebol             | X                     |           |            |             |            | X                       | X      | X      | X        |
| Judô                | X                     |           | X          |             | X          | X                       |        |        | X        |

A importância da Pós-Graduação teve um maior destaque por parte dos treinadores na questão do foco específico, fazendo com que se diferenciasse da Graduação. Milistetd et al (2014) destacam que, a princípio, a Graduação em Educação Física tende a tornar os alunos mais generalistas do que especialistas, o que significa ser versátil nas áreas de saúde, lazer e desempenho esportivo.

Grande parte dos alunos tem limitada experiência como atleta e/ou experiência como treinador e seus cursos formais contêm poucos cursos de treinamento em profundidade. A Pós-Graduação parece proporcionar o começo dessa especialização em determinadas áreas. A contribuição mais relevante destacada pelos treinadores foi o aprofundamento da parte física do treinamento.

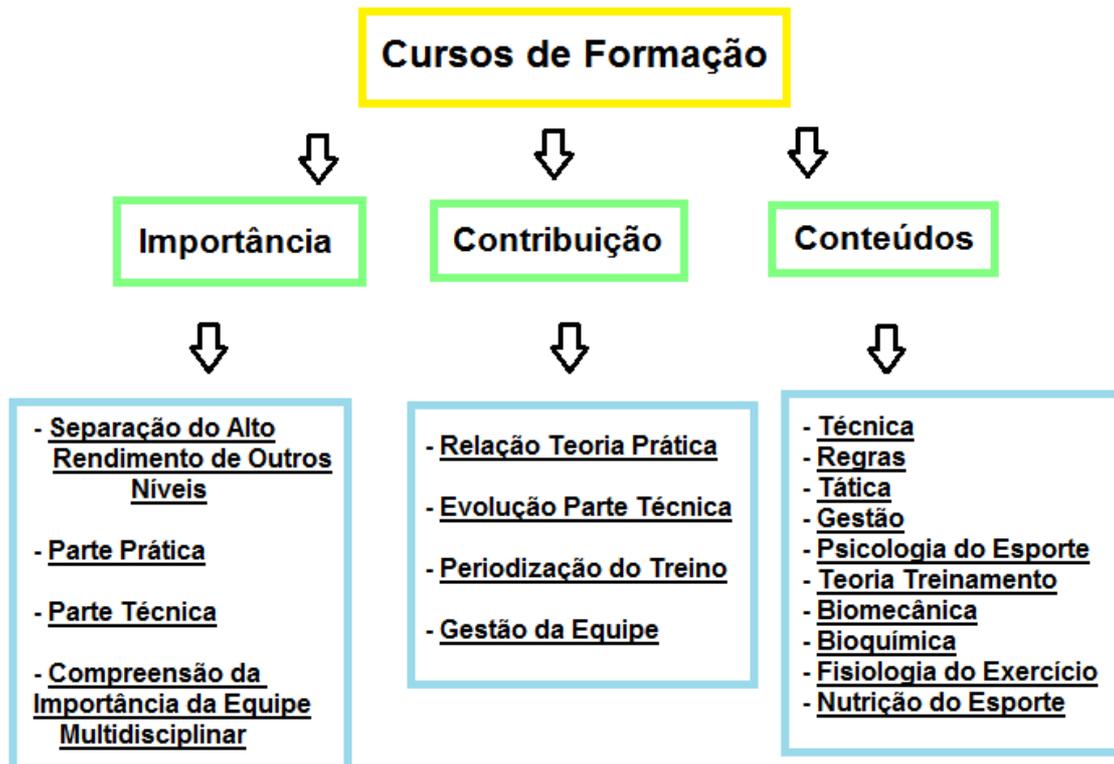
Os conteúdos mais salientados pelos treinadores estão dentro da parte do treinamento físico e da psicologia do esporte. Levando em consideração a contribuição e os conteúdos desenvolvidos na Pós-Graduação, por parte dos treinadores participantes do estudo, a tendência é de aprofundamento de conteúdos; porém, não em cada modalidade.

#### 4.2.4 Cursos de Formação de Treinadores

Os cursos de formação de treinadores também foi um assunto abordado na entrevista. Todos os treinadores possuem algum curso de formação de treinadores, ou oferecido por confederações e federações, ou oferecidos por outras entidades. Três categorias surgiram através da análise desse assunto: importância na

formação, contribuição na formação e conteúdos trabalhados que os treinadores acreditaram que foram importante na sua formação. As categorias e as subcategorias foram ilustradas na figura 17.

Figura 17: Categorias e Subcategorias dos Cursos de Formação de Treinadores.



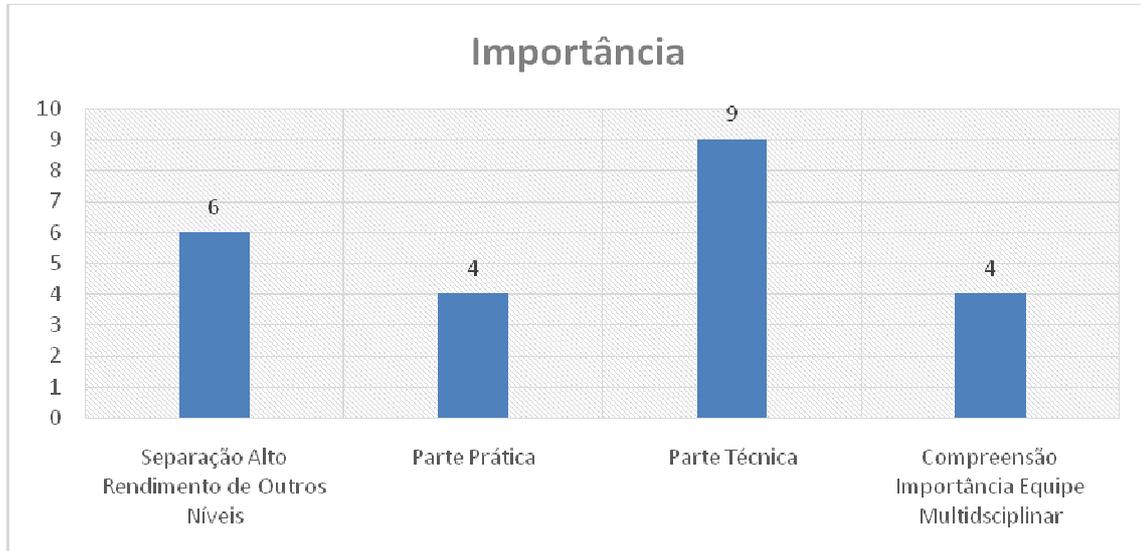
A categoria importância, através da análise, foi dividida em quatro subcategorias: importância em diferenciar, para o treinador, o alto rendimento de outros níveis de treinamento; importância na parte técnica das modalidades; importância na parte prática e a compreensão da importância de uma equipe multidisciplinar.

A categoria contribuição trouxe outras quatro subcategorias de análise: contribuição para uma melhor relação teoria e prática; contribuição para a evolução na parte técnica dos treinadores em relação às suas modalidades e a contribuição para uma melhor gestão da equipe.

A categoria conteúdos foi formada a partir dos conteúdos trabalhados dentro dos Cursos de Formação, que os treinadores acreditaram terem sido importantes para a sua formação. Dez conteúdos obtiveram destaque: Técnica, Regras, Tática,

Gestão Esportiva, Psicologia do Esporte, Teoria do Treinamento, Biomecânica, Bioquímica, Fisiologia do Exercício e Nutrição do Esporte.

Figura 18: Importância dos Cursos de Formação de Treinadores.



A subcategoria que traz a importância em diferenciar, para o treinador, o alto rendimento de outros níveis de treinamento foi destacada por seis treinadores: Treinadores 3 (Tênis de Mesa), 4 (Taekwondo), 7 (Rúgbi), 12 (Voleibol), 13 (Ginástica Artística) e 14 (Futebol).

Treinador 4 (Taekwondo):

Em 2013, o comitê olímpico brasileiro abriu um processo seletivo para capacitação nas modalidades de combate, onde foram agregados taekwondo, boxe, luta olímpica e karatê, modalidades de jogos panamericanos. Fiz esse “concurso público”, fui selecionado e no mesmo ano iniciei o curso em EAD, começando a parte presencial em janeiro do outro ano. Foram 2 anos de curso, 890 horas/aulas, 3 estágios (um nacional e dois internacionais). Tive como professores as maiores referências na área, Antonio Carlos Gomes, Abdallah Achour, Gotanni, entre outros. Esse curso do COB foi um divisor de águas, onde eu consegui perceber a diferença entre ser professor e ser treinador.

Treinador 12 (Voleibol):

...é fundamental. Aqui nós exigimos que nossos treinadores façam. Eu tenho o nível 3 (da Confederação de voleibol), são 4 níveis. O nível 4 faz algum tempo que não sai. O nível 1 há algum tempo não tem, porque a graduação já é considerada nível 1. E então tem os níveis 2 e 3, muito importante para saber o que trabalhar em cada nível de treinamento, diferenciar categorias de infantil e juvenil de times da Superliga. Para dirigir

um time de Superliga ou uma seleção estadual no Campeonato Brasileiro tu tens que ter o nível 3. A minha ideia agora é fazer os cursos da federação internacional. Eles são bons por que te atualizam sobre o que está sendo feito em nível mundial.

A subcategoria, importância da parte prática, foi composta pelo destaque de quatro treinadores: Treinadores 3 (Tênis de Mesa), 4 (Taekwondo), 8 (Triatlo) e 14 (Futebol).

Treinador 8 (Triatlo):

Os cursos da confederação de triatlo envolvem tanto a teoria, prescrição de treinos, quanto à prática. Ele envolve práticas de habilidades motoras, habilidades em cima da bike, habilidades de montagem e desmontagem da bike, habilidades de transição. Ele inclui exercícios práticos educativos, tanto na água quanto na bike e na corrida.

Treinador 14 (Futebol):

No nosso curso brasileiro tu sai de lá com cinquenta treinos montados, eu tenho todo o material. Eles fazem grupos de cinco e cada grupo monta cinco treinos, sendo dois turnos, de manhã e de tarde. Isso tudo eles te dão em uma pasta em um pen drive e tu trazes. E aí tu aplicas como tu quiseres.

A terceira subcategoria mais comentada entre os treinadores foi a importância para a parte técnica. Nove treinadores abordaram esse assunto: Treinadores 1 (Ginástica Rítmica), 2 (Esgrima), 3 (Tênis de Mesa), 7 (Rúgbi), 8 (Triatlo), 9 (Badminton), 12 (Voleibol), 13 (Ginástica Artística) e 15 (Judô).

Treinador 3 (Tênis de Mesa):

Abordamos muito a questão técnica, nos cursos de tênis de mesa. Nos intercâmbios que eu fiz, principalmente o da Suécia, vimos também questão psicológica.

Treinador 9 (Badminton):

Também a confederação (brasileira de badminton) tem curso para técnico de nível 1. É abordada toda a questão técnica, da biomecânica do movimento. Junto com isso é combinada a tática, que é o conhecimento de quando utilizar determinadas técnicas.

## Treinador 12 (Voleibol)

Eu acho que eles (confederação brasileira de voleibol) passam muito bem a questão da parte técnica individual dos atletas, o que ensinar em cada faixa etária.

A quarta e última subcategoria formada é a compreensão da importância de uma equipe multidisciplinar. Quatro treinadores deram destaque para esse tema. Treinadores 2 (Esgrima), 5 (Natação), 7 (Rúgbi) e 9 (Badminton).

### Treinador 2 (Esgrima):

Fiz um curso em Colorado Springs, da Comissão Panamericana de Esgrima, onde se falou muito da questão da importância do conhecimento da gestão de uma equipe multidisciplinar e gestão financeira. Foi justamente na época em que os EUA ganharam 6 medalhas olímpicas na esgrima.

### Treinador 5 (Natação):

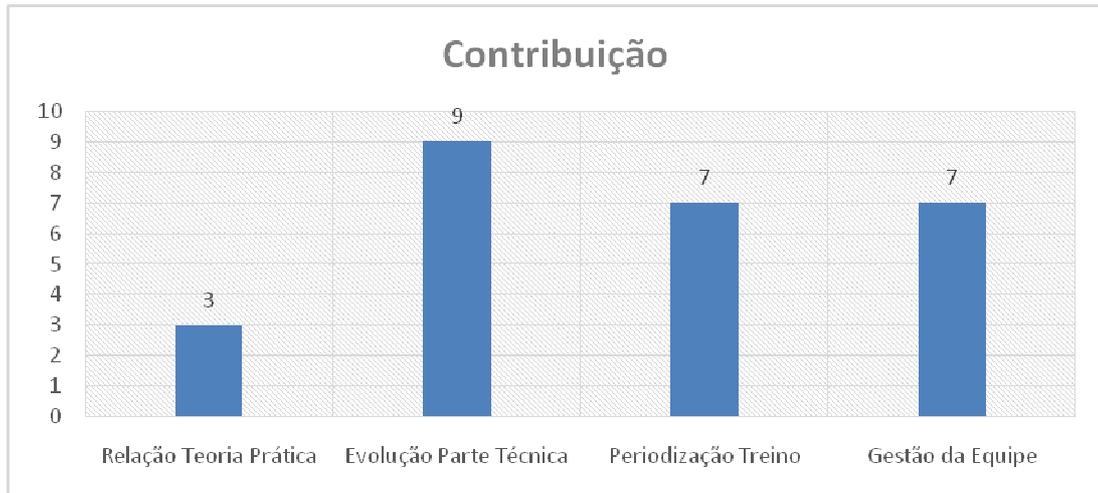
Fiz um curso básico do COB (Comitê Olímpico Brasileiro) em administração, recentemente, mas apenas esse. É importante trabalhar em equipe com os outros departamentos. Aqui no clube nós temos uma equipe multidisciplinar e saber se aproveitar disso também é fundamental. A confederação não oferece nenhum curso.

Os Cursos de Formação de treinadores, em relação aos cursos de Graduação e Pós-Graduação, tomam outro rumo no quesito importância. Parece que os Cursos de Formação oferecem a especificidade do esporte, trazendo então a importância da parte técnica e a compreensão da importância da equipe multidisciplinar.

Diferentemente da Pós-Graduação, os cursos de formação, a partir de suas próprias falas tendem a levar ao treinador os conhecimentos mais específicos para o trabalho no alto rendimento, fazendo com ele perceba a diferença do alto rendimento com relação a outros níveis, corroborando com o Quadro Europeu de Competência e Qualificações de Treinadores (*The European Framework for Coaching Competence and Qualifications - EFRCCQ*), que determina que os conhecimentos necessários para um treinador de desempenho são diferentes dos conhecimentos de um treinador de participação (ISCF, 2012).

A segunda categoria é a contribuição dos Cursos de Formação de treinadores nas suas formações.

Figura 19: Contribuição dos Cursos de Formação de Treinadores.



A primeira subcategoria destaca a contribuição para a melhora da relação teoria e prática. Três treinadores abordaram esse tema: Treinadores 3 (Tênis de Mesa), 4 (Taekwondo) e 8 (Triatlo).

Treinador 3 (Tênis de Mesa):

Fui um dos quatro técnicos escolhidos de todo o Brasil para fazer parte deste programa, o FASTTRACK, foi aí que minha carreira deu uma guinada, passamos 12 dias na China, todos os dias em reunião com matéria, com prática sobre alto rendimento. O técnico coordenador do projeto (Michel Gadal, francês, Técnico do Campeão Mundial em 1993) veio ao Brasil depois e fizemos mais duas semanas de discussões e aulas sobre tênis de mesa de alto rendimento, muito importante para a melhora da relação entre os conhecimentos teóricos e os práticos.

A segunda subcategoria é a evolução da parte técnica de cada esporte, proporcionada pelos cursos de formação. Nove treinadores salientaram esse assunto: Treinadores 1 (Ginástica Rítmica), 2 (Esgrima), 3 (Tênis de Mesa), 7 (Rúgbi), 8 (Triatlo), 9 (Badminton), 12 (Voleibol), 13 (Ginástica Artística) e 15 (Judô).

Treinador 13 (Ginástica Artística):

A federação internacional tem um curso chamado "Academia FIG", que é dividido em três níveis. Aí então é a Academia FIG 1, curso básico de treinadores, Academia FIG 2, um curso intermediário para treinadores, e o curso 3, que é um curso para o alto rendimento, onde é muito trabalhada a parte técnica. Academia FIG te oferece conhecimento em várias áreas, não só na parte técnica, mas na parte biomecânica, do movimento, na parte psicológica.

### Treinador 15 (Judô):

Fiz cursos promovidos pela confederação brasileira e pela federação gaúcha de judô. Ambas entidades oferecem poucos, mas disponibilizam cursos de melhoria e desenvolvimentos de treinadores em busca de uma melhora técnica dos técnicos.

A terceira subcategoria é a contribuição para uma melhor periodização de treino, colaborando para o desenvolvimento do atleta ou da equipe. Sete treinadores destacaram essa contribuição para suas formações: Treinadores 4 (Taekwondo), 7 (Rúgbi), 8 (Triatlo), 9 (Badminton), 10 (Atletismo), 12 (Voleibol) e 14 (Futebol).

### Treinador 7 (Rúgbi):

Nos cursos da CBRu, eu tive cinesiologia, tive biomecânica, tive cadeiras como tive na faculdade, mas na faculdade eu vejo coisas mais abrangentes e nessas cadeiras eu tinha coisas bem aplicadas, bem direcionadas. Tive bioquímica e coisas desse gênero, nos cursos de preparação físico no rúgbi, abordamos a metodologia de treino e periodização adequada para cada objetivo.

### Treinador 8 (Triatlo):

Quanto aos cursos que eu fiz fora, o mais importante foi sobre medidores de potência, “prescrição e treinamento com o uso do medidor de potência”, com o Hunter Allen, mais voltado especificamente para o ciclismo. Com o Dave Scott eu fiz uma clínica que envolve as três modalidades, onde ele fala também sobre nutrição. Com o Mark Allen, falando só sobre treinamento de longa distância, metodologia de treino, periodização do treino, voltado para atletas de Ironman.

### Treinador 10 (Atletismo):

Fiz um curso de treinador da IAAF, específico em atletismo, com aprovação. Ali também temos uma carga muito grande de material, em especial as questões de planejamento, periodização e utilização de cargas de treinamento.

A quarta subcategoria aborda a contribuição na parte da gestão de equipe. Outros sete treinadores comentaram sobre o tema na entrevista: Treinadores 2 (Esgrima), 3 (Tênis de Mesa), 4 (Taekwondo), 5 (Natação), 7 (Rúgbi), 9 (Badminton) e 14 (Futebol).

### Treinador 9 (Badminton):

Nós na confederação brasileira de badminton sugerimos para um trabalho aprimorado uma equipe multidisciplinar, com preparador físico, psicólogo e nutricionista. Se fala tudo voltado para o badminton. Também a questão do estilo de vida é abordada, sobre as práticas fora do esporte, sobre a questão nutricional. Tudo voltado para o badminton, já se fala em psicologia baseado em pesquisas feitas com o badminton, em biomecânica e questões físicas para o badminton...E nos níveis 2 já trabalhamos no panorama olímpico do badminton.

#### Treinador 14 (Futebol):

Eu vivi os dois lados. Eu trabalhei em clubes na Índia em que trabalhei sozinho, era eu e Deus. Hoje eu estou em uma situação muito boa, em um dos maiores clubes da Índia e trabalho com dezesseis staffs. Então, hoje eu tenho dois médicos, três fisioterapeutas, três massagistas. Eu tenho um grupo desses que fazem de tudo, que pegam a bola, levam a roupa, etc. Eu tenho dois roupeiros, três meninos que me ajudam no campo para montar o setup do trabalho de treinamento. Somos quatro profissionais estrangeiros: preparador físico, preparados de goleiro, assistente técnico e treinador. Temos mais um assistente local indiano que já está em um nível bom, não no nível dos estrangeiros, mas já está em um nível que realmente nos ajuda. O nosso médico é muito bom. A nossa parte de mídia é muito forte. Eu tenho um suporte, dentro das proporções, de Real Madrid e Barcelona, Grêmio e Inter, ou seja, completo. Eu, particularmente na minha área, montei todos os departamentos pela experiência que eu tinha do Grêmio, do Inter, do Corinthians, dos clubes que eu passei. Quando eu cheguei lá a liga era praticamente uma liga amadora. Então, eu praticamente montei todos os departamentos do nosso clube. O departamento de análise de desempenho eu montei todo, levei profissionais daqui. Departamento médico eu montei, não que eu seja médico, mas dizendo como tem que ser. Montei departamento de fisiologia, departamento de logística. Montei a nossa estruturação de setups dentro do hotel, peguei salas, montei circuitos de reabilitação, de prevenção de lesão.

A contribuição dos cursos de formação, apesar de terem alguns pontos em comum com a Graduação - a aproximação da parte teórica com a parte prática e o aprimoramento das questões de treinamento físico, outros pontos em comum com a Pós-Graduação, a especificidade da proposta e o aprimoramento das questões de treinamento físico - apresenta um aprofundamento nas questões de cada modalidade. Os cursos de formação de treinadores tendem a ter uma maior contribuição para a evolução da parte técnica e para a gestão de uma equipe multidisciplinar.

Cursos de desenvolvimento de treinadores surgem como uma ação importante para as organizações esportivas. Estudos empíricos recentes e revisões sistemáticas fornecem evidências crescentes de que o desenvolvimento do treinador e os resultados dos atletas podem ser melhorados através de treinamentos realizados por organizações esportivas e pesquisadores.

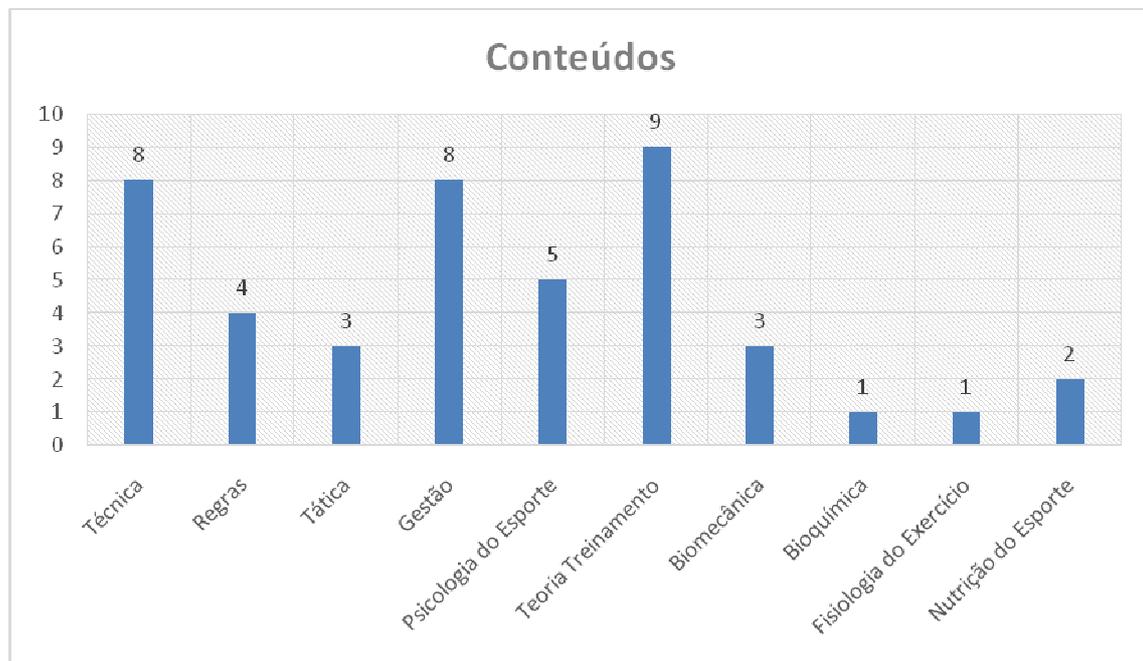
Os cursos de desenvolvimento de treinadores descrevem atividades de aprendizagem formal ou não formal aplicadas sistematicamente por meio da educação, interação social e reflexão pessoal com o objetivo de mudar o comportamento dos treinadores. Podem integrar uma série de palestras, *workshops*, módulos de treinamento e grupos de discussão que são compostos por profissionais, pesquisadores ou colegas com o objetivo de sugerir mudanças de comportamento e desenvolvimento de habilidades para os treinadores. Também pode incluir processos de aprendizagem ou reforços para comportamentos existentes (GILBERT et al, 2006; EVANS et al, 2015; LEFEBVRE et al, 2016).

No Brasil, Confederações e o Comitê Olímpico Brasileiro, através do Instituto Olímpico Brasileiro, oferecem uma formação continuada para o treinador através de certificações oferecidas em cursos. O Comitê Olímpico Brasileiro é composto por estados e federações esportivas nacionais. Entretanto, a falta de uma política esportiva nacional permite que cada Confederação estabeleça suas próprias regras em relação ao desenvolvimento do esporte, sem considerar as diretrizes comuns ou iniciativas similares adotadas em outras partes do país. Além dos cursos oferecidos pelas federações esportivas, o COB criou a Academia Brasileira de Treinadores (ABT) em 2013. O objetivo da ABT é educar profissionais interessados em treinar esportes de alto rendimento (MEIRA, BASTOS, BÖHME, 2012; MAZZEI et al, 2012).

Milistetd et al (2016) realizaram um estudo com o objetivo de analisar a estrutura organizacional dos cursos oferecidos pelas federações esportivas e a ABT. Os autores chegaram à conclusão de que os cursos oferecem o desenvolvimento do conhecimento esportivo específico e dos assuntos relacionados ao treinamento de atletas (preparação física, técnica, tática e psicológica), mas também todos desenvolvem conhecimentos gerais de temas como fisiologia, biomecânica, desenvolvimento motor, gerenciamento e marketing. Assim sendo, as respostas dos treinadores participantes do estudo com relação às contribuições dos cursos de formação e as informações da literatura sobre os objetivos e conteúdos trabalhados em cursos de formação tendem a convergir.

Entrando na questão dos conteúdos trabalhados nos cursos, surge a terceira categoria dos Cursos de Formação de Treinadores: conteúdos desenvolvidos que tiveram alguma contribuição para a formação dos treinadores.

Figura 20: Conteúdos relevantes para os Treinadores desenvolvidos nos Cursos de Formação de Treinadores.



São dez os conteúdos destacados pelos treinadores que trouxeram alguma contribuição para a sua formação.

Tabela 4: Conteúdos trabalhados nos Cursos de Formação de Treinadores separados por Modalidades.

|                      | <u>Técnica</u> | <u>Regras</u> | <u>Tática</u> | <u>Gestão</u> | <u>Psicologia</u> | <u>Teoria Treinamento</u> | <u>Biomecânica</u> | <u>Bioquímica</u> | <u>Fisiologia Exercício</u> | <u>Nutrição</u> |
|----------------------|----------------|---------------|---------------|---------------|-------------------|---------------------------|--------------------|-------------------|-----------------------------|-----------------|
| Ginástica Rítmica    | X              | X             |               |               |                   |                           |                    |                   |                             |                 |
| Egrima               | X              |               |               | X             |                   | X                         |                    |                   |                             |                 |
| Tênis de Mesa        | X              |               |               | X             | X                 |                           |                    |                   |                             |                 |
| <del>Jaekwondo</del> |                |               |               | X             |                   | X                         |                    |                   |                             |                 |
| Natação              |                |               |               | X             |                   |                           |                    |                   |                             |                 |
| Rúgbi                | X              | X             | X             | X             |                   | X                         | X                  | X                 |                             |                 |
| Triatlo              | X              |               |               | X             |                   | X                         |                    |                   | X                           | X               |
| Badminton            |                |               | X             | X             | X                 | X                         | X                  |                   |                             | X               |
| Atletismo            |                |               |               |               | X                 | X                         |                    |                   |                             |                 |
| Vôlei                | X              |               |               |               | X                 | X                         |                    |                   |                             |                 |
| Ginástica Artística  | X              | X             |               |               | X                 |                           | X                  |                   |                             |                 |
| Futebol              |                | X             | X             | X             |                   | X                         |                    |                   |                             |                 |
| Judô                 | X              |               |               |               |                   | X                         |                    |                   |                             |                 |

Os conteúdos mais trabalhados, destacados por mais da metade dos treinadores, foram os conteúdos de Técnica e Teoria do Treinamento e Gestão, sendo que o conteúdo Psicologia do Esporte também obteve um destaque importante. Callary et al (2014) investigaram sete cursos nacionais de formação de treinadores. Seis são cursos com conteúdo curricular estruturado e obtenção de diploma ao término e um programa o sétimo - *New Zealand's Coach Accelerator Program* - é um curso individualizado sem um currículo definido e os treinadores não se formam com a obtenção de um diploma. Podemos observar semelhanças entre os conteúdos trabalhados nesses sete cursos com os conteúdos que os treinadores participantes do estudo consideraram relevantes para sua formação.

Todos os cursos de formação que fizeram parte do estudo de Callary et al (2014) tinham como conteúdos a Psicologia do Esporte, a Gestão e a Pedagogia do Esporte. Os treinadores do presente estudo não destacaram a Pedagogia do Esporte como conteúdo relevante em suas formações, talvez por ser um conteúdo abordado tanto em suas Graduações quanto em suas Pós-Graduações.

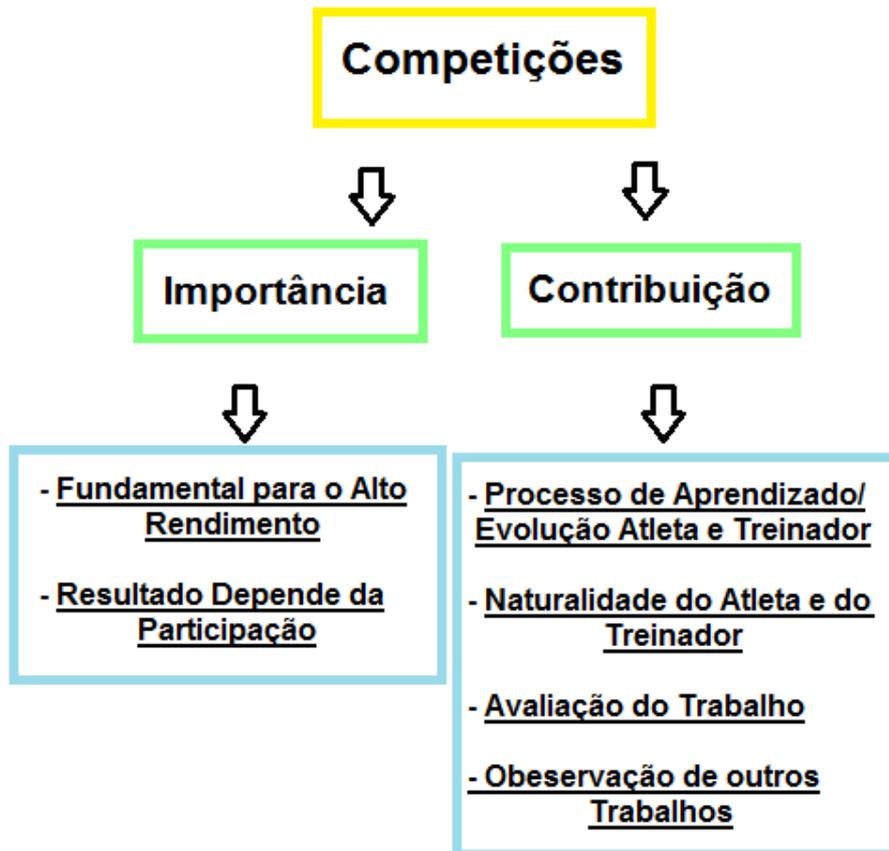
O componente Técnico e Tático do Esporte e a Ciência do Esporte Biofísico (assim definido pelos autores) apenas não são trabalhados no programas de formação da Noruega e Nova Zelândia. Em termos de conteúdos, o que os treinadores do estudo consideraram importante em sua formação estabeleceu uma semelhança com os conteúdos desenvolvidos nos cursos de formação dos setes países presente no estudo de Callary et al (2014).

Milistetd et al (2016) analisaram sete Confederações e a ABT com relação aos conteúdos trabalhados em seus cursos de formação de treinadores. Apenas um curso de formação, o curso da Confederação Brasileira de Canoagem, não possui um representante. Milistetd et al (2016) listaram os seguintes conteúdos: Aspectos da Biomecânica; Descoberta, Seleção e Promoção de Talentos; Regras e Informações em cada tipo de Esportes; Comportamento Profissional do Treinador; Aprendizagem e Desenvolvimento Motor; Emergências no Esporte; Preparação Física; Marketing e Gestão Esportiva; Nutrição Esportiva; Planejamento de Treinamento Esportivo; Meios e Métodos de Treinamento; Análise de Desempenho; Aspectos Psicológicos; Aspectos Técnico-Tático. Mesmo com uma quantidade grande de conteúdos desenvolvidos, os treinadores destacaram apenas os conteúdos presentes na figura 20.

#### 4.2.5 Participação em Competições

As competições também foram um assunto abordado na entrevista. Todos os treinadores consideram as competições importantes, principalmente quando a questão é o alto rendimento. Duas categorias formaram-se a partir da análise das entrevistas: importância das competições em sua formação como treinador e a contribuição para sua formação. As categorias e as subcategorias estão ilustradas na figura 21.

Figura 21: Categorias e Subcategorias da Participação em Competições.

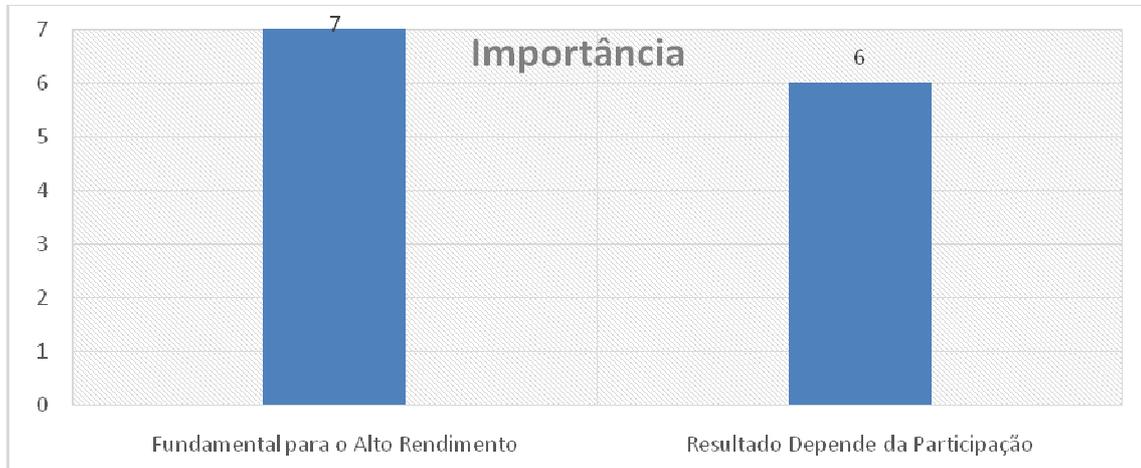


A categoria importância foi dividida em duas subcategorias: Primeira subcategoria, fundamental para o treinador que trabalha com o alto rendimento; e segunda subcategoria, o resultado depende das participações em competições.

A categoria contribuição foi dividida em quatro subcategorias: contribui para o processo de aprendizado/evolução do atleta e do treinador, contribui para a naturalidade do atleta e do treinador durante as competições, contribui para a

avaliação do trabalho do treinador e contribui para a observação de outros trabalhos que podem vir a lhe auxiliar no seu próprio.

Figura 22: Importância da Participação em Competições.



A subcategoria competição é fundamental para o treinador que trabalha no alto rendimento. Foi formada a partir da análise das entrevistas pela resposta de sete treinadores, que consideraram esse tema importante: Treinador 2 (Esgrima), 3 (Tênis de Mesa), 5 (Natação), 7 (Rúgbi), 8 (Triatlo), 13 (Ginástica Artística) e 14 (Futebol).

Treinador 2 (Esgrima):

No alto rendimento, certamente é fundamental. É preciso jogar não só na aula de esgrima, mas na competição, com desafio.

Treinador 3 (Tênis de Mesa):

Eu considero a competição fundamental. Acho importante que os atletas participem de todas as competições possíveis.

Treinador 7 (Rúgbi):

...Competição é tudo. Sem competição não tem rendimento. Não tem como averiguar se alguém está rendendo se não tem uma competitividade intrínseca no que ele está fazendo.

Treinador 8 (Triatlo):

Isso é o básico, é o mínimo quando falamos em alto rendimento. Experiência internacional, mas ela começa antes, tanto em nível regional, de competir muitas provas no seu estado, e nível nacional, para depois partir para competições internacionais. Isso é o mínimo.

A subcategoria o resultado final depende de participações em competições foi destacada por seis treinadores como importante para a sua formação: Treinador 1 (Ginástica Rítmica), 3 (Tênis de Mesa), 5 (Natação), 7 Rúgbi, 14 (Futebol) e 15 (Judô).

#### Treinador 1 (Ginástica Rítmica):

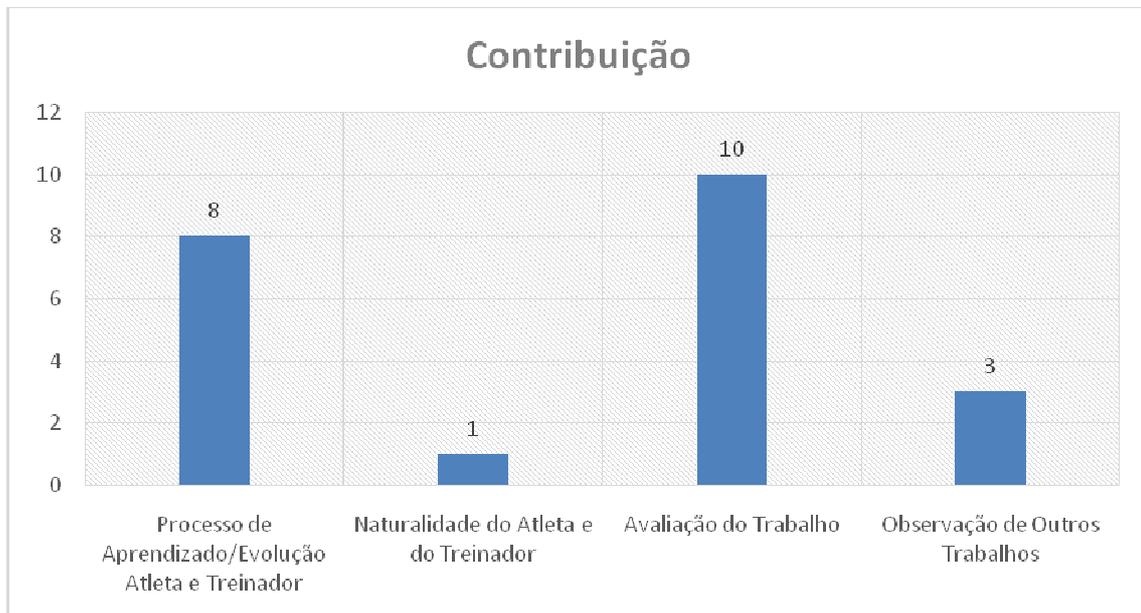
Um bom resultado na Ginástica Rítmica depende de muitas competições, e o Brasil é longe da Europa, que é o centro das competições. Quem financia essas viagens são os clubes. Se há 8 copas do mundo, o ideal é participar das 8 para adquirir um ranking internacional e ganhar reconhecimento, mas não há dinheiro pra manter tudo isso, então não conseguimos.

#### Treinador (Tênis de Mesa):

O resultado é construído no treinamento, mas na competição você mede os frutos do trabalho e o resultado é realmente construído.

A importância das Participações em Competições, para os treinadores participantes do estudo, parece ser fundamental para a obtenção do resultado. Para o treinador de alto rendimento, a competição deve fazer parte do seu cotidiano.

Figura 23: Contribuição da Participação em Competições.



A subcategoria contribui para o processo de aprendizado/evolução do atleta e do treinador teve destaque por parte de oito treinadores: Treinadores 2 (Esgrima), 4 (Taekwondo), 5 (Natação), 7 (Rúgbi), 8 (Triatlo), 9 (Badminton), 12 (Voleibol) e 15 (Judô).

#### Treinador 2 (Esgrima):

O aprendizado se faz na sala de aula, nos treinos, mas é na competição que se sedimenta, se consolida tudo o que se aprendeu nos períodos de treinamento.

#### Treinador 4 (Taekwondo):

A nível nacional, um treinador que nunca participou de campeonato brasileiro tem uma visão diferente do esporte. Por mais que ele acompanhe, a experiência nos níveis superiores é um choque muito grande, por exemplo, para resolver aspectos imediatos de estratégia de luta. É preciso buscar níveis maiores, onde se expressa um esporte de qualidade substancialmente maior, tanto para atletas quanto para treinadores.

#### Treinador 5 (Natação):

Com certeza, a participação em competições contribui para o aprendizado do atleta e do treinador, uma coisa também é importante, a diferença pra quando você vai a uma competição internacional. O antes e o após, quando se participa de uma competição dessas, é um divisor de águas. Quando você tem a oportunidade de ir a uma grande competição, você acaba vendo o esporte de uma outra maneira.

#### Treinador 15 (Judô):

Na minha opinião, vivenciar as diferentes competições permite aprender as coisas que estão acontecendo e estão dando certo. Amplia a gama de conteúdos para utilizarmos nos treinamentos e fazemos o feedback.

A segunda subcategoria foi desenvolvida a partir do comentário de apenas um treinador: 2 (Esgrima), subcategoria da contribuição das participações em competições na naturalidade dos atletas e dos treinadores.

#### Treinador 2 (Esgrima):

Muita gente é ótima no treinamento, onde não há pressão, mas não consegue manter o mesmo nível em competições. É preciso competir frequentemente até que a competição se torne mais um jogo, mais um dia de esgrima. É o que dá a diferença entre os esgrimistas europeus, que possuem um calendário de provas cheio, e nós aqui, que precisamos de

uma movimentação desgastante para participar dos eventos do calendário nacional e estadual. Também participamos de calendários internacionais, sul-americano, pan-americano, mundial etc.

A terceira subcategoria é a contribuição na avaliação no trabalho do treinador que as competições proporcionam. Dez treinadores abordaram esse tema durante as entrevistas: Treinadores 3 (Tênis de Mesa), 4 (Taekwondo), 7 (Rúgbi), 8 (Triatlo), 9 (Badminton), 10 (Atletismo), 12 (Voleibol), 13 (Ginástica Artística), 14 (Futebol) e 15 (Judô).

Treinador 9 (Badminton):

A competição é colocar o trabalho em teste. O treinamento é o estudo e a competição é a prova. O técnico planeja o treinamento, faz de tudo pra que o atleta seja melhor e na competição você vê se há progresso, é um momento de análise. Ela aponta as falhas no trabalho, e há uma troca de experiências com os outros participantes também. Assim como você evolui, os outros também.

Treinador 10 (Atletismo):

A competição contribui para você entender o que acontece em cada nível e se adaptar a cada um deles, para então trazer experiências vividas às etapas e níveis seguintes. Cada competição serve para você ir avaliando e melhorando o seu trabalho.

Treinador 12 (Voleibol):

Então, acho que essas participações em competições de diversos níveis são fundamentais para o treinador, para que ele possa ter um panorama geral do seu trabalho e compará-lo com os trabalhos que estão sendo realizados por aí.

Treinador 13 (Ginástica Artística):

Ginástica são números, apesar de uma pessoa julgar, são números. Você tira 10 pontos, tira 11, tira 10,50 e precisa passar por esse processo de avaliação. E é aí onde entra a competição.

Treinador 14 (Futebol):

Então, eu acho isso muito importante, até para que o treinador ganhe “gordura” e tenha a certeza na hora das escolhas que eles vai fazer de troca de determinado jogador. E eu acho que isso é básico, é fundamental para tu criares um modelo de jogo, uma estratégia, alternância de sistemas, porque

hoje em dia se tu pegares um treinador que só joga em um sistema ele não vai vencer. Ele tem que ter alternância de sistemas de no mínimo dois.

A última subcategoria é sobre a contribuição das participações em competições para a observação do trabalho de outros treinadores. Três treinadores destacaram esse assunto: Treinadores 4 (Taekwondo), 12 (Voleibol) e 14 (Futebol).

Treinador 4 (Taekwondo):

Você se desenvolve como treinador na parte especificamente de competição. Tanto pro treinador quanto para o atleta é importante observar a movimentação e o proceder dos outros atletas e treinadores de alto nível.

Treinador 12 (Voleibol):

Tu vê que nesses intercâmbios, nessas competições, tu começa a saber o que os adversários estão fazendo e a ver se tu está muito longe disso ou se está no caminho certo. Quanto maior o nível maior o nível de exigência, não só para os atletas, mas também para a comissão técnica.

A Participação em Competições tende a ter um ponto na parte da importância para a formação dos treinadores, diferente da Graduação, da Pós-Graduação e dos Cursos de Formação de Treinadores. Apesar de ser destacada a importância para o domínio de atuação do treinador de alto rendimento, assim como na Graduação e nos Cursos de Formação, a Participação em Competições parece ser importante na obtenção do resultado, independentemente de qual meta de resultado proposta.

As contribuições na Participação em Competições tendem a explicar essa importância para o resultado final. Percebemos uma contribuição no processo de aprendizado e evolução, tanto do atleta quanto do treinador. Também é possível identificar uma contribuição para a avaliação do próprio trabalho do treinador. Com menos destaque por parte dos treinadores; entretanto, trazendo uma contribuição estão a naturalidade obtida com maiores números de participações em competições, tanto do atleta quanto do treinador, e a observação de outros trabalhos que estão sendo desenvolvidos.

A competição é umas das vias pelas quais os treinadores podem adquirir seus conhecimentos (DUFFY, 2006); porém, ela também é uma via de mão dupla. Os resultados obtidos nas competições dependem da eficácia do treinador na condução e gestão da relação entre atleta e alto rendimento. As funções do treinador são resultantes de um conjunto de competências advindas da mobilização,

produção e uso de diversos conhecimentos pertinentes. Esse conjunto de competências deve ser organizado e integrado em função da ação a desenvolver em cada situação de sua prática profissional (ROSADO, MESQUITA, 2008; MALLETT, 2011; MADURO, 2012).

A Participação em Competições traz outra peculiaridade em relação à Graduação, à Pós-Graduação e aos Cursos de Formação que são as situações de aprendizagem, as quais não se referem a diferentes formas de aprendizado, mas sim a situações distintas de aprendizagem a partir da perspectiva do próprio treinador (WERTHNER; TRUDEL, 2006).

Assim como na Experiência como Atleta, o treinador coloca-se ou numa situação de aprendizagem não Mediada ou numa situação de aprendizagem Interna, na situação Mediada, ele decidirá o que é importante ou útil, escolhendo o que aprender, sob sua própria iniciativa. Na situação Interna, o treinador não irá se deparar com uma nova informação; no entanto, julgará determinada situação importante para uma reconsideração de ideias existentes.

No ponto de vista da política, o suporte deve ser fornecido para maximizar a influência de fatores pessoais favoráveis. Ter o talento, o espírito e a dedicação são essenciais no esporte de alto rendimento internacional, mas os fatores no nível Meso estão tendo um impacto crescente nas chances de sucesso de um atleta individual. O apoio financeiro, suporte estrutural e oportunidades de treinamento, facilidades de treinamento e maiores quantidade de competições em diferentes são importantes (DE BOSSCHER et al, 2008).

#### **4.2.6 Formação Continuada**

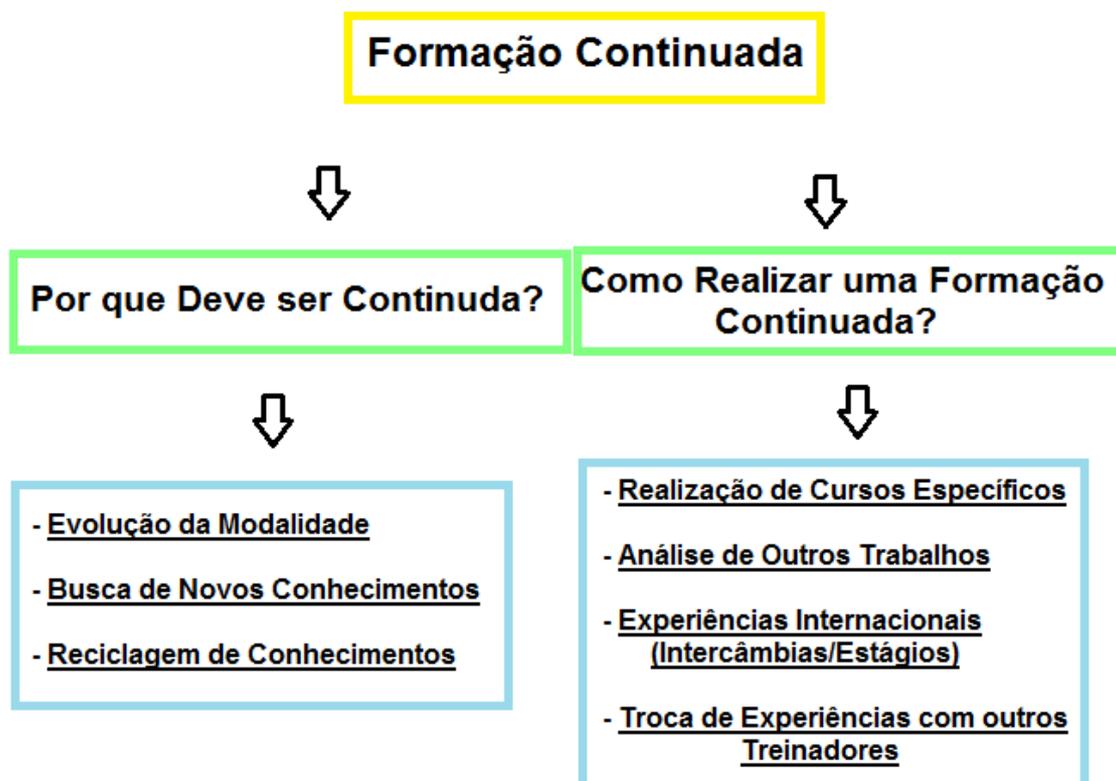
A profissionalização dos treinadores e a melhoria do processo de sua formação são primordiais para alcançar a excelência do esporte. São essenciais políticas esportivas com o intuito de estimular, regular, avaliar e monitorar cursos de formação de treinadores na tentativa de aperfeiçoar as suas intervenções, visto que o conhecimento dos treinadores e suas aplicações afetam diretamente o processo de treinamento (LYLE, 2002; RESENTE et al, 2014).

O Comitê Olímpico Brasileiro e as federações esportivas foram estabelecidos como as organizações responsáveis pela educação continuada dos treinadores. As Confederações Esportivas Brasileiras são instituições não governamentais

nacionais, constituídas por federações estaduais responsáveis pelo desenvolvimento dos esportes representando cada região do Brasil. Entretanto, não existe uma política esportiva nacional com relação à formação do treinador, permitindo que cada Confederação estabeleça suas próprias regras em relação ao desenvolvimento do esporte, sem considerar as diretrizes comuns ou iniciativas similares adotadas em outras partes do país (MEIRA; BASTOS; BÖHME, 2012).

A Formação Continuada foi um assunto desenvolvido durante as entrevistas e os treinadores consideram como fundamental esse processo. Porém, um treinador não comentou sobre esse assunto, o Treinador (Natação). A Formação Continuada gerou duas categorias quando realizada a análise da categoria Por que a formação deve ser Continuada e da categoria Como Realizar uma Formação Continuada. As categorias e subcategorias estão ilustradas na figura 24.

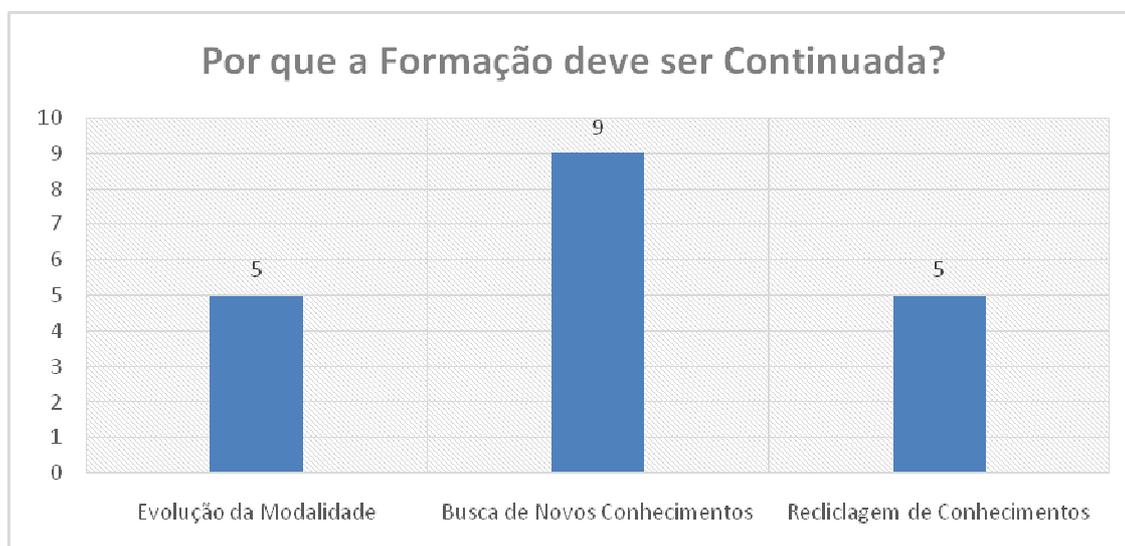
Figura 24: Categorias e Subcategorias da Formação Continuada.



A categoria Por que deve ser continuada determinou a formação de três subcategorias. Deve ser continuada devido à Evolução da Modalidade, da Busca de Novos Conhecimentos e da Reciclagem de Conhecimentos.

A categoria Como realizar uma formação continuada gerou quatro subcategorias. Uma Formação Continuada pode ser realizada através da Realização de Cursos de Específicos, da Análise de Outros Trabalhos, da Experiência Internacional (Intercâmbios/Estágios) e da Troca de Experiências com outros Treinadores.

Figura 25: Por que a Formação deve ser Continuada?



A subcategoria que destaca que a formação deve ser continuada devido à importância da busca de novos conhecimentos foi a mais comentada pelos treinadores. Durante a análise das entrevistas foram identificados nove treinadores abordando esse tema: Treinadores 3 (Tênis de Mesa), 4 (Taekwondo), 7 (Rúgbi), 8 (Triatlo), 9 (Badminton), 10 (Atletismo), 12 (Voleibol), 13 (Ginástica Artística) e 15 (Judô).

Treinador 3 (Tênis de Mesa):

Em 2018 continuo como coordenador, estou como técnico da seleção infantil e juvenil, atuando também em mirim e pré-mirim, cada vez evoluindo mais. Sempre buscando me atualizar. A maioria dos meus cursos foram em tênis de mesa, mas tenho outros cursos, como de educação física, de recreação, de preparação física, de emagrecimento, de gestão pelo Comitê Olímpico Brasileiro. De treinador em geral nunca fiz, mas o COB vai abrir um novo ciclo de formação de treinadores, que eu pretendo participar.

### Treinador 7 (Rúgbi):

A formação com certeza é continuada, é um processo que não acaba. A gente pode fazer cursos, que vão servir para aprender coisas novas, reciclar conhecimentos, ratificar outros.

### Treinador 8 (Triatlo):

É a busca do conhecimento, mas isso tem que ser uma constância, uma continuidade.

### Treinador 10 (Atletismo):

A formação de um treinador, assim como a de um treinador de alto rendimento nunca tem fim. A cada momento, a cada competição, a cada vislumbre, a cada contato com atletas e treinadores, estamos aprendendo e entendendo algum tipo de meio e/ou método, algum tipo de exercício que possa nos servir, enfim, o contato diário com atletas, treinadores, competições, vídeos, livros, internet nos traz subsídios para sermos melhores a cada momento. Sempre estou pensando em algo novo, em como posso melhorar o treino, o planejamento para determinado atleta.

As subcategorias que demonstram os outros motivos pelos quais os treinadores consideram importante a Formação Continuada são a Evolução da Modalidade e Reciclagem de Conhecimentos. As duas subcategorias obtiveram o mesmo destaque por parte dos treinadores. Cinco treinadores salientaram essas duas subcategorias; porém, a subcategoria foi destacada pelos Treinadores 1 (Ginástica Rítmica), 2 (Esgrima), 7 (Rúgbi), 14 (Futebol) e 15 (Judô), enquanto a subcategoria Reciclagem de Conhecimentos foi destacada pelos Treinadores 7 (Rúgbi), 8 (Triatlo), 9 (Badminton), 10 (Atletismo) e 12 (Voleibol).

### Treinador 1 (Ginástica Rítmica):

A gente estava acostumado a trabalhar com um tipo de exercícios e o código mudou completamente, perdemos muitas alunas porque já estavam na categoria adulta. Essas meninas se assustaram com o novo Código, porque tem uma proposta muito diferente. Tivemos que recomeçar de novo, trabalhando na direção da nova proposta do código.

### Treinador 2 (Esgrima):

O esporte segue vivo, a esgrima é uma mudança constante. Sempre há mudanças técnicas necessárias pra que se superem os adversários, então precisamos estar em constante formação e atualização.

### Treinador 15 (Judô):

Penso que aprender cada vez mais, estudar mais e conhecer novas formas de treinamento. Tudo evolui bem rápido, temos de estar sempre atualizados e isso se dá através da busca permanente de conhecimento.

### Treinador 7 (Rúgbi):

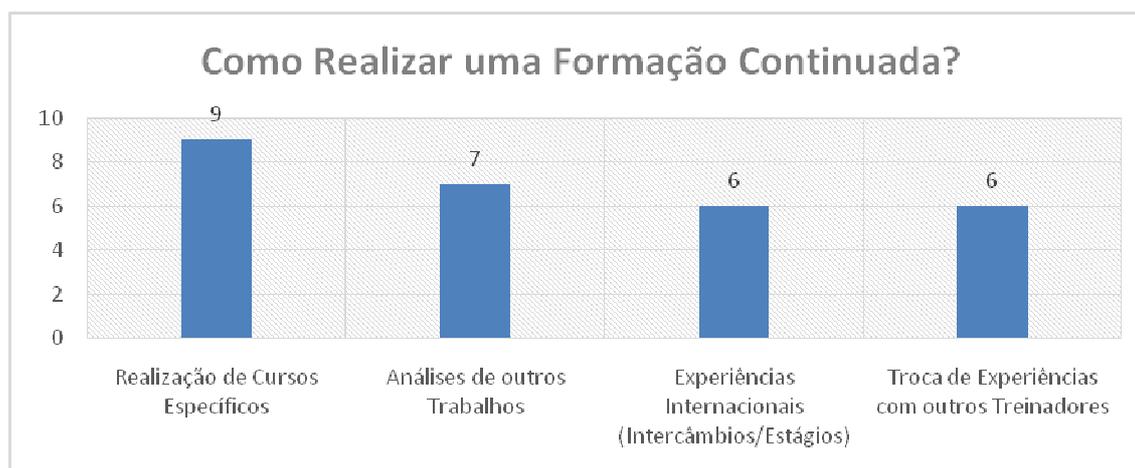
A formação com certeza é continuada, é um processo que não acaba. A gente pode fazer cursos, que vão servir para aprender coisas novas, reciclar conhecimentos, ratificar outros.

### Treinador 9 (Badminton):

Acho que tudo, é uma constante evolução. A maneira como se lida com o atleta, o planejamento dos treinos, tudo, é muito importante o treinador estar sempre se reciclando com relação aos seus conhecimentos.

Portanto, para os treinadores participantes do estudo, a formação deve ser continuada devido à evolução constante das modalidades, da permanente busca por novos conhecimentos e reciclagem dos conhecimentos já adquiridos.

Figura 26: Como Realizar uma Formação Continuada?



A Realização de Cursos Específicos parece ser para os treinadores participantes do estudo o meio mais usado para realizar uma Formação Continuada. Nove treinadores abordaram esse tema: Treinadores 1 (Ginástica Rítmica), 3 (Tênis de Mesa), 4 (Taekwondo), 7 (Rúgbi), 8 (Triatlo), 9 (Badminton), 12 (Voleibol), 13 (Ginástica Artística) e 14 (Futebol).

### Treinador 1 (Ginástica Rítmica):

Enquanto formação pessoal, eu sempre vim fazendo os cursos. Terminei a especialização, entrei como Professora Substituta. Entrei num grupo de pesquisa de pedagogia e psicologia do esporte, acabei fazendo a seleção para mestrado e fiz ele. Foi na área de pedagogia do Esporte e de psicologia do esporte. Terminando o mestrado, eu já entrei na seleção de doutorado, dando continuidade no meu mestrado eu trabalhei só com a parte das atletas, na parte de motivação, o quanto elas eram motivadas intrínseca ou extrinsecamente e o que levava à prática regular da ginástica. No doutorado me dediquei a questão do ambiente de treino e na questão da abordagem do treinador: como ele trabalhava à questão da teoria que eu estudo, relacionada no ambiente de treino.

### Treinador 12 (Voleibol):

E agora eu estou muito focado em fazer os cursos da federação internacional. Apesar de que como eu não tenho nenhum eu serei obrigado a fazer o nível 1. Eu sei que o nível 1 é muito básico. Aqui eu tenho o nível 3 e as exigências do curso de nível 3 da CBV são muito mais altas do que o nível 1 da federação internacional, mas esse é o processo e tenho que passar.

### Treinador 13 (Ginástica Artística):

Eu tenho nem sei quantos anos de carreira já, mas a gente sempre está aprendendo. Esse curso da FIG eu fiz categoria nível 3, em 2016. E nesse curso a gente sempre passa por situações de desafio. Você sabe ensinar determinado exercício, mas ali você tem que ensinar aquele exercício falando como você trabalha uma preparação física para aquilo, como você biomecanicamente analisa esse exercício para aplicar determinadas cargas de força dentro do seu sistema de treinamento. É desafiante.

A Análise de outros Trabalhos também demonstrou uma representatividade alta. Sete treinadores destacaram esse tema: Treinadores 2 (Esgrima), 3 (Tênis de Mesa), 7 (Rúgbi), 10 (Atletismo), 12 (Voleibol), 13 (Ginástica Artística) e 15 (Judô).

### Treinador 2 (Esgrima):

É preciso observar as provas mundialmente, estudar o que vem ocorrendo e trazer essas análises para dentro do trabalho.

### Treinador 3 (Tênis de Mesa):

Eu estou no início da minha caminhada, quero ir muito mais pra Europa e Ásia, observar muito mais treinamentos, viajar com atletas, aprender cada vez mais.

### Treinador 7 (Rúgbi):

Outra coisa importante é estar sempre observando a atuação de outros treinadores, não apenas de outros treinadores mas de outros profissionais do esporte, trocando ideias e tirando dúvidas.

A terceira subcategoria, Experiências Internacionais (Intercâmbios/Estágios), teve o destaque por parte de seis treinadores: Treinadores 2 (Esgrima), 3 (Tênis de Mesa), 4 (Taekwondo), 8 (Triatlo), 12 (Voleibol) e 14 (Futebol).

### Treinador 4 (Taekwondo):

Hoje faço muito intercâmbio na Europa, de 5 dias, com pessoas de mais de 20 países treinando juntos. Eu inclusive já dei treinos nesse camping. Nesse evento há treinos, palestras, workshops, cursos de arbitragem, de preparação psicológica, tudo o que o treinador precisa. Nossa equipe já frequenta esse camping desde 2014. A competição nos rankings olímpicos e mundiais também trouxe muita experiência, não só para mim, como também pros meus atletas.

### Treinador 14 (Futebol):

Eu saí do Tottenham, no período de estágio que fizemos por lá e eles tinham Adebayor, Bale, Giovani dos Santos, Pienaar. O Villas-Boas fazia um trabalho que era um toque só, com quatro goleiras. Era gol toda hora. Eu pensei: “Na Índia vou fazer igual com meus atletas.”. Com um toque não saía gol, dois toques não saía gol, começou a sair gol quando eu coloquei cinco toques. É a matéria-prima que tu tens, não dá para comparar com a parte técnica do Tottenham, então adaptei o que aprendi para minha realidade.

A última subcategoria é Troca de Experiências com outros Treinadores. Seis treinadores salientaram esse tema.

### Treinador 10 (Atletismo):

Certamente, conversas e cursos com treinadores mais experientes e com sucesso, nos ajuda muito, nos mostra novos meios de chegarmos onde queremos, com os resultados de atletas que treinam sob nossa orientação. Muito do que sei, devo as oportunidades que vivenciei com treinadores, em competições e atletas.

Portanto, a forma como os treinadores realizam a sua formação continuada parece se concentrar em quatro pontos: realização de cursos específicos; análises de trabalhos de outros treinadores; busca de experiências internacionais, através da

realização de intercâmbios e estágio; e pela troca de experiências com outros treinadores.

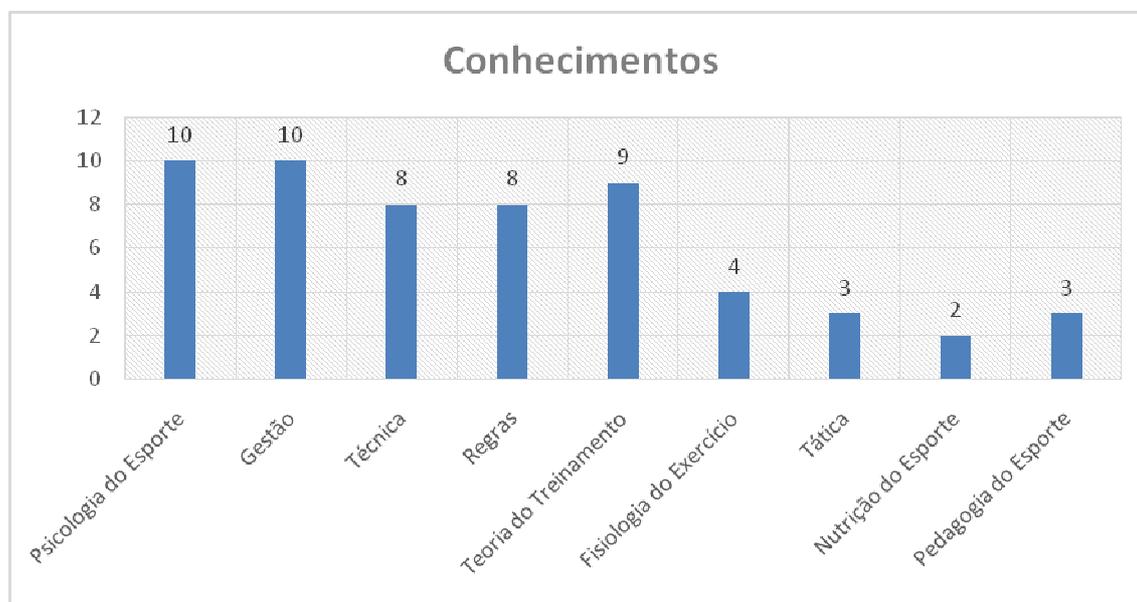
### 4.3 CONHECIMENTOS NECESSÁRIOS E MÉTODOS DE APRENDIZAGEM

#### 4.3.1 Conhecimentos do Treinador

O processo de formação de treinadores esportivos incorpora uma gama de conhecimentos necessários e passíveis de aprimoramento. A classificação de treinadores de desempenho, onde seus domínios são o treinamento de atletas emergentes, de atletas em nível médio e de atletas de alto rendimento, incorporam uma gama de conhecimentos mais específico ainda (GILBERT et al, 2006; RESENDE et al, 2014; LEFEBVRE et al, 2016).

A análise da entrevista trouxe quais conhecimentos os treinadores julgam importantes para um treinador de alto rendimento.

Figura 27: Conhecimentos necessários para um Treinador de Alto Rendimento segundo os Treinadores do Estudo



Os treinadores participantes do estudo destacaram nove conhecimentos como fundamentais para um treinador de alto rendimento. Cinco conhecimentos parecem destacar-se em relação aos outros: o conhecimento em Psicologia do

Esporte, em Gestão, da Técnica, das Regras e da Teoria do Treinamento. Dez treinadores evidenciaram a Psicologia do Esporte e a Gestão do Esporte. Nove treinadores destacaram a Teoria do Treinamento. Oito treinadores apontaram as Regras e a Técnica, específica de cada modalidade. Por fim, com quatro treinadores, ou menos, evidenciando a importância, estão os conhecimentos em Fisiologia do Exercício, da Tática, em Nutrição do Esporte e em Pedagogia do Esporte.

Os treinadores participantes do estudo evidenciaram nove conhecimentos como sendo fundamentais para o treinador de esporte de alto rendimento; entretanto, é importante analisar o que a literatura destaca como os saberes referentes ao treinador esportivo.

O *ICCE (The International Council for Coaching Excellence)* reconhece atualmente três grandes bases de conhecimentos do treinador esportivo: Conhecimento Profissional, Conhecimento Interpessoal e Conhecimento Intrapessoal. O Conhecimento Profissional será o mais explorado aqui na análise 3 devido às respostas dos treinadores serem direcionadas para esse segmento. Dentro dele encontra-se o conhecimento específico do esporte, Regras, Técnica e Tática, e o conhecimento das áreas afins que orientam o processo de ensino aprendizagem dos atletas: Pedagogia do Esporte, Fisiologia do Exercício, Anatomia, Psicologia do Esporte.

O Projeto *AEHESIS (Aligning a European Higher Education Structure In Sport Science)* identifica uma série de conhecimentos que são indispensáveis para a atividade do treinador: Regras, Gestão, Técnica, Tática, Nutrição do Esporte, Primeiros Socorros, Metodologia de Treino, Pedagogia de Esporte, Psicologia do Esporte, Sociologia, Biomecânica, Periodização, Teoria do Treinamento.

Além dos conhecimentos citados pelos documentos, alguns autores também especificam quais seriam os conhecimentos essenciais para o treinador. Abraham, Collins e Martindale (2006) salientaram os seguintes conhecimentos: Ciências do esporte (Psicologia do Esporte, Psicologia Geral, Sociologia, Biomecânica, Nutrição, Fisiologia do Exercício e Controle Motor), Técnico, Tático e Pedagogia do Esporte.

Egerland et al (2013) chegaram à conclusão de que sua amostra de treinadores necessita aperfeiçoar-se nos conhecimentos de Desenvolvimento Motor, de Biomecânica, de Fisiologia do Exercício e de Nutrição do Esporte. Entretanto, os treinadores parecem ter o domínio dos conhecimentos de Teoria do Treinamento, da

Técnica, da Gestão e da Ética no Esporte. Todos esses conhecimentos parecem ser necessários para o treinador esportivo.

Saíz et al (2005) destacaram o conhecimento técnico, teórico, prático, comunicativo e a gestão e liderança nas relações sociais estabelecidas com todos os membros da equipe esportiva.

Lyle (2002) evidenciou a importância dos conhecimentos nos campos Técnico, Tático, Físico, Psicológico e Ético dentro de uma modalidade esportiva.

Gould et al (2002) apresentaram uma relação de conhecimentos necessários para o treinador: Técnico, Tática, Psicologia do Esporte, Fisiologia do Exercício e Biomecânica.

Côté e Gilbert (2009) destacaram a importância dos seguintes conhecimentos: Tática, Fisiologia do Exercício, Biomecânica, Psicologia do Esporte e Pedagogia do Esporte.

Bento et al (1999) relevaram os princípios éticos que um treinador deve possuir: Qualidades como integridade, responsabilidade, dignidade, respeito pelos outros, competência, treinamento responsável e preocupação pelo bem-estar dos outros.

#### **4.3.2 Métodos de Aprendizagem**

Os métodos de aprendizagem, como já apresentados no estudo, são divididos em três tipologias: Aprendizagem Formal, Aprendizagem Não Formal e Aprendizagem Informal (NELSON et al, 2006).

A tabela 5 traz todos os meios pelos quais os treinadores participantes do estudo buscaram e adquiriram os seus conhecimentos.

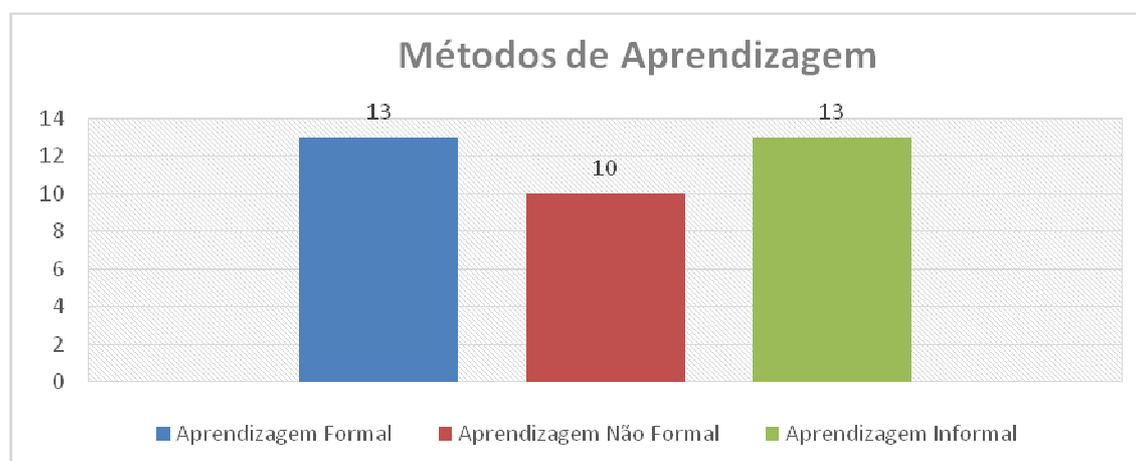
Tabela 5: Meios de Aprendizagem Destacados pelos Treinadores.

| Modalidade          | Graduação | Especialização | Mestrado | Doutorado | Estágio<br>Clínicas<br>Workshops | Curso<br>Formação | Competições | Ex-<br>Atleta |
|---------------------|-----------|----------------|----------|-----------|----------------------------------|-------------------|-------------|---------------|
| Ginástica Rítmica   | X         | X              | X        | X         | X                                | X                 | X           | X             |
| Esgrima             | X         | X              |          |           | X                                | X                 | X           | X             |
| Tênis de Mesa       | X         |                |          |           | X                                | X                 | X           | X             |
| Taekwondo           | X         | X              |          |           | X                                | X                 | X           | X             |
| Natação             | X         |                |          |           |                                  | X                 | X           | X             |
| Rúgbi               | X         |                |          |           | X                                | X                 | X           | X             |
| Triatlo             | X         |                |          |           | X                                | X                 | X           | *             |
| Badminton           | X         | X              |          |           | X                                | X                 | X           | X             |
| Atletismo           |           | X              |          |           | X                                | X                 | X           | X             |
| Voleibol            | X         | X              | X        |           |                                  | X                 | X           | X             |
| Ginástica Artística | X         | X              |          |           | X                                | X                 | X           | X             |
| Futebol             | X         | X              | X        |           | X                                | X                 | X           | X             |
| Judô                | X         | X              |          |           |                                  | X                 | X           | X             |

\*Obs: Treinador 8 (Triatlo) ainda é atleta.

As análises das entrevistas acarretaram em diferentes vias pelas quais os treinadores adquiriram os seus conhecimentos. As vias apresentadas na tabela 5 (Graduação, Especialização, Mestrado, Doutorado, Estágios/Clínicas/Workshops, Cursos de Formação, Participação em Competições e Experiência como Atleta) foram todas caracterizadas na análise 2 do presente estudo e demonstraram que, de diferentes modos, tiveram importância e contribuíram para a formação dos treinadores

Figura 28: Métodos de Aprendizagem mais usados pelos Treinadores.



Todos os treinadores passaram por algum tipo de processo de aprendizagem Formal. A Graduação e os Cursos de Formação de Treinadores podem ser os principais exemplos dessa via de aprendizagem. O Treinador 10 (Atletismo) não possui a Graduação em Educação Física; porém, possui um curso de treinamento de atletismo de um ano e meio, realizado na Alemanha, na Universidade de Mainz, o que também se caracteriza por uma aprendizagem formal. A Pós-Graduação, onde se incluem os cursos de Especialização, de Mestrado e de Doutorado, também se enquadram na via de aprendizagem formal.

A aprendizagem Formal é definida como algo que ocorre em um sistema educacional institucionalizado, cronologicamente graduado e hierarquicamente estruturado. Também são incluídos os cursos de certificação de treinadores em larga escala desenvolvidos pelos órgãos governamentais nacionais de esporte e cursos terciários relacionados à ciência de formação de treinadores esportivos (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

Dez treinadores passaram por algum tipo de processo de aprendizagem não formal, onde se enquadram as participações em clínicas, em *workshops* e seminários. Os Treinadores 5 (Natação), 12 (Voleibol) e 15 (Judô) informaram, durante as entrevistas, que não participaram desses eventos ao longo de sua carreira.

A aprendizagem não formal é definida como qualquer atividade organizada, sistemática e educacional realizada fora do quadro do sistema formal para fornecer tipos seletos de aprendizagem a grupos particulares na população. Aprendizagem não formal inclui conferências de treinamento, seminários, oficinas, clínicas e *workshops*. Apresenta uma característica importante que faz sua diferenciação com relação à aprendizagem formal: foca em um grupo particular a ser atingido pela sua metodologia (treinadores de alto rendimento, cursos curtos que fornecem uma área específica de interesse), apresentando fontes alternativas às da via de aprendizagem estruturada formalizada (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

Todos os treinadores passaram por algum tipo de processo de aprendizagem Informal: estágios, experiência como atleta, troca de experiências, pesquisas autônomas, observação de outros trabalhos e participação em competições, definida como o processo ao longo da vida pelo qual cada pessoa adquire e acumula conhecimentos, habilidades, atitudes e percepções das experiências diárias e exposição ao meio ambiente.

A pesquisa sobre formação de treinadores indica que os profissionais aprendem através de várias vias, incluindo experiência prévia como atleta, aconselhamento informal, experiência prática como treinador, busca de conteúdo na internet, manuais de treinamento, livros e artigos acadêmicos, além de interação com treinadores e atletas. Essas vias permitem ao treinador envolver-se em busca de conselhos, construção conjunta e transformações reflexivas com seus colegas para desenvolver estratégias para superar seus dilemas de aplicação na prática de trabalho (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

Os treinadores participantes do estudo apresentam 100% de participação em vias de aprendizagem formal. Entretanto, quando consideramos a importância e a contribuição da Graduação, Pós-Graduação e Cursos de Formação de Treinadores (aprendizagem Formal) com relação à importância e contribuição da Experiência como Atleta e Participações em Competições (aprendizagem Informal), podemos chegar a diferenças significantes.

Determinados treinadores deixaram bem claro que a Graduação não teve relação alguma com sua modalidade esportiva; porém, parece que a compreensão da importância de conteúdos abordados na graduação é relevante. A pedagogia esportiva, usada para estabelecer a didática correta com cada atleta; a fisiologia do exercício e a teoria do treinamento, para uma formulação correta e individualizada de treino; a psicologia esportiva, para uma melhor relação treinador e atleta; e a ética esportiva, foram conteúdos considerados como sendo a universidade um lugar específico de sua compreensão.

A Pós-Graduação parece proporcionar o começo da especialização em determinadas áreas. A contribuição mais relevante destacada pelos treinadores foi o aprofundamento da parte física do treinamento. A tendência é de aprofundamento de conteúdos; porém, não o aprofundamento de cada modalidade. Já os Cursos de Formação de Treinadores apresentam um aprofundamento nas questões de cada modalidade. Tendem a ter uma maior contribuição para a evolução da parte técnica e para a gestão de uma equipe multidisciplinar.

Para os treinadores do estudo, apesar da Experiência como Atleta ter uma importância no processo de suas formações, demonstrada tanto pela literatura quanto pelas análises das entrevistas, ela não parece ser fundamental. A Participação em Competições trouxe uma contribuição no processo de aprendizado e evolução, tanto do atleta quanto do treinador.

Também foi possível identificar uma contribuição para a avaliação do próprio trabalho do treinador. Com menos destaque por parte dos treinadores; entretanto, trazendo uma contribuição, estão a naturalidade obtida com maiores números de participações em competições, tanto do atleta quanto do treinador, e a observação de outros trabalhos que estão sendo desenvolvidos.

#### **4.3.3 Aproximação do Conhecimento Produzido pela Universidade com a Prática do Treinador**

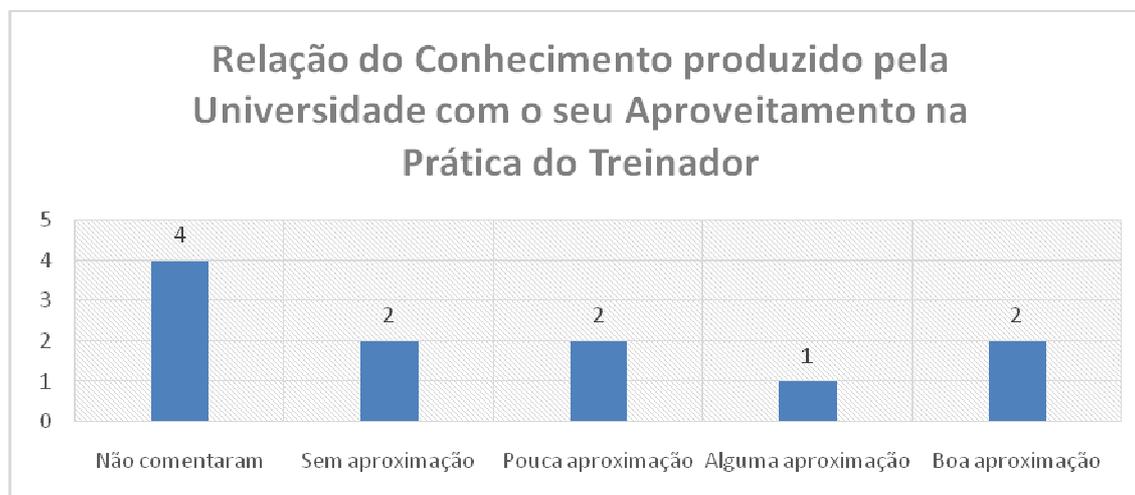
A literatura apresenta a importância da relação entre a teoria e a prática como um ponto fundamental para a formação do treinador de esporte de alto rendimento. Entretanto, o que ocorre muitas vezes é um afastamento da teoria dos saberes desenvolvidos na academia com a prática diária dos treinadores. A sua formação não deve seguir apenas guias genéricos e a reprodução de práticas adotadas por outros profissionais, mas sim buscar um modo de pensamento crítico o qual permita aos treinadores o desenvolvimento de suas próprias ferramentas processuais (CUSHION, ARMOUR, JONES, 2003; ROSADO, MESQUITA, 2007).

Devido à profissionalização do esporte e sua maior relevância na sociedade moderna, o papel do treinador acompanhou essas mudanças com um crescente interesse em práticas que desenvolvessem o potencial dos profissionais a fim de corresponder às exigências impostas pelo esporte de alto rendimento (CÔTÉ, 1998; CASSIDY; JONES; POTRAC, 2004; GOMES et al, 2011).

O Brasil parece apresentar uma estrutura ideal para alguns esportes olímpicos, pois os treinadores têm acesso a estruturas preparatórias e de desenvolvimento relevantes. Em contrapartida, não é possível afirmar que esta perspectiva, em longo prazo, prepare treinadores competentes para treinar em diferentes níveis do alto rendimento em todos os esportes.

Uma proposta a ser levada em consideração é a parceria entre Universidades e Confederações. As universidades brasileiras oferecem um diploma que se concentra no movimento humano, que fornece um conhecimento forte para aqueles que querem especializar-se no campo de treinamento; entretanto, a literatura sugere que um contexto de aprendizagem onde os treinadores são capazes de discutir, criticar e avaliar a sua prática seria o mais ideal, situações pouco desenvolvidas pelas universidades (ISCF, 2012; MILISTETD et al, 2014).

Figura 29: Relação do Conhecimento produzido pela Universidade com o seu Aproveitamento na Prática do Treinador.



A entrevista abordou esse assunto; porém, quatro treinadores não comentaram: Treinadores 3 (Tênis de Mesa), 4 (Taekwondo), 5 (Natação), 13 (Ginástica Artística). Os Treinadores 8 (Triatlo) e 9 (Badminton) responderam que não há nenhuma aproximação do conhecimento produzido pela universidade com as suas modalidades. O Treinador 8 (Triatlo) comentou que seria muito importante essa aproximação para as análises e as avaliações dos atletas.

Treinador 8 (Triatlo):

A aproximação com alguma universidade seria muito importante para a análise, para avaliações, mas isso ainda não é uma realidade, está muito distante.

Os Treinadores 10 (Atletismo) e 12 (Voleibol) comentaram que existe uma aproximação do conhecimento produzido na universidade com suas modalidades; porém, é pouca. Para o Treinador 12 (Voleibol), a aproximação com a universidade acaba sendo através de alguns estagiários que passam pelo clube.

Treinador 10 (Atletismo):

Muito pouco ou quase nada! No alto rendimento, a especialização é muito grande, na universidade, não temos tempo de passar por estes processos. Como comentei antes, na universidade é plantada uma semente, no resto, temos que correr atrás de livros, cursos, conversas com treinadores, trabalho de campo (experiências).

Treinador 12 (Voleibol):

Porque mesmo no bacharelado, pelos relatos que eu tenho, a coisa ainda é muito superficial. Não tem algo que seja para o treinamento, para formar o profissional que vai trabalhar com competição. Como é que é a realidade da competição da esgrima, do vôlei, do basquete? Geralmente no Brasil as ações são isoladas, por isso que nunca se forma uma política pública. Talvez fosse bom se a UFRGS, já que estamos falando da UFRGS, conseguisse fazer algum tipo de parceria com as confederações para fazer cursos e trazer o universo do treinador de alto nível. É claro que, como é graduação, tu vais ter que fazer uma coisa muito básica, pois o pessoal não tem a vivência. Mas eu acho que é a solução. O que eu vejo é o que aparece para nós, vou te dizer qual é a realidade: o que aparece para nós aqui é um pessoal que quer fazer um monte de coisa ao mesmo tempo.

Para o Treinador 15 (Judô), existe sim alguma aproximação do conhecimento produzido pela universidade com sua modalidade; entretanto, não pode ser considerada como boa.

Treinador 15 (Judô):

Acredito que teoria e prática devam andar lado a lado, uma dando subsídio à outra. Noto hoje em dia uma menor distância das pessoas que buscam a teoria, das pessoas que praticam. Quanto ao fato de ser um treinador de alto rendimento apenas com a experiência dos cursos, da universidade, penso que faltaria algo, o conhecimento teórico ensina muito e agrega de maneira extraordinária, mas para ser um treinador de alto rendimento, o mesmo deveria ao menos ter uma breve vivência na modalidade.

Já os Treinadores 1 (Ginástica Rítmica) e 2 (Esgrima) acreditam que existe uma boa aproximação dos conhecimentos produzidos pela universidade com suas modalidades. Para o Treinador 1 (Ginástica Rítmica), seu próprio trabalho de Mestrado e de Doutorado contribuíram na sua modalidade. As suas pesquisas proporcionaram uma mudança de abordagem, por sua parte, com relação à questão da motivação e adesão das atletas de Ginástica Rítmica.

Treinador 1 (Ginástica Rítmica):

De acordo com o meu estudo, dependendo da abordagem do treinador, tu consegue fomentar as necessidades psicológicas básicas que são essenciais para o desenvolvimento da pessoa, do ser humano. Através desses estudos, dessas leituras e dessas pesquisas que eu comecei a fazer, eu comecei a perceber que tinha umas coisas que eu não estava fazendo conforme essa teoria indicada. Então eu comecei a alterar um pouco a minha abordagem com as meninas, na intenção de pensar o que eu poderia fazer justamente para buscar essa adesão. Na universidade, quando eu fiz, havia a disciplina de G.R. Mas era uma cadeira muito básica, o que ela dava poderia se trabalhar em uma escolinha, em algum clube, mas tudo muito em nível de iniciação. Para trabalhar em um nível mais elevado foi preciso mais, principalmente os cursos específicos.

O Treinador 2 (Esgrima) acredita que os estagiários contribuem para a aproximação da universidade com a prática do treinador. A partir disso, Trabalhos acadêmicos foram desenvolvidos e os resultados foram usados no clube. Desafios do cotidiano aliados com a base teórica fazem com que o treinador eleve seu nível.

Treinador 2 (Esgrima):

Acho que a proximidade dos estagiários universitários com o clube vem tornando essa aliança real, há diversos trabalhos acadêmicos feitos no Clube e isso se torna uma via de mão dupla: Se faz pesquisa e os resultados são diretamente aproveitados pelo clube. Também estamos operando em um sistema de equipe multidisciplinar, diferente de antigamente, com psicólogos, fisioterapeutas, diversos profissionais de grande nível e que constroem o alto-rendimento coletivamente.

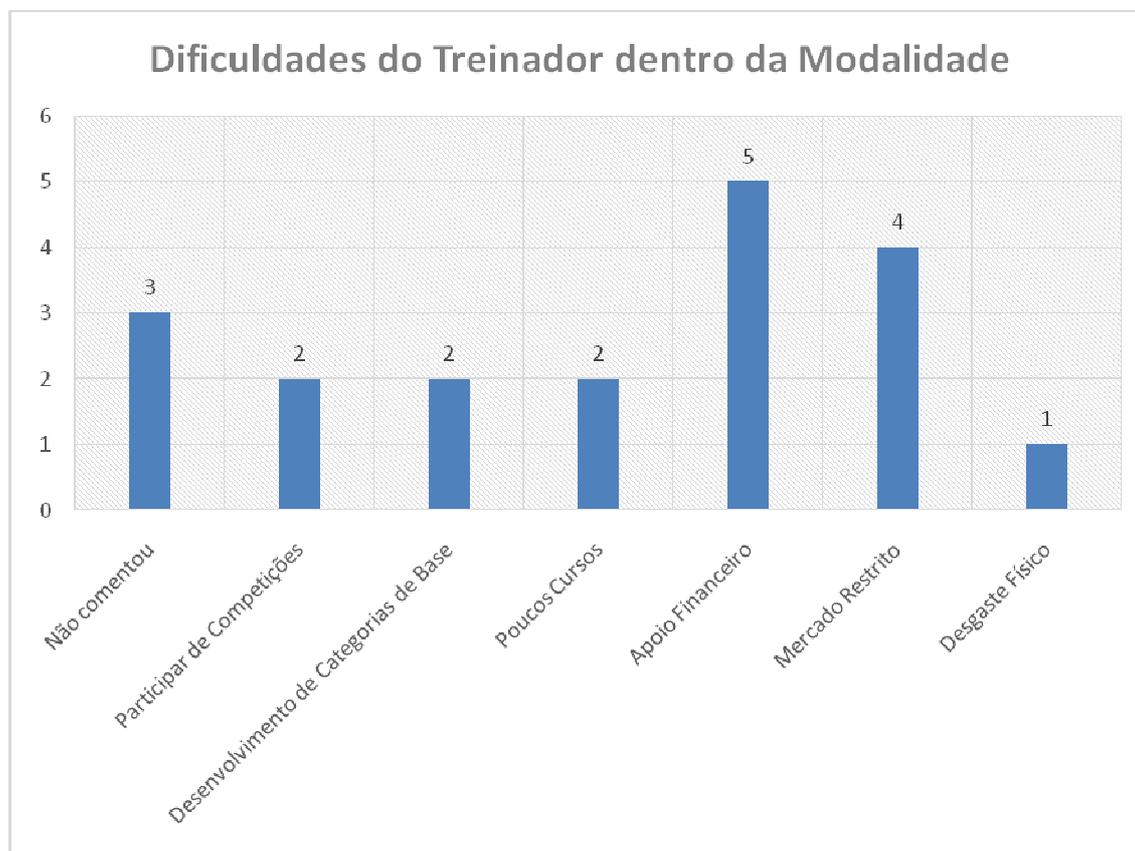
Eu não acredito na formação apenas teórica como determinante para se alcançar patamares altos em qualquer lugar, o que o indivíduo enfrenta no dia-a-dia e como ele vai aliar a teoria na transposição dessas barreiras é que vai colocar ele em um nível maior.

De maneira geral, a opinião dos treinadores participantes do estudo sobre a Aproximação do Conhecimento Produzido pela Universidade com a Prática do Treinador ficou dividida. Podemos observar que essa aproximação pode trazer alguns benefícios em relação à análise e avaliações de atletas, desenvolvimento de trabalhos com retorno prático para as modalidades e mudança de abordagem dos treinadores.

#### **4.3.4 Dificuldades na Formação**

As análises das entrevistas possibilitaram a abordagem de mais um assunto proposto nos objetivos específicos no estudo: identificar as facilidades e as dificuldades no processo de formação de treinadores de esportes olímpicos que atuam com atletas e equipes de alto rendimento do Rio Grande do Sul.

Figura 30: Dificuldades na Formação do Treinador de Esporte de Alto Rendimento do Rio Grande do Sul.



A análise das respostas dos treinadores gerou seis categorias que exemplificam as dificuldades no seu processo de formação. Deve-se destacar que três treinadores não comentaram sobre o assunto: Treinadores 4 (Taekwondo), 9 (Badminton) e 15 (Judô).

A dificuldade que obteve maior destaque por parte dos treinadores foi a falta de apoio financeiro. Cinco Treinadores abordaram esse assunto: 1 (Ginástica Rítmica), 2 (Esgrima), 3 (Tênis de Mesa), 10 (Atletismo) e 12 (Voleibol). A falta do apoio financeiro acarreta em outro tema que os Treinadores 1 (Ginástica Rítmica) e 5 (Natação) salientaram: a dificuldade em participar de mais competições.

Treinador 1 (Ginástica Rítmica):

Um bom resultado na G.R. requer muitas competições, e o Brasil é longe da Europa, que é o centro das competições. Quem financia essas viagens são os clubes. Se há 8 copas do mundo, o ideal é participar das 8 para adquirir um ranking internacional e ganhar reconhecimento, mas não há dinheiro pra manter tudo isso, então não conseguimos. O Brasil tem muito potencial, mas falta a atenção à formação dos treinadores e o apoio financeiro.

### Treinador 5 (Natação):

Existem vários clubes fechando, principalmente pelo preço das competições. Isso impede com que a natação cresça. Antigamente no Rio Grande do Sul haviam 10-12 clubes, hoje há 6. O custo elevado do esporte diminuiu a participação dos clubes e também o número de atletas e profissionais de alto rendimento

### Treinador 3 (Tênis de Mesa):

Na parte que conversamos, uma coisa que acho muito difícil é a questão das condições financeiras. Quando se fala a ser técnico de alto rendimento, isso não está vinculado à valorização financeira. Muitas vezes você tem um ou dois atletas, o que não desperta o interesse dos clubes. Se o técnico não tem pré-condições financeiras de investir em si, fica muito complicado. Eu tive essas oportunidades de ir em intercâmbios com a confederação brasileira, mas eu sou apenas um. Quase ninguém tem essas oportunidades. É complicado chegar em um nível alto sem essa condição financeira que permita que você corra atrás de seus sonhos.

Outro ponto salientado foi a questão do mercado do alto rendimento ser restrito. Os Treinadores 5 (Natação), 8 (Triatlo), 12 (Voleibol) e 14 (Futebol) abordaram esse tema durante a entrevista.

### Treinador 5 (Natação):

Acho que o mercado de trabalho do esporte de alto rendimento hoje, principalmente no Brasil, é muito restrito.

### Treinador 8 (Triatlo):

Acho que ainda tem muito pouco curso e acesso acesse para muita gente. Eu tive sorte de ter ido atrás, ter viajado, ter a experiência de atleta, mas o que ainda falta muito para muita gente é o acesso aos cursos.

### Treinador 12 (Voleibol):

Nos últimos 20 anos o vôlei praticamente ganhou tudo em nível mundial, mas a gente passa por muitas dificuldades. Tanto que eu já tive duas oportunidades para trabalhar em alto nível, com esporte profissional, onde em uma eu trabalhei a temporada inteira e quando fui renovar recebi uma proposta do União, onde era mais vantajoso para mim vir trabalhar aqui com categoria de base e ter uma segurança do que trabalhar num alto nível, sendo que lá tu trabalhas por temporada e é um nicho muito fechado, onde as vezes tu tem que “engolir” ou fazer coisas que não são da tua personalidade.

Os Treinadores 1 (Ginástica Rítmica) e 8 (Triatlo) também ressaltaram a pouca oferta de cursos em sua modalidade. E os Treinadores 1 (Ginástica Rítmica) e 2 (Esgrima) trouxeram a falta de conhecimento para o desenvolvimento das categorias de base e a pouca captação de atletas de base, o que acaba impactando na sua formação.

#### Treinador 1 (Ginástica Rítmica):

O Brasil tem muito potencial, mas falta a atenção à formação dos treinadores e o apoio financeiro. Temos alguns treinadores qualificados mas a maioria não sabe trabalhar a base. Sem a base, há muitas dificuldades lá na frente, desequilíbrio muscular, desvio postural... A G.R. trabalha separadamente os lados do corpo e na coreografia se usa o lado melhor, a preparação física tem que compensar isso. Não se percebe isso e não ocorre um desenvolvimento simétrico. Essa é a importância do conhecimento. Antes era muito pior, os cursos tem ajudado muito e há mais interesse em aprender, mas são necessários mais, como eu disse. Tem pessoas que abriam empresas pra fazer esses cursos e elas ganham fortunas, os cursos são bons mas muito caros.

#### Treinador 2 (Esgrima):

Há poucos lugares para a praticada Esgrima. Em São Paulo vemos o começo de instituições particulares, aqui em Porto Alegre temos o União e o Colégio Militar apenas. O ideal é que houvesse em diversas escolas, não são precisas superestruturas. A ideia da federação agora é justamente expandir na base. Captar atletas de uma base grande é um passo fundamental para o alto rendimento.

O Treinado 13 (Ginástica Artística) ainda destaca o desgaste físico como uma dificuldade na formação trazido pela sua atividade como treinador de esporte de alto rendimento. Muitas vezes o treinador deixa de realizar uma atividade complementar para sua formação devido ao desgaste físico.

#### Treinador 13 (Ginástica Artística):

O treinador tem diariamente um trabalho físico bruto. Em certas épocas de treinamento, para você ensinar uma criança você repete um determinado movimento cinquenta vezes, mas essas cinquenta vezes são multiplicadas por dez garotos que você trabalha. Fazendo força, não uma força extrema, mas muito repetitivo e com você ajudando esse garoto a fazer determinados exercícios.

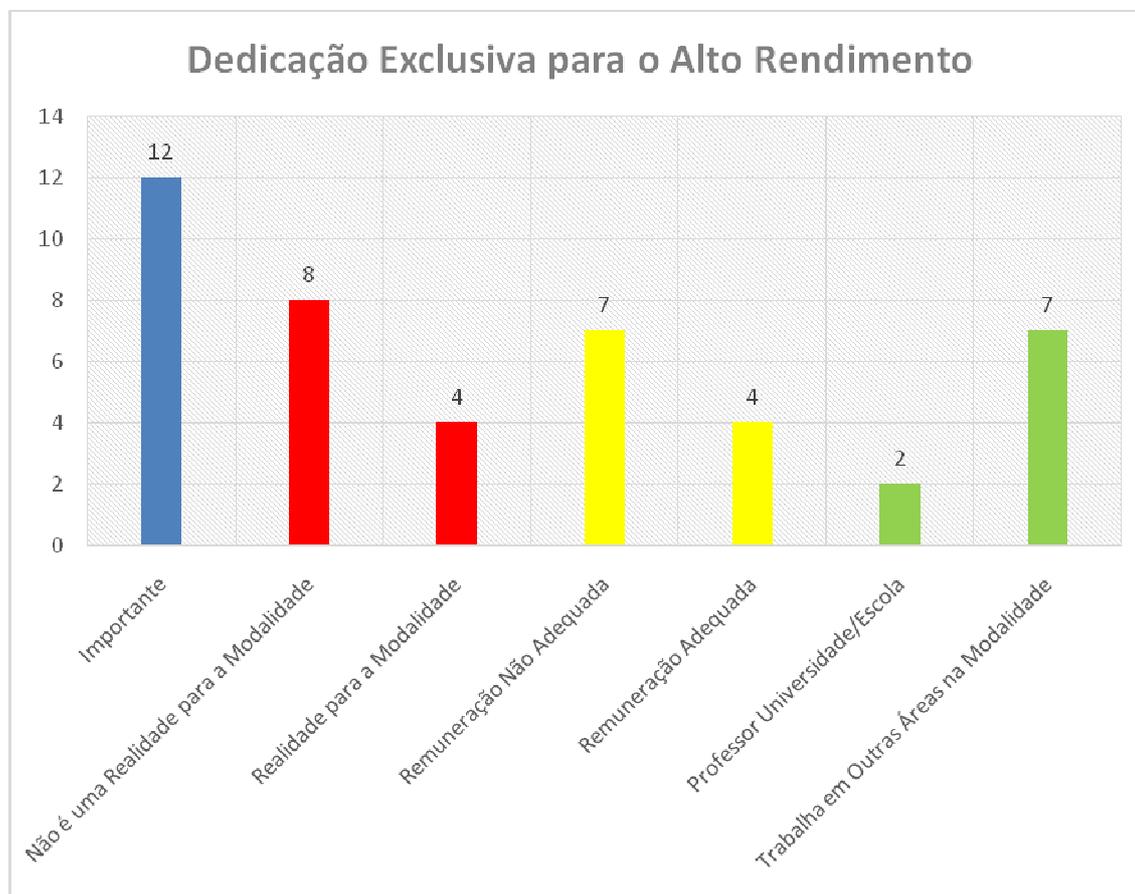
Deste modo, segundo os treinadores que participaram do estudo, suas principais Dificuldades na Formação são a falta de apoio financeiro, o mercado restrito do alto rendimento, a dificuldade em participar de inúmeras competições, a

pouca oferta de cursos para determinada modalidade, a falta de conhecimento para o desenvolvimento das categorias de base e a pouca captação de atletas de base e o desgaste físico da demanda do trabalho manual do Treinador de Ginástica Artística.

#### 4.3.5 Dedicção Exclusiva

Seguindo o tema dificuldades na formação, entramos em um assunto que os treinadores participantes do estudo destacaram ao serem entrevistados. A Dedicção Exclusiva não é apenas parte do processo de formação; já está inserida dentro de um contexto de atuação do treinador. Levando em consideração que a formação deve ser um processo continuado, a sua atuação como treinador é uma importante ferramenta para a formação continuada. Apesar de muitas vezes não ser uma realidade, o treinador de esporte de alto rendimento necessita de dedicação exclusiva para sua evolução e para a obtenção de melhores resultados.

Figura 31: Dedicção Exclusiva para o Alto Rendimento.



O Treinador 8 (Triatlo) não comentou sobre o tema. Todos outros treinadores consideraram a dedicação exclusiva como importante para o alto rendimento. Coluna azul representa o número de treinadores que consideraram importante a dedicação exclusiva. Apesar da importância destacada pelos treinadores, não é para todos uma realidade em seu contexto de trabalho.

Nas colunas vermelhas está exposta a quantidade de treinadores que têm a dedicação exclusiva como realidade dentro de seu contexto de trabalho e os que não têm essa realidade e acabam trabalhando em outros níveis dentro da modalidade ou em outros lugares. Oito treinadores não trabalham exclusivamente com o alto rendimento: Treinadores 1 (Ginástica Rítmica), 2 (Esgrima), 3 (Tênis de Mesa), 4 (Taekwondo), 5 (Natação), 9 (Badminton), 10 (Atletismo) e 15 (Judô). Já os Treinadores 7 (Rúgbi), 12 (Voleibol), 13 (Ginástica Artística) e 14 (Futebol) trabalham ou já tiveram a oportunidade de trabalhar, em sua modalidade, no âmbito no alto rendimento, com dedicação exclusiva.

Os doze treinadores participantes do estudo, que responderam sobre a dedicação exclusiva, comentaram também sobre sua remuneração ser adequada ou não, trabalhando exclusivamente com o alto rendimento. Somente o Treinador 5 (Natação) não comentou sobre esse tema. Nas colunas amarelas está exposta a quantidade de treinadores que recebe uma remuneração adequada e quantidade de treinadores que não recebem uma remuneração adequada.

Os mesmos treinadores que responderam não ser uma realidade ter dedicação exclusiva ao alto rendimento foram aqueles que responderam sobre não receber uma remuneração adequada, assim como aqueles treinadores que trabalham ou já trabalharam com dedicação exclusiva ao alto rendimento foram os que responderam que recebem ou recebiam uma remuneração adequada.

Abaixo estão as falas dos treinadores que não têm em sua realidade de trabalho a dedicação exclusiva para o alto rendimento:

Treinador 1 (Ginástica Rítmica):

Para o alto rendimento o treinador requer de uma dedicação exclusiva e nem sempre o treinador tem a disponibilidade, ainda mais porque não é bem remunerado, é uma rotina de atleta sem o retorno financeiro.

Treinador 3 (Tênis de Mesa):

É difícil no tênis de mesa se sustentar sem uma massificação, trabalhando com 50-60 alunos, o que acaba prejudicando o caminho ao alto rendimento. Pra exemplificar: Eu trabalhava em 4-5 lugares, como eu poderia fazer isso no alto rendimento? Eu tenho que ficar focado em um lugar só trabalhando 6-7 horas por dia. Às vezes temos vontade de fazer alto rendimento, mas não há condições. Agora eu tenho uma condição muito boa na Sogipa, mas não posso abrir mão de tudo pra ficar só na Sogipa. Não tenho o que reclamar do trabalho, mas ainda tenho que ter outros 2-3 lugares pra ter uma condição financeira boa.

#### Treinador 9 (Badminton):

Eu acho importante sim a dedicação exclusiva, porém as vezes inviável pelo o salário que se ganha.

#### Treinador 10 (Atletismo):

No atletismo é bastante difícil ter exclusividade para o alto rendimento por razões financeiras.

Abaixo estão as falas dos treinadores que possuem em sua realidade de trabalho ou possuíam, quando trabalharam com o alto rendimento, a dedicação exclusiva:

#### Treinador 7 (Rúgbi):

É essencial que um treinador de alto rendimento se dedique full time para o serviço dele. Não existe outra maneira de fazer isso, pela demanda e pela exigência que tem seu trabalho. Eu já trabalhei como treinador de alto rendimento. Trabalhei na confederação brasileira com um grupo de alto rendimento e a minha demanda era full time. Eu consegui assim ter um salário condizente com isso. Eu trabalhei com um grupo de alto rendimento e meu salário era de acordo com as demandas.

#### Treinador Voleibol:

Se o cara for um treinador de alto rendimento ele só pode trabalhar com isso. Eu não sei da realidade de outras modalidades, mas no vôlei o treinador de alto rendimento trabalha dois turnos, então é dedicação exclusiva. Não tem outra forma. Primeiro porque a cobrança é muito grande, já passa para outro nível. Os patrocinadores te cobram, tu tens que ter o resultado. É diferente de um trabalho de iniciação e se tu tens uma segunda atividade tu não vais conseguir dar conta do trabalho.

#### Treinador Futebol:

Eu acho muito importante a dedicação 100%. Se tu te dedicares 100% talvez não alcance o objetivo e se tu não te dedicares a chance de dar errado é muito grande, porque o futebol envolve muitas coisas fora do futebol. Hoje, passados já os nove anos, se eu tiver uma proposta de um time do interior, vamos supor que seja para o São Paulo, de Rio Grande, eu posso me dar ao luxo de ir lá, correr o risco de não receber, me dedicar 100% e não vai mudar muita coisa na minha vida. Vou te dar o exemplo de um treinador jovem que é muito meu amigo. Ele estava agora em um time do interior. Ele tem um potencial fantástico, porém não tem essa independência financeira para se dedicar 100%. Ele tinha um negócio de cachorro-quente, fechou tudo e foi. Eu disse para ele: “Não faz.”, ele disse: “Não, vai dar certo.”. Ele foi, ficou três meses e os caras mandaram ele embora. Agora ele está aí remando por que não tem esse aporte financeiro.

As colunas verdes mostram as outras atividades dos treinadores que não possuem dedicação exclusiva para o alto rendimento de sua modalidade. Como visto nas colunas vermelhas, são oito treinadores que não possuem dedicação exclusiva na sua modalidade. Dois deles lecionam em escolas e universidades, Treinadores 1 (Ginástica Rítmica) e 4 (Taekwondo). Sete treinadores trabalham em outros níveis de treinamento dentro sua modalidade: Treinadores 1 (Ginástica Rítmica), 2 (Esgrima), 3 (Tênis de Mesa), 5 (Natação), 9 (Badminton), 10 (Atletismo) e 15 (Judô). O Treinador 1 (Ginástica Rítmica) realiza as duas atividades, leciona na escola e na universidade e também trabalha com outros níveis de treinamento dentro da Ginástica Rítmica.

#### Treinador Ginástica Rítmica:

Atualmente dou aula em uma escola em Canoas, em um clube e na universidade, em função do pós-doutorado.

#### Treinador 2 (Esgrima):

Trabalho somente com esgrima. Mas atuo em escolinhas e equipes que não são de alto rendimento também.

#### Treinador 4 (Taekwondo):

Sou treinador da equipe da ACTKD/UCS (Associação Caxiense de Taekwondo) desde 2007 e atualmente também sou docente do curso de Educação Física da UCS.

#### Treinador 9 (Badminton):

Eu tenho a maior parte do tempo dedicado ao alto rendimento, porem dou mais duas ou três aulas para crianças que não tem nada a ver com treinamento.

Treinador 15 (Judô):

Atuo, além do alto rendimento, em outras áreas, como na formação em escolinhas e pré-equipes também.

A Dedicção Exclusiva tende a ser muito importante para a atuação dos treinadores; contudo, não são todos que possuem esse privilégio devido à questão financeira. Portanto, as suas atuações no alto rendimento parecem perder um pouco do foco na medida que necessitam de outras atividades para complementar a sua renda.

## 5 CONCLUSÃO

Com relação ao perfil geral, os treinadores de esporte olímpico de alto rendimento do Rio Grande do Sul, que se encaixaram nos critérios de inclusão do estudo, são, na sua maioria, homens. Todos são ex-atletas ou atletas dos esportes em que atuam como treinadores. O treinadores participantes do estudo são considerados experientes, com 10 anos ou mais de atuação. A graduação em Educação Física tende a ser a via de formação utilizada pelos treinadores. As Pós-Graduações (Especialização, Mestrado e Doutorado) tendem a ter uma representatividade menor na formação do treinador de esporte olímpico de alto rendimento do Rio Grande do Sul, com destaque para a especialização.

Os estágios, as clínicas e os *workshops* apresentam uma boa representatividade na formação dos treinadores. Muitas vezes é o momento em que os treinadores conseguem atuar na prática, usando os conhecimentos anteriormente adquiridos. Apesar de serem momentos mais curtos de formação, tem uma importante contribuição, devido ao caráter prático, às vezes pouco oferecido em cursos de graduação e pós-graduação. Os cursos de formação específicos de cada modalidade são a forma de obter conhecimento mais usada pelos treinadores.

Com relação à experiência como atleta para a formação do treinador, alguns consideraram de vital importância, enquanto para outros não. De maneira geral, a formação do treinador parece não depender diretamente de uma experiência como atleta, que tende mais a ser uma ferramenta de facilitação.

A contribuição efetiva foi dividida em três alicerces: a contribuição para a entrada no mercado de trabalho, a contribuição na parte técnica de cada modalidade, e, por fim, a contribuição de mais destaque dos treinadores, a percepção do treinador com relação às sensações do seu atleta, nos treinos e nas competições. Parece haver uma facilidade maior do treinador que foi um atleta para lidar com esses assuntos.

Sobre a importância da Graduação em Educação Física, embora alguns treinadores deixem bem claro que não houve relação alguma com sua modalidade esportiva, parece que a compreensão da importância de conteúdos abordados na graduação é relevante. Os exemplos dessa importância podem ser esclarecidos nas contribuições e nos conteúdos desenvolvidos no curso de graduação: a pedagogia esportiva, usada para estabelecer a didática correta com cada atleta; a fisiologia do

exercício e a teoria do treinamento, para uma formulação correta e individualizada de treino; a psicologia esportiva, para uma melhor relação treinador e atleta; e a ética esportiva, abordada como sendo a universidade um lugar específico de compreensão dessa área. A Graduação em Educação Física então se torna uma via de aprendizagem usada por quase todos os treinadores participantes do estudo, mais devido ao seu caráter obrigatório do que pelo seu caráter de contribuição.

A Pós-Graduação teve um maior destaque por parte dos treinadores na questão do foco específico, fazendo com que se diferenciassem da Graduação. A Pós-Graduação parece proporcionar o começo de uma especialização em determinadas áreas. A contribuição mais relevante destacada pelos treinadores foi o aprofundamento da parte física do treinamento. Os conteúdos mais salientados pelos treinadores estão dentro da parte do treinamento físico e da psicologia do esporte. Levando em consideração a contribuição e os conteúdos desenvolvidos na Pós-Graduação, por parte dos treinadores, a tendência é de aprofundamento de conteúdos; porém, não o aprofundamento de cada modalidade.

Já os Cursos de Formação de Treinadores tendem a oferecer a especificidade do esporte, trazendo então importância da parte técnica e a compreensão da importância da equipe multidisciplinar. Diferentemente da Pós-Graduação, os cursos de formação, a partir de suas próprias falas, tendem a levar ao treinador os conhecimentos mais específicos para o trabalho no alto rendimento, fazendo com ele perceba a diferença do alto rendimento com relação a outros níveis.

A contribuição dos cursos de formação, apesar de terem alguns pontos em comum com a Graduação (a aproximação da parte teórica com a parte prática e o aprimoramento das questões de treinamento físico) e outros pontos em comum com a Pós-Graduação (a especificidade da proposta e o aprimoramento das questões de treinamento físico) apresenta um aprofundamento nas questões de cada modalidade, contribuindo para a evolução da parte técnica e para a gestão de uma equipe multidisciplinar. Os cursos de formação desenvolvem de melhor maneira que a Graduação e a Pós-Graduação a parte prática. Os treinadores consideram muito importante a parte prática na hora de sua formação.

A Participação em Competições tende a ter um ponto, na parte da importância para a formação dos treinadores, diferente da Graduação, da Pós-Graduação e dos Cursos de Formação de Treinadores. Apesar de ser destacada a importância para o

domínio de atuação do treinador de alto rendimento, assim como na Graduação e nos Cursos de Formação, a Participação em Competições parece ser importante na obtenção do resultado, independentemente de qual meta de resultado proposta. As contribuições para os treinadores tendem a explicar essa importância para o resultado final.

Percebemos uma contribuição no processo de aprendizado e evolução, tanto do atleta quanto do treinador. Também é possível identificar uma contribuição para a avaliação do próprio trabalho do treinador. Com menos destaque por parte dos treinadores. Entretanto, trazendo uma contribuição, estão a naturalidade obtida com maiores números de participações em competições, tanto do atleta quanto do treinador, e a observação de outros trabalhos que estão sendo desenvolvidos.

A Participação em Competições também traz como importância a parte prática. Os treinadores participantes do estudo acreditam que seu processo de formação é constante. Desse modo, participar de competições torna-se uma ferramenta para melhorar a sua prática profissional, proporcionando melhores resultados dos seus atletas e de suas equipes.

Com relação ao processo de formação, todos os treinadores passaram por algum tipo de processo de aprendizagem Formal. A Graduação e os Cursos de Formação de Treinadores podem ser os principais exemplos dessa via de aprendizagem. Dez treinadores passaram por algum tipo de processo de aprendizagem Não Formal, onde se enquadram as participações em clínicas, em *workshops* e seminários. Assim como a aprendizagem Formal, todos os treinadores passaram por algum tipo de processo de aprendizagem Informal, estágios, experiência como atleta, troca de experiências, pesquisas autônomas, observação de outros trabalhos e participação em competições são alguns exemplos.

Com relação aos conhecimentos que os treinadores participantes do estudo consideram fundamentais para a sua atuação de um treinador de alto rendimento, foram destacados nove: o conhecimento da Psicologia do Esporte, da Gestão, da Técnica, das Regras, da Teoria do Treinamento, da Fisiologia do Exercício, da Tática, da Nutrição do Esporte e da Pedagogia do Esporte. A literatura também comenta, como um conteúdo de domínio de um treinador de alto rendimento, a Ética no esporte.

Portanto, devemos trazer um destaque negativo: nenhum dos treinadores participantes do estudo, quando questionados sobre quais conhecimentos são

essenciais para um treinador de esporte de alto rendimento, trouxe a Ética no esporte. A falta do domínio desse conteúdo pode ser observado tanto no seu comportamento quanto no comportamento de seu atleta ou equipe.

Com relação à Aproximação do Conhecimento Produzido pela Universidade com a Prática do Treinador, de maneira geral, a opinião dos treinadores ficou dividida. O Treinadores 8 (Triatlo) e 9 (Badminton) responderam que não há nenhuma aproximação do conhecimento produzido pela universidade com as suas modalidades. Os Treinadores 10 (Atletismo) e 12 (Voleibol) comentaram que existe uma aproximação do conhecimento produzido na universidade com suas modalidades; porém, é pouca. Para o Treinador 15 (Judô) existe sim alguma aproximação do conhecimento produzido pela universidade com sua modalidade; entretanto, não pode ser considerada como boa. Já os Treinadores 1 (Ginástica Rítmica) e 2 (Esgrima) acreditam que existe uma boa aproximação dos conhecimentos produzidos pelo universidade com suas modalidades.

Podemos classificar essa Aproximação do Conhecimento Produzido pela Universidade com a Prática do Treinador como ruim. A pouca aproximação que existe entre a universidade e a prática do treinador acontece, de maneira geral, devido ao intermédio de um estagiário, produzindo algum trabalho, levando a realidade dos treinadores para dentro da universidade e devolvendo alguns resultados para seu treinador no clube onde realiza seu estágio. Parece não haver um interesse direto de troca de informações entre a prática do treinador e estudos realizados nas universidades.

Com relação à Formação Continuada, para os treinadores do estudo, a formação deve ser continuada devido à evolução constante das modalidades, da permanente busca por novos conhecimentos e reciclagem dos conhecimentos já adquiridos. A forma como os treinadores realizam a sua formação continuada parece concentrar-se em quatro pontos: realização de cursos específicos; análises de trabalhos de outros treinadores; busca de experiências internacionais, através da realização de intercâmbios e estágio; e pela troca de experiências com outros treinadores.

Com relação às Dificuldades na Formação, segundo os treinadores participantes do estudo, são: a falta de apoio financeiro, o mercado restrito do alto rendimento, a dificuldade em participar de inúmeras competições, a pouca oferta de cursos para determinada modalidade, a falta de conhecimento para o

desenvolvimento das categorias de base, a pouca captação de atletas de base e o desgaste físico da demanda do trabalho manual do Treinador de Ginástica Artística.

O estudo possibilitou o levantamento de um assunto emergente na questão da formação: a Dedicção Exclusiva para o alto rendimento. A Dedicção Exclusiva tende a ser muito importante para a atuação dos treinadores; contudo, não são todos que possuem esse privilégio devido à questão financeira. Portanto, as suas atuações no alto rendimento parecem perder um pouco do foco na medida em que necessitam de outras atividades para complementar a sua renda.

Se considerarmos que a formação do treinador está em constante evolução e aprendizado, a dedicação exclusiva não entra apenas na questão da atuação, mas também na da formação. O estudo lida com o alto rendimento. Para os treinadores melhorarem sua formação no alto rendimento, a dedicação exclusiva passa a ser essencial. Participar de competições de alto rendimento, atuar na prática diária das equipes e atletas de alto rendimento e se preocupar apenas em se aprofundar nas questões técnicas, táticas e físicas do alto rendimento seria fundamental para os treinadores. Quando necessitam de outras atividades para complementarem a sua renda, essa evolução dentro do alto rendimento pode ser prejudicada.

## REFERÊNCIAS

- ABRAHAM, A.; COLLINS, D.; MARTINDALE, R. The coaching schematic: validation through expert coach consensus. **Journal of Sports Sciences**, London, v. 24, no. 6, p. 549-564, 2006.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p.
- BATISTA, P. M. F. **Discursos sobre a competência**: Contributo para a (re)construção de um conceito de competência aplicável ao profissional do desporto. Tese de Doutorado, FADE-UP-PT, 2008.
- BENTO, J.O.; GARCIA, R.; GRAÇA, A. **Contexto da Pedagogia do desporto: perspectivas e problemáticas**. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.
- BOHME, M.T.S.; BASTOS, F.C.(org.) **Esporte de alto rendimento: fatores críticos de sucesso – gestão – identificação de talentos**. São Paulo: Phorte, 2016.
- BRASIL, V. Z.; RAMOS, V.; DO NASCIMENTO, J. V. Propostas conceituais a respeito do conhecimento profissional do treinador esportivo de jovens. **Journal of Physical Education**, v.26, n.3, p. 483-493, 2015.
- BRASIL, V et al. A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. **Movimento**, v.21, n.3, p.815-829, 2015. dx.doi.org/10.22456/1982-8918.50773.
- BRAZIL. Law 8650. It regulates employment relations of the Professional Football Coach and takes other measures. **Diário Oficial da União** [Official journal of State. In Portuguese]. 1993. Retrieved from [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/1989\\_1994/l8650.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1989_1994/l8650.htm).
- BRAZIL. Law 9696. Physical Education Professional regulation. **Diário oficial da União [Official journal of State**. In Portuguese]. 1998. Retrieved April 21, 2015, from [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9696.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9696.htm).
- CASSIDY, T.; JONES, R.L.; POTRAC, P. **Understanding Sports Coaching: The Social, Cultural and Pedagogical Foundations of Coaching Practice**. 2.ed. London: Routledge, 2009.
- COMITÉ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Olympic charter. Lausanne: COI, 1997.
- COSTA, M. M. Esporte de alto rendimento: produção social da modernidade - o caso do vôlei de praia. **Soc Estado**, v.22, n.1, p.35-69, 2007.
- CÔTÉ, J. Coaching research and intervention: An introduction to the special issue. **AVANTE**, 4, 1-15, 1998.
- CÔTÉ, J.; GILBERT, W. An integrative definition of coaching effectiveness and expertise. **Int J Sports Sci Coach**, v.4, p. 307–323, 2009.

CÔTÉ, J. *et al.* The coaching model: A grounded assessment of expert gymnastic coaches' knowledge. **Journal of Sport and Exercise Psychology**, v.17, p.1-17, 1995.

CÔTÉ, J. *et al.* Towards a Definition of Excellence in Sport Coaching, **International Journal of Coaching Science**, v.1, n.1, p.3-17, 2007.

CUSHION, C. J.; ARMOUR, K.; JONES, R. Coach education and continuing professional development: Experience and learning to coach. **Quest**, Champaign, v. 46, p. 153-163, 2003.

CUSHION, C. J.; ARMOUR, K.; JONES, R. Locating the coaching process in practice: models for and of Coaching. **Physical Education and Sport Pedagogy**, Abingdon, v. 11, p. 83-99, 2006.

CUSHION, C. *et al.* **Coach learning and development: a review of literature** (Leeds, sports coach UK), 2010.

CALLARY, B; CULVER, D; WERTHNER, P *et al.* An overview of seven national high performance coach education programs. **Int Sport Coach J**, v.1, p. 152–164, 2014.

CUSHION, C. J.; ARMOUR, K. M.; JONES, R. L. Coach education and continuing professional development: Experience and learning to coach. **Quest**, v.55, n.3, p. 215-230, 2003.

DE BOSSCHER, V. *et al.* **The global sporting arms race: a international comparative study on sports policy factors leading to international sporting success.** Oxford: Meyer & Meyer Sport, 2008.

DE BOSSCHER, V *et al.* A Conceptual Framework for Analysing Sports Policy Factors Leading to International Sporting Success. **European Sport Management Quarterly**, v. 6, n. 2, p. 185–215, jun. 2006.

DE BOSSCHER, V. *et al.* Explaining international sporting success: an international comparison of elite sport systems and policies in six countries. **Sport Management Review**, v. 12, n. 3, p. 113–136, 2009.

DE BOSSCHER, V. *et al.* **Successful Elite Sport Policies: An international comparison of the Sports Policy factors Leading to International Sporting Success (SPLISS 2.0) in 15 nations.** Aachen: Meyer & Meyer Verlag, 2015a.

De ROSE, D.J.; DESCHAMPS, S.; KORSAKAS, P. Situações causadoras de “stress” no basquetebol de alto rendimento: fatores competitivos. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.13, n.2, p.217-29, 1999.

DIAS, M. H.; SOUSA, E. L. A. Esporte de alto rendimento: Reflexões psicanalíticas e utópicas. **Psicologia Social**, v.24, p.729–738, 2012.

DIGEL, H. **Comparison of successful sport systems.** 2005.

DUFFY, P. In K. Petry, K. Froberg e A. Madella (Eds.), **Thematic Report Project AEHESIS of the First Year**. Cologne: German Sport University, 2006.

EGERLAND, EM *et al.* Potencialidades e necessidades profissionais na formação de treinadores desportivos. **R. bras. Ci. e Mov**, v.21, n.2, p. 31-38, 2013.

ERICKSON, K *et al.* Gaining Insight into Actual and Preferred Sources of Coaching Knowledge. **Int J Sport Sci Coach**, v.3, n.4, p.527-38, 2008.

EVANS, MB *et al.* Coach development programmes to improve interpersonal coach behaviours: A systematic review using the re-aim framework. **Br J Sports Med**, v.49, p. 871–877, 2015.

GALATTI, LARISSA *et al.* Coaching in Brazil Sport Coaching as a Profession in Brazil: An Analysis of the Coaching Literature in Brazil From 2000-2015. **International Sport Coaching Journal**, v. 3, n. 3, p. 316-331, 2016.

GILBERT, W.; CÔTÉ, J.; MALLETT, C. Developmental paths and activities of successful sport coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.1 n.1, p. 69-76, 2006.

GILBERT, W; CÔTÉ, J. Defining coaching effectiveness: a focus on coaches' knowledge. In: GILBERT, W. (ed). **Handbook of sports coaching**. London: Routledge; 2013, p. 147-159.

GOMES, R. E. et al. Acesso à carreira de treinador e reconhecimento das entidades responsáveis pela formação: um estudo com treinadores portugueses em função do nível de escolaridade e da experiência profissional. **Revista da Educação Física**, Maringá, v. 22, n. 2, p. 185-195, 2011.

GOULD, D. *et al.* A survey of Us Olympic coaches: Variables perceived to have influenced athlete performances and coach effectiveness. **Sport Psychologist**, 2002.

GREEN, M.; OAKLEY, B. Elite sport development systems and playing to win: uniformity and diversity in international approaches. **Leisure Studies**, Colchester, v.20, p.247-67, 2001.

GREEN, M.; HOULIHAN, B. **Elite Sport Development: Policy Learning and Political Priorities**. London and New York: Routledge, 2005.

ICCE; ASOIF. **International sport coaching framework, version 1.1**. Champaign, IL: Human Kinetics, 2012.

INTERNATIONAL COUNCIL for Coaching Excellence (ICCE). **International Sport Coaching Framework Version 1.2**. Champaign: Human Kinetics, 2013.

JANSSEN, J.; DALE, G. **The seven secrets of succesful Coaches** – How to Unlock and Unleash your Team's Full Potential. North Carolina. Published by Winning the Mental Game, 2002.

JONES, R; ARMOUR, K; POTRAC, P. **Sports coaching cultures: from practice to theory**. London: Routledge, 2004.

JONES, R.; WALLACE, M. The coach as “orchestrator”: more realistically managing the coaching context. In: JONES, R. (Org.). **The sports coach as an educator: re-conceptualizing sports coaching**. Oxon: Routledge, 2006.

KIRK, D.; GORELY, T. Challenging thinking about the relationship between school physical education and sport performance, **European Physical Educational Review**, v.6, p.119134, 2000.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber**. Belo Horizonte: UFMG, 1999. 340 p.

LEFEBVRE, J. S. *et al.* Describing and classifying coach development programmes: A synthesis of empirical research and applied practice. **International journal of Sports Science & Coaching**, v.11, n.6, p.887-899, 2016.

LEMOS, I. N. **O treinador, conhecimento, concepções e prática**. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Porto. Porto, PT, 2003

LYLE, J., **Sports Coaching Concepts: A Framework for Coaches' Behaviour**, Routledge, London, 2002

MADURO, L. A. R. **A formação e a sua influência no papel do treinador de Judô no planeamento dos treinos e nas competições**. Porto: Faculdade de Desporto da Universidade do Porto FADEUP, 2011.

MALLET, Cliff. Quality coaching, learning and coach development. **Japanese Journal of Sport Education Studies**, v. 30, n. 2, p. 51-62, 2011.

MARQUES, M, G. **Psicologia do Esporte: aspectos em que os atletas acreditam**. Canoas: Ulbra, 2003.

MAZZEI, L. *et al.* Sport facilities for elite sport in Brazil: A preliminary study. **Revista Mineira de Educação Física**, 1(special issue), 1575–1574, 2012.

MAZZEI, L. *et al.* High performance sport in Brazil. Structure and policies comparison with the international context. **Gestión y Política Pública**, 2015.

McPHERSON, B.D.; CURTIS, J.E.; LOY, J.W. The social significance of sport: an introduction to the sociology of sport. **Human Kinectics**, Champaign, 1989

MEIRA, T. B.; BASTOS, F. C.; BOHME, M. T. S. Análise da estrutura organizacional do esporte de rendimento no Brasil: um estudo preliminar. **Revista**, 2012.

MILISTETD, M. *et al.* Coaches' development in Brazil: structure of sports organizational programmes. **Sports Coaching Review**, v.5, n.2, p. 138-152, 2016.

MILISTETD, M. *et al.* Coaching and coach education in Brazil. **International Sport Coaching Journal**, v.1, n.3, p. 165-172, 2014.

MILISTETD, M. *et al.* A Aprendizagem profissional de treinadores esportivos: Desafios da formação inicial universitária em educação física. **Pensar a Prática**, v. 18, n. 4, 2015.

NELSON, L. J.; CUSHION, C. J.; POTRAC, P. Formal, Nonformal and Informal Coach Learning: A Holistic Conceptualisation, **International Journal of Sports Science and Coaching**, 2006, 1, 247-253.

RESENDE, R. *et al.* Coach education in volleyball: a study in five countries. **Journal of Physical Education and Sport**, v.14, n.4, p. 475-484, 2014.

ROSADO, A. Um perfil de competências do treinador desportivo. In: SARMENTO, P.; ROSADO, A.; RODRIGUES, J. **Formação de treinadores desportivos**. Rio Maior: Escola Superior de Desporto de Rio Maior, 2000.

ROSADO, A.; MESQUITA, I. **A formação para ser treinador**. EnActas do 1º Congresso Internacional de Jogos Desportivos – Olhares e contextos da performance: da iniciação ao rendimento. Oporto. Sección Conferencias. Porto, 2007.

ROSADO, A.; MESQUITA, I. A formação para ser treinador. In: TAVARES, F. *et al.* (ed.) **Olhares e contextos da performance nos jogos desportivos**. Porto: Multitema, 2008. cap. 4, p.48-57.

SAIZ, S; CALVO, A.; CALVO, J. Factores asociados al desarrollo de la pericia em los entrenadores. **Efdeportes Revista Digital**. Buenos Aires, n. 88, 2005.

SANTOS, A. S. F. M.; MESQUITA, I. M. R. Percepção dos treinadores sobre as competências profissionais em função da sua formação e experiência. **Rev. bras. cineantropom. desempenho hum**, v. 12, n. 4, 2010.

SCHEMP, P.; McCULLICK, B.; SANNEN MASON, I. The development of expert coaching. In: JONES, R. (Org.). **The sports coach as an educator: re-conceptualizing sports coaching**. Oxon: Routledge, 2006.

Site. Disponível em: <http://portal.esporte.gov.br/institucional/historico.jsp>

Site. Disponível em: <http://www.planejamento.gov.br/servicos/faq/planejamento-governamental/plano-plurianual-ppa/o-que-e-a-ppa>

Site. Disponível em: <http://www2.esporte.gov.br/conferencianacional/resolucoes/ICNE.jsp>

Site. Disponível em: <http://hpsnz.org.nz/coaches/coach-accelerator-programme>

Site. Disponível em: <http://www.coach.ca/competitive-coaches-s15435>

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Basic of qualitative research: Techniques and Procedures for Developing Grounded.** 3.ed. London: Sage, 2008.

TALAMONI, G. A.; OLIVEIRA, F. I. S.; H, D. AS configurações do futebol brasileiro: análise da trajetória de um treinador. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 1, p. 73-93, 2013.

TAVARES JUNIOR, A. C. **A formação profissional e a aplicação dos modelos de periodização do treinamento desportivo, por treinadores de judô de atletas de elite.** Mestrado em Ciências da Motricidade - Instituto de Biociências do Câmpus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, 2014.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 2008.

WERTHNER, P.; TRUDEL, P. A New Theoretical Perspective for Understanding How Coaches Learn to Coach. **The Sport Psychologist**, v.20, p.198-212, 2006.

WERTHNER, P.; TRUDEL, P. Investigating the idiosyncratic learning paths of elite Canadian coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, 4, 433–450. 2009 doi:10.1260/174795409789623946

**APÊNDICE - ROTEIRO DE ENTREVISTA**

DATA:

LOCAL:

HORÁRIO INÍCIO:

HORÁRIO TÉRMINO:

| <b>CARACTERIZAÇÃO DO TREINADOR</b> |            |             |                      |
|------------------------------------|------------|-------------|----------------------|
| IDADE:                             | SEXO:      | MODALIDADE: | ANOS DE EXPERIÊNCIA: |
| NÍVEL COMO ATLETA:                 | EX-ATLETA: |             |                      |

- 1- A experiência como atleta contribuiu para a sua formação como treinador de esporte de alto rendimento? Em caso afirmativo, de que maneira ela contribuiu?
- 2- Caso tenhas realizado cursos de graduação, especialização, mestrado ou doutorado em Educação Física e Esporte, de que maneira estes cursos contribuíram para a sua formação como treinador de alto rendimento?
- 3- Além dos cursos já referidos, você realizou algum outro curso de formação de treinador? Em caso afirmativo, de que maneira ele contribuiu para a sua formação como treinador de alto rendimento?
- 4- Que outra(s) experiência(s), além das já referida(s), julgas que foi importante para a tua formação como treinador de alto rendimento?
- 5- Quais conhecimentos você considera determinantes para a atuação de um treinador de esporte de alto rendimento?
- 6- Acredita que exista relação entre os conhecimentos ensinados na universidade e os conhecimentos que você necessita no seu dia a dia como treinador de esporte de alto rendimento?
- 7- Qual a importância da participação em competições nacionais e internacionais para a formação de um treinador de esporte de alto rendimento?
- 8- O que acredita que falta para complementar ainda mais a tua formação?
- 9- Existe ainda algum assunto que consideras importante para a formação de um treinador de esporte de alto rendimento e que gostarias de destacar?